

**ANGELINA MOREIRA MELO**

**COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA): O QUE SUSTENTA A  
COMUNIDADE?**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

Orientador: Alair Ferreira de Freitas

**VIÇOSA – MINAS GERAIS  
2020**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da  
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

M528c  
2020 Melo, Angelina Moreira, 1992-  
Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) : o que sustenta a  
comunidade? / Angelina Moreira Melo. - Viçosa, MG, 2020.  
152 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Alair Ferreira de Freitas.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f.137-145.

1. Comunidades. 2. Representações sociais. 3. Capital social. I.  
Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Rural.  
Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. II. Título.

CDD 22 ed. 307

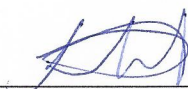
ANGELINA MOREIRA MELO

**COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA): O QUE SUSTENTA A  
COMUNIDADE?**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 14 de fevereiro de 2020.

Assentimento:



---

Angelina Moreira Melo  
Autora



---

Alair Ferreira de Freitas  
Orientador

Dedico este trabalho a meus pais e meu irmão que são o meu alicerce e o meu exemplo de força, coragem e superação.

## **AGRADECIMENTO**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Palavra e som são meus caminhos pra ser  
livre, e eu sigo, sim.  
Faço o destino com o suor de minha mão”  
(BELCHIOR, 1976).

## RESUMO

MELO, Angelina Moreira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, fevereiro de 2020.  
**Comunidade que Sustenta a agricultura (CSA): o que sustenta a comunidade?**  
Orientador: Alair Ferreira de Freitas.

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um fenômeno mundial que consiste em um sistema de comercialização de produtos agroecológicos que busca ir além de uma relação instrumental de venda direta, tendo como objetivo a constituição de uma comunidade que trabalhe de forma coletiva e que possua uma relação de confiança, reciprocidade e cooperação. Dessa forma, a presente pesquisa trouxe o seu escopo analítico para o âmbito da comunidade, tendo em vista que essa é uma grande lacuna nas pesquisas internacionais sobre a CSA e no contexto nacional a pesquisa caracteriza-se como inédita. O objetivo geral é analisar o processo organizativo que sustenta as CSAs de Belo Horizonte e Sete Lagoas e verificar se ele resulta na constituição de uma comunidade para as pessoas que integram essa experiência. A lente teórica da pesquisa está fundamentada nas representações sociais segundo Moscovici e Jodelet, no conceito de sociação cunhado por Georg Simmel e no capital social, segundo a perspectiva de Robert Putman. O percurso metodológico de investigação das experiências ocorreu por meio de uma pesquisa qualitativa que considera as subjetividades dos sujeitos e o seu papel central no sistema. Neste sentido, as CSAs foram analisadas segundo a dimensão relacional, que considera as relações e interações sociais dos sujeitos e a dimensão cognitiva, que investiga os sentidos e significados da CSA. Portanto, a pesquisa identificou o formato de funcionamento das CSAs, as representações sociais, a natureza das relações e os tipos de sociação constituídas entre os membros. Foi possível identificar que a comunidade constituída pelos membros das CSAs analisadas se caracteriza por integrar membros que se envolvem nas atividades do sistema e se relacionam de forma próxima, ao passo que outros membros optaram por um distanciamento das relações. Sendo assim, a comunidade que o sistema CSA constitui abarca não apenas as relações sociais de reciprocidade, confiança, pertencimento e cooperação, mas as relações instrumentais identificadas na pesquisa também são parte da comunidade que sustenta a agricultura. Portanto, há que se questionar a comunidade que a CSA propõe constituir em consonância com o que de fato ocorre empiricamente nas experiências, demonstrando que as diferentes formas de se relacionar no sistema constitui o que é a comunidade CSA.

**Palavras-chave:** Comunidade. CSA. Representações Sociais. Capital Social.

## ABSTRACT

MELO, Angelina Moreira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, February, 2020. **Community Supported Agriculture (CSA): What supports the community?** Adviser: Alair Ferreira de Freitas.

The Community Supported Agriculture (CSA) is a worldwide phenomenon that consists on a system of agroecological products marketing that seeks to go beyond an instrumental relationship of direct sale, with the objective of creating a community that works collectively and has a relationship of trust, reciprocity and cooperation. Thus, this research brought its analytical scope to the community, considering this a big gap in the international research on CSA and in the national context the research is characterized as unprecedented. The general objective is to analyze the organizational process that supports the Belo Horizonte and Sete Lagoas CSAs and to verify if it results in the constitution of a community for the people who integrate this experience. The theoretical lens of the research is based on social representations according to Moscovici and Jodelet, on the concept of sociation coined by Georg Simmel and on social capital, according to the perspective of Robert Putman. The methodological path of investigation of the experiences occurred through a qualitative research that considers the subjectivity of the subjects and their central role in the system. In this sense, the CSAs were analyzed according to the relational dimension, which considers the subjects' social relationships and its interactions and the cognitive dimension, which investigates the senses and meanings of the CSA. Therefore, the research identified the format of operation of the CSAs, the social representations, the nature of the relationships and the kinds of sociations formed between the members. It was possible to identify that the community constituted by the members of the analyzed CSAs is characterized by integrating members who are involved in the activities of the system and are closely related, while other members chose to distance themselves from the relationships. Thus, the community that the CSA system comprises includes not only the social relationships of reciprocity, trust, belonging and cooperation, but the instrumental relationships identified in the research are also part of the community that supports agriculture. Therefore, it is necessary to question the community that the CSA proposes to establish in line with what actually occurs empirically in the experiences, demonstrating that the different ways of relating in the system constitute what the CSA community is.

**Keywords:** Community. CSA. Social Representations. Social Capital.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01: Mapa das CSAs no Brasil.....	29
Figura 02: Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente.....	32
Figura 03: Representação do quadro analítico.....	51
Figura 04: Mapa das CSAs em análise.....	53
Figura 05: Representação da CSA Nossa Horta.....	56
Figura 06: Representação da CSA Cesta em Domicílio.....	56
Figura 07: Síntese do processo de gestão da CSA Nossa Horta.....	60
Figura 08: cargos para o funcionamento da CSA Nossa Horta.....	65
Figura 09: Síntese do processo de gestão da CSA Nossa Horta.....	68
Figura 10: Gráfico de formas de acesso a CSA Nossa Horta.....	72
Figura 11: O funcionamento da CSA Cesta em Domicílio.....	79
Figura 12: Síntese do processo de gestão da CSA Cesta em Domicílio.....	83
Figura 13: Representação da CSA Nossa Horta.....	95
Figura 14: Representação da CSA Cesta em Domicílio.....	99
Figura 15: Caminho analítico para investigar a natureza das relações sociais da CSA.....	101
Figura 16: As formas de participação na CSA - membros da CSA Nossa Horta.....	103
Figura 17: Frequência de comunicação entre os membros da CSA Nossa Horta.....	106
Figura 18: Canais de comunicação utilizados na CSA Nossa Horta.....	107
Figura 19: Relações sociais que os entrevistados consideram constituir na CSA Nossa Horta.....	109
Figura 20: As relações sociais durante o caminho de ascensão e declínio da CSA Cesta em Domicílio.....	114
Figura 21: caminhos para a integração dos membros e melhorias no funcionamento da CSA.....	119

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 01: As dissertações e teses sobre a CSA no Brasil.....	30
Quadro 02: Os objetivos da pesquisa em consonância com as técnicas de coleta de dados.....	55
Quadro 03: Especificação da coleta de dados.....	57
Quadro 04: Categorias de análise.....	59
Quadro 05: Aspectos de funcionamento da CSA Nossa Horta.....	64
Quadro 06: Aspectos de funcionamento da CSA Cesta em Domicílio.....	77
Quadro 07: O processo de funcionamento das CSAs em análise.....	87
Tabela 01: As representações sociais sobre a CSA Nossa Horta.....	90
Tabela 02: Onde os membros da CSA Nossa Horta se enxergam.....	95
Tabela 03: As representações sociais sobre a CSA Cesta em Domicílio.....	97
Tabela 04: Onde os membros da CSA Cesta em Domicílio se enxergam.....	99

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CSA - Comunidade que Sustenta a Agricultura

CCCA - Circuito Curto de Comercialização de Alimentos

MG – Minas Gerais

UFSJ/CSL - Universidade Federal de São João Del Rei

URGENCI - Rede Internacional de Agricultura Apoiada pela Comunidade

ADAO - Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica

CHD - Classificação Hierárquica Descendente

ST - Segmentos de textos

PANCs - Plantas Alimentícias não Convencionais

PNAE - Programa Nacional de Alimentação Escolar

SMS - Mensagem de texto

SIT - Semana de Integração Tecnológica

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 O problema de pesquisa e as justificativas .....	15
1.2 O interesse pela pesquisa e a relação da pesquisadora com a CSA.....	18
1.3 Objetivos.....	19
1.3.1 Objetivo Geral .....	19
1.3.2 Objetivos Específicos .....	19
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA).....	20
2.1 Os Sistemas Agroalimentares e o Circuito Curto de Comercialização de Alimentos.....	20
2.2 Panorama Histórico: surgimento, constituição e formatos de gestão da CSA .....	23
2.3 Conceitos e Especificidades da CSA.....	26
2.4 A CSA no contexto brasileiro.....	27
2.5 O foco das pesquisas sobre a CSA no Brasil.....	29
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....	33
3.1 A Comunidade e as interações sociais no âmbito da CSA .....	34
3.2 A teoria das Representações Sociais .....	39
3.3 O capital Social.....	42
3.3.1 Redes Sociais.....	45
3.3.2 Confiança e Pertencimento .....	46
3.4 Quadro Analítico .....	48
4 O PERCURSO METODOLÓGICO .....	51
4.1 Contextualização do universo empírico .....	52
4.2 Os métodos da pesquisa.....	53
4.2.1 Coleta dos dados.....	54
4.2.2 Análise dos dados .....	58
5 SOCIOGÊNESE DAS EXPERIÊNCIAS E AS DINÂMICAS ORGANIZATIVAS DA CSA .....	61
5.1 Contextualização da CSA Nossa Horta: o surgimento, a constituição e o seu funcionamento. ....	61
5.1.1 O processo de gestão e a trajetória dos atores para acesso à CSA Nossa Horta .....	66
5.2 Contextualização da CSA Cesta em Domicílio: o surgimento, sua constituição, seu funcionamento e o seu encerramento .....	75
5.2.1 O processo de gestão e a trajetória dos atores para acesso a essa experiência .....	81

5.2.2 Reflexão sobre o processo organizativo das CSAs em análise .....	85
6. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CSA .....	89
6.1 As representações sociais da CSA Nossa Horta.....	90
6.2 As representações sociais da CSA Cesta em Domicílio.....	96
7 ESTRUTURA E NATUREZA DAS RELAÇÕES .....	100
7.1 Estrutura e natureza das relações na CSA Nossa Horta .....	100
7.2 Estrutura e natureza das relações na CSA Cesta em Domicílio .....	110
8 A COMUNIDADE NO CONTEXTO DAS CSAS.....	115
8.1 A comunidade no contexto da CSA Nossa Horta.....	116
8.1.1 Relação de Reciprocidade .....	123
8.1.2 Relação instrumental .....	125
8.1.3 Relação de individualização .....	126
8.2 A comunidade no contexto da CSA Cesta em Domicílio .....	127
8.2.1 Relação de reciprocidade.....	129
8.2.2 Relação instrumental .....	131
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	137
APÊNDICE .....	146

## 1 INTRODUÇÃO

A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) é um sistema<sup>1</sup> de abrangência internacional que surgiu no Japão na década de 1960, e desde então tem percorrido o mundo. Iniciado na Europa no ano de 1970 e nos Estados Unidos em 1985 passou por transformações e se reconfigurou, adaptando-se aos novos contextos e ganhando visibilidade. Atualmente ela está presente nos cinco continentes do planeta com nomenclaturas e configurações variadas, tendo como fator comum os pressupostos que representam sua base ideológica. No Brasil, esse sistema foi implementado no ano de 2011 no estado de São Paulo, e encontra-se atualmente em um processo de expansão pelo país.

As CSAs de todo mundo se conectam a partir de seus pressupostos ideológicos, que são: (i) produzir alimentos para restaurar a soberania alimentar local para todas as regiões e comunidades em todo mundo; (ii) defender a saúde por meio do fornecimento de alimentos saudáveis, seguros, nutritivos e minimamente processados, sem adição de produtos químicos; (iii) construir comunidades que sejam socialmente justas e sustentáveis, de forma que haja responsabilidade cívica nas relações econômicas para se estabelecer uma rede social de solidariedade, confiança e cooperação entre agricultores e consumidores; (iv) abordar questões ambientais e de mudança climática através da construção harmônica entre o homem e a natureza (URGENCI, 2018).

Para a organização e funcionamento desse sistema, os consumidores passam a ser denominados de coprodutores, uma vez que participam dos riscos e benefícios da produção ao se comprometerem em realizar um pagamento mensal e antecipado, para que os agricultores obtenham o capital necessário para a manutenção dos plantios sem necessidade de acesso a algum tipo de linha de financiamento. Em contrapartida, os agricultores fornecem, semanalmente, a sua produção para os coprodutores sob a forma de cestas de hortaliças, sendo produtos frescos, da estação e produzidos de forma agroecológica (COOLEY; LASS, 1998; CASTELO BRANCO, et al., 2011; CSA BRASIL, 2017).

Nesse sentido, a CSA busca ir além de uma relação instrumental de venda direta entre agricultores e consumidores, o objetivo é a construção de um trabalho coletivo baseado em uma comunidade que possua laços de confiança e pertencimento, em que agricultores e

---

<sup>1</sup>No presente trabalho será utilizada a palavra sistema para descrever a CSA. Compreende-se que etimologicamente essa palavra significa: Reunião de vários elementos que, concretos ou abstratos, se interligam de modo a formar um todo organizado. Fonte: <https://www.dicio.com.br/sistema/>

coprodutores assumam funções específicas para a manutenção do sistema. Desta forma, a constituição da CSA caracteriza-se pela sua contraposição ao modelo mercantil do sistema agroalimentar hegemônico, no qual os autores Friedmann (1993); Wilkinson (2002); Riches e Schneider (2015) contextualizam que, ao longo do tempo, o setor agroalimentar – devido ao processo de industrialização da produção agrícola – passou a priorizar a durabilidade dos alimentos para aumentar a vida de prateleira e resistência a transportes de longa distância.

Desse modo, as transformações elucidadas pelo sistema agroalimentar evidenciam a padronização e a construção de uma estética dos alimentos que restringe o acesso de agricultores menos capitalizados para o escoamento da sua produção (CRAVIOTTI, 2013). Neste contexto, a CSA se insere no âmbito do sistema agroalimentar alternativo, que é contrário ao modelo agroindustrial e que se propõe a desenvolver e fortalecer canais de comercialização de alimentos que priorizem a valorização do local e dos formatos de venda direta através de associações e parcerias entre agricultores e consumidores (LAMINE, 2010).

De forma a exemplificar um canal de comercialização dentro do sistema agroalimentar alternativo, tem-se o Circuito Curto de Comercialização de Alimentos (CCCA), em que a CSA é um exemplo. Dessa maneira, ambos CCCA e CSA caracterizam-se pela busca da ressocialização das relações através do contato direto entre o agricultor e o consumidor, o local de origem da produção e suas tradições, no qual novos tipos de oferta e demanda são constituídos tendo como base o comércio justo e distribuição de produtos de origem agroecológica (MARSDEN et al., 2000).

Nesse contexto, analisar o sistema CSA significa compreender que ele se insere em um ambiente contra-hegemônico de produção-comercialização-consumo e, além disso, transita entre os âmbitos econômicos, sociais, filosóficos e ambientais. No entanto, apesar da sua relevância dentro do sistema agroalimentar alternativo e do CCCA, a CSA apresenta contradições inerentes aos seus pressupostos no âmbito da comunidade.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que autores como Lamb (1994) e Attra (2006) salientam a importância da constituição da comunidade para que haja o desenvolvimento dos pressupostos da CSA, há autores como Groh e McFadden (1997); Lang (2010) e O'Hara e Stagl (2002) que evidenciam empiricamente que quando há a constituição de uma comunidade, com exceção de casos raros, ela se apresenta de maneira rasa.

Nesse ínterim, a presente pesquisa pretende trazer o seu escopo analítico para o âmbito da comunidade, propondo compreender se o sistema CSA de fato contribui para a sua constituição. Dessa maneira, a lente teórica utilizada para identificar esse fenômeno se

caracteriza por possuir uma dimensão relacional que foca no âmbito das relações sociais por meio do conceito de Capital Social (e seus desdobramentos Redes Sociais, Confiança e Pertencimento), principalmente, na perspectiva de Robert Putman. E uma dimensão cognitiva que compreende os sentidos e significados das experiências, na qual abarca a teoria das Representações Sociais, segundo Moscovici e Jodelet e o conceito de Sociação cunhado por Georg Simmel.

As experiências analisadas localizam-se no estado de Minas Gerais e se destacam por sua singularidade. A CSA de Belo Horizonte está localizada em um grande centro urbano e foi implementada a partir da iniciativa da sociedade civil. A CSA de Sete Lagoas possui como pano de fundo a agricultura urbana e as hortas comunitárias da cidade, na qual se localiza a CSA que foi implementada através da iniciativa de um grupo de agricultores urbanos. Portanto, o intuito é tornar evidente a comunidade que está sendo constituída, tendo em vista que a literatura nacional, até o momento, não analisou nenhuma CSA por esse enfoque.

### **1.1 O problema de pesquisa e as justificativas**

Para melhor compreensão do objeto de estudo pelo âmbito da comunidade, realizou-se uma revisão de literatura que buscou identificar a importância da CSA e as produções acadêmicas internacionais e nacionais que discutam a comunidade no contexto da CSA. De acordo com Lamb (1994), as pesquisas internacionais iniciaram-se na década de 1990 resultando atualmente em um amplo leque de autores que analisam a CSA. Já na literatura nacional, as pesquisas são recentes e os primeiros trabalhos foram publicados a partir do ano de 2011 (CASTELO BRANCO et al, 2011).

Em uma revisão da literatura<sup>2</sup> realizada na Biblioteca Brasileira de Dissertações e Teses da Capes foram encontradas 08 dissertações e 02 teses, publicadas entre os anos de 2016, 2017 e 2018. De modo geral, as pesquisas analisam os seguintes aspectos: (i) a CSA como uma tecnologia social e os impactos da sua reaplicação; (ii) aspectos técnicos sobre a sustentabilidade da produção orgânica com o foco na água e sobre o processo de transição agroecológica em que os agricultores da CSA estão inseridos; (iii) a natureza das relações entre agricultor-agricultor e agricultor-coprodutor; (iv) comparação das experiências de CSA

---

<sup>2</sup>A revisão da literatura foi realizada no dia 05 de junho de 2019. Foram selecionados trabalhos que continham no título ou no resumo as palavras: CSA; Community Supported Agriculture e Comunidade que Sustenta a Agricultura.

no Brasil e na Alemanha, com foco nos aspectos econômicos, sociais e ambientais (ECKERT, 2016; ROTOLI, 2016; TORRES, 2017; MARTINS, 2017; NEVES, 2017; SANTANA, 2018; AMORIM, 2018; BENINI, 2018; OLIVEIRA, 2018; AGUIAR, 2018).

Quanto aos artigos nacionais, poucos foram identificados e em sua grande maioria já contidos nas dissertações citadas acima. De modo geral, os trabalhos apresentam um panorama das experiências de CSA no Brasil, traçando o seu perfil histórico, as definições conceituais, as possibilidades para os agricultores e consumidores e o seu impacto positivo para o meio ambiente. Além disso, há trabalhos que apresentam uma avaliação das experiências, descrevendo as ações metodológicas utilizadas na implementação das CSAs e apresentando a descrição dos avanços econômicos, sociais e ambientais. Os trabalhos destacam que a CSA encontra-se em um processo de expansão pelo país e atinge positivamente agricultores e consumidores (CASTELO BRANCO et al, 2011; POHLMANN, 2013; NETO, TORUNSKY, 2014; TORUNSKY et al, 2016; NETO et al, 2016; SILVA et al, 2018; MELO et al, 2018).

A literatura nacional está em um processo de crescimento, mas até o momento nas pesquisas já publicadas não há nenhuma que tenha analisado a CSA pela ótica da comunidade. Em comparação com a literatura internacional, foi identificado que, de modo geral, desde os trabalhos mais antigos a CSA é compreendida como uma comunidade. Para Lamb (1994), a formação da comunidade entre os agricultores e consumidores é um fator essencial para as CSAs, portanto é preciso que haja esforços para que os membros constituam uma relação comunitária, pois esse é o elemento chave de muitas CSAs bem-sucedidas.

Segundo Attra (2006), a ideia original da CSA é promover a comunidade e a cooperação entre os membros. Desta forma, é evidente que esse termo se faz presente não apenas na nomenclatura da CSA, mas também é um de seus pilares. No entanto, há autores que afirmam que não existe uma relação de comunidade nas CSAs e que a confiança entre os participantes desse sistema não é evidente (DELIND, 1999; FEAGAN e HENDERSON, 2009).

Nesse sentido, Groh e McFadden (1997); Lang (2010) e O'Hara e Stagl (2002) apontam que a CSA constitui uma comunidade frágil. Ao entrevistar os membros de uma CSA, Lang (2010) afirma que eles não estão integrados ao grupo e nem preocupados com a constituição de uma comunidade. Os autores Pole e Gray (2013) também realizaram um trabalho empírico junto às CSAs do estado de Nova York e identificaram que o conceito de

comunidade é idealizado pela literatura, mas na prática o sistema CSA não possibilita a constituição de uma comunidade para os seus membros.

Os principais aspectos relacionados à problematização da comunidade identificados na literatura indicam que os membros da CSA afirmam não possuir tempo disponível para se dedicar ao grupo e os agricultores não possuem interesse ou tempo para se envolver na construção de uma comunidade (O'HARA e STAGL, 2002). Neste contexto, Pole e Gray (2013) afirmam que é preciso analisar o que tem ocorrido com o C da CSA, pois há uma lacuna de pesquisas que investiguem a CSA à luz da comunidade. Os autores apontam ainda que uma visão mais completa desse sistema só será possível após a realização de trabalhos empíricos que analisem a comunidade, utilizando um escopo analítico que considere as particularidades de cada grupo, a partir do local no qual estão inseridos.

Dessa forma, é importante compreender que a comunidade é uma palavra que, etimologicamente, refere-se àquilo que é comum ou que possui aspectos similares para além do âmbito territorial, a comunidade que se busca compreender está presente no campo das relações. Assim, trazendo esse conceito para a CSA, questiona-se sobre o que significa a comunidade para os seus membros e como ela é apropriada e representada por eles. Além disso, a incorporação do “senso de comunidade” que cada membro possui poderá contribuir para avaliar suas percepções individuais e construir apontamentos para o campo do coletivo sobre a comunidade.

Conforme afirma McMillan e Chavis (1986, p.8) o senso de comunidade é definido como “um sentimento que os membros têm de pertencer, um sentimento de que os membros são importantes uns para os outros e para o grupo, é uma fé compartilhada”. Segundo os autores, há quatro elementos que podem ser utilizados para perceber o senso de comunidade, sendo eles: (i) participação; (ii) influência; (iii) integração e satisfação de necessidade e (iv) conexão emocional compartilhada. Esses elementos são percebidos através de uma dimensão relacional, de forma a compreender as percepções individuais de cada membro da CSA.

Com a presente contextualização, torna-se evidente as complexidades que envolvem esse sistema, principalmente em torno da constituição ou não da comunidade. Desta forma, esta pesquisa se ampara pelo seguinte problema: A CSA contribui para a constituição de uma comunidade? Como isso ressoa na sua dinâmica de funcionamento?

Ressalta-se que as respostas para estes questionamentos não devem ser dadas de maneira instrumental, analisando apenas a operacionalização das relações comerciais que se estabelecem a partir da CSA, mas através de uma dimensão relacional e cognitiva, pela

maneira como as pessoas se apropriam e representam a experiência CSA. Além disso, a comunidade que se busca evidenciar não é um limite físico ou geográfico, mas relacional, a partir da interação entre os sujeitos da CSA.

Quanto às justificativas para a presente pesquisa, a mesma se caracteriza como inédita no Brasil e os seus resultados poderão contribuir para elucidar se a CSA tem contribuído para a constituição de uma comunidade e como ela se insere como um contra-movimento no sistema agroalimentar hegemônico. Além disso, analisar os membros da CSA representa compreender o público que esse sistema tem abarcado e o que de fato representa a CSA nos contextos em que ela está inserida.

A pesquisa será realizada junto a dois grupos de CSA que se encontram na cidade de Belo Horizonte que é a capital do estado de Minas Gerais (MG) e nas regiões adjacentes à capital (Sabará, Capim Branco, Sete Lagoas e Florestal). Essas experiências são as primeiras do estado e possuem importância por estarem inseridas em um contexto de agricultura urbana e abarcarem um público diversificado.

Além disso, o presente estudo poderá contribuir para o desdobramento de novas pesquisas com a mesma análise, em nível macro (com mais CSAs) e com um diálogo internacional, pois a CSA está presente há mais de três décadas em outros países como Estados Unidos, Canadá, Austrália, Japão, Índia, entre outros. Assim, compreender as comunidades que têm sido constituídas em torno desse sistema poderá contribuir para um melhor entendimento dos efeitos da CSA na vida de seus participantes e como isso é representado por eles no contexto econômico, social e ambiental.

## **1.2 O interesse pela pesquisa e a relação da pesquisadora com a CSA**

O interesse pela pesquisa surge a partir da minha experiência com o sistema CSA vivenciado durante o período da graduação em Engenharia Agrônoma na Universidade Federal de São João Del Rei – Campus Sete Lagoas (UFSJ-CSL). Durante o ano de 2016 participei como bolsista do projeto de extensão: “Alternativas de Comercialização para as Hortas Comunitárias de Sete Lagoas: Proposição a partir do modelo CSA”. No ano de 2017 estive como bolsista da continuação desse projeto de extensão, em outra perspectiva, com o título de: “Consolidação do modelo CSA como Alternativa de Comercialização para as Hortas Comunitárias de Sete Lagoas”.

Durante os dois anos em que participei dos projetos tive a oportunidade de acompanhar a implementação de uma CSA na horta comunitária Vapabuçu de Sete Lagoas e ter uma experiência teórica e prática sobre esse tema. A partir dessa experiência, tive o interesse em continuar a pesquisar sobre a CSA, tanto por uma afinidade pessoal quanto por acreditar que esse tema possui grande relevância no contexto do sistema agroalimentar, por abordar questões sociais, econômicas, agroecológicas, de escoamento da produção, promoção do circuito curto de comercialização de alimentos, dentre outras.

Além disso, interesse-me por esse tema por ser algo recente no Brasil e que apresenta uma gama de oportunidades de pesquisas tanto no âmbito nacional quanto internacional. Em um contexto nacional, as pesquisas sobre a CSA ainda são incipientes e acredito que estudar sobre esse tema e as lacunas presentes na literatura é uma oportunidade de contribuir para a área e para futuros projetos de CSA a serem implementados no país. No contexto internacional, pesquisar sobre a CSA poderá contribuir para diálogos entre as experiências no Brasil e em outros países, gerando novas oportunidades de pesquisa que podem contribuir para o crescimento e desenvolvimento das CSAs.

### **1.3 Objetivos**

#### **1.3.1 Objetivo Geral**

Analisar o processo organizativo que sustenta as CSAs de Belo Horizonte e Sete Lagoas e verificar se ele resulta na constituição de uma comunidade para as pessoas que integram essa experiência.

#### **1.3.2 Objetivos Específicos**

- Identificar como os membros das CSAs representam essa experiência;
- Identificar qual é a natureza da relação entre os membros das CSAs;
- Descrever e analisar os processos de organização e de funcionamento das CSAs.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: COMUNIDADE QUE SUSTENTA A AGRICULTURA (CSA)**

No presente capítulo será realizada a construção do pano de fundo em que a CSA se insere, abarcando temáticas como a modernização e industrialização do campo, o mercado e o desenvolvimento de novos formatos de comercialização de alimentos. Através desta construção é possível compreender como a CSA se insere no contexto agroalimentar atual e o seu posicionamento frente ao sistema agroindustrial de produção-comercialização-consumo.

Além disso, será apresentado o contexto de surgimento da CSA na década de 1960 até sua chegada ao Brasil no ano de 2011<sup>3</sup>. Através desta construção é apresentado o que é a CSA a partir dos apontamentos conceituais e as suas especificidades, conforme aponta a literatura. Por fim, é elaborado o estado da arte para averiguar os caminhos que têm sido percorridos pela literatura nacional a respeito desta temática, tornando possível apresentar qual têm sido o foco das pesquisas nacionais e a possibilidade de novos olhares para a CSA, dentre eles, a partir da comunidade.

### **2.1 Os Sistemas Agroalimentares e o Circuito Curto de Comercialização de Alimentos**

Ao longo do tempo, a industrialização da produção agrícola foi fortalecida em decorrência do avanço tecnológico e científico do setor agroalimentar que passou a priorizar a durabilidade dos alimentos e a distância que estes poderiam percorrer. Assim, passou-se a produzir cada vez mais alimentos processados, com aditivos químicos e rigorosos processos de higiene e sanidade, o que contribuiu para o desenvolvimento de uma economia de mercado cada vez mais globalizada (FRIEDMANN, 1993; WILKINSON, 2002; RICHES, SCHNEIDER; 2015).

O sistema agroalimentar se caracteriza por possuir aspectos como a transnacionalização e a constituição de regulamentos privados de qualidade, centros de distribuição e atacadistas especializados que normatizam a produção, o processamento e a distribuição dos alimentos (CRAVIOTTI, 2013). Assim, as transformações agroindustriais da última década contribuíram para solidificar o desenvolvimento de uma economia de mercado

---

<sup>3</sup> No ano de 1997 houve a implementação de uma CSA na cidade de Fortaleza – Ceará e que era denominada de Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO). Contudo, a mesma ficou restrita apenas a cidade de Fortaleza e permaneceu ativa por um período de 10 anos. Sendo assim, a presente pesquisa irá considerar a chegada da CSA no Brasil a partir do ano de 2011, pois foi quando houve a sua expansão pelo país.

globalizada, o que contribui para propiciar diferentes configurações de mercado com distintos arranjos de produção, distribuição e consumo (TRICHES; SCHNEIDER, 2015).

Contudo, Schneider (2016) questiona de onde vêm os mercados, quem são os agentes que participam da sua constituição e como se configuram as relações nesse âmbito. Desta forma, o modo como os mercados são compreendidos determinará o tipo de interpretação que se dá para esse fenômeno. Sendo assim, para o senso comum, o mercado é uma arena de disputa composta por agentes econômicos (empresas, lojas, agricultores, etc.) que visam como alvo o consumidor. No entanto, Schneider (2016) aponta que essa definição é rasa e superficial, pois instrumentaliza as relações apenas no âmbito da disputa.

Portanto, serão necessárias contribuições mais profundas dessa definição, como por exemplo as argumentações de Polanyi (1980), que considera que o mercado é criado a partir das relações sociais existentes que passam a ser embutidas no sistema econômico. Segundo Raud-mattedi (2005), o mercado não representa apenas um jogo de oferta e demanda, entre atores atomizados e anônimos. Na realidade, o mercado é uma imbricação de redes sociais que propiciam a movimentação de informação e que poderá proporcionar a confiança nas relações à medida que diminui os comportamentos oportunistas.

Para a nova sociologia econômica, o mercado é uma instituição social concebida através de negociações sobre a importância dos bens e serviços a serem ofertados e sobre quais condições isso deve acontecer. Além disso, consideram que a vida social e a cultura influenciam os mercados e por isso não se limitaram em elucidar que eles também representam uma construção social (WILKINSON, 2016).

Dessa forma, Nierdele (2016) afirma que há variações nos modelos de mercado e por isso alguns estão abertos para inclusão de atores, produtos e qualidades diferenciadas e outros se validam por princípios que amparam atores dominantes. Compreende-se que o mercado é um meio de relações contraditórias, no qual convivem diferentes tendências. A exemplo, o surgimento das redes de supermercado representou uma revolução para o abastecimento alimentar por ofertar uma diversidade de produtos em um mesmo local.

Porém, esse mercado possui processos burocráticos que dificultam o acesso do agricultor e contribui para o surgimento de atravessadores que, na maioria dos casos, remuneram mal e invisibilizam os agricultores (WILKINSON 2003; FONSECA et al, 2011; PEREZ-CASSARINO, 2012). Contudo, há mercados que estão em processo de desenvolvimento com visão para um contexto que se preocupa com a realocação e a

recontextualização da produção, da distribuição e do consumo de alimentos (SCHMITT, 2011).

Nesse contexto, o sistema agroalimentar alternativo emerge como uma resposta para o desenvolvimento e fortalecimento de mercados que estão voltados para a comercialização de alimentos que sejam contrários ao modelo agroindustrial, ao distanciamento produção-consumo e à degradação dos ecossistemas (LAMINE, 2005). O sistema agroalimentar alternativo remete-se à valorização do local e a formatos de venda direta através de associações e parcerias entre agricultores e consumidores (LAMINE, 2010).

Nesse sentido, como exemplo de mercado voltado para a comercialização de alimentos de origem agroecológica e que se preocupa com valores éticos e sociais tem-se o CCCA, que se destaca por possuir as seguintes características que definem essa experiência, como: (i) ressocialização dos alimentos, permitindo ao consumidor o contato com o local de origem e tradições que envolvem a produção; (ii) relação agricultor-consumidor é redefinida, apontando para uma maior proximidade; (iii) novos tipos de oferta e demanda são expressas, baseando-se em um comércio justo e em produtos de origem agroecológica (MARSDEN *et al.*, 2000).

Dessa forma, Scarabelot e Schneider (2012) afirmam que repensar a realocação dos alimentos fornece subsídios para a valorização do local, pois em um espaço de CCCA as relações mercantilizadas de troca acabam se tornando menos impessoais. O processo de construção das relações sociais é firmado a partir da constituição de preceitos como respeito, confiança e solidariedade (GUZZATTI *et al.*, 2014; SCARABELOT e SCHNEIDER, 2012). Além disso, Schneider e Ferrari (2015) salientam a importância do CCCA no contexto econômico dos agricultores, pois a ampliação das possibilidades de mercados locais favorece o escoamento da produção (SCHNEIDER; FERRARI, 2015).

Quanto às modalidades de mercado dentro do CCCA, a literatura apresenta um consenso que reconhece o CCCA como uma forma de comercialização em que existe, no máximo, um intermediário entre o agricultor e o consumidor final (AUBRY; CHIFFOLEAU, 2009; RETIÉRE, 2014). No entanto, os autores concordam que existem diferentes modalidades de integração, não existindo, portanto, um formato de distribuição estritamente definido. A exemplo, o que ocorre na prática são variações nos tipos de produção, circulação e compra (AUBRY; CHIFFOLEAU, 2009; RETIÉRE, 2014).

Dessa forma, Renting e Marsden (2003) compreendem os CCCA a partir da classificação em três modalidades, sendo elas: (i) interação face-a-face em que o agricultor

fornece a sua produção diretamente para o consumidor final; (ii) produtos vendidos na região (ou local) de produção, geralmente são aqueles produzidos em agroindústrias rurais familiares e comercializados em mercados locais e regionais; (iii) ampliação do circuito curto, no qual os produtos são comercializados fora da região de produção, mas carregados de informações e elementos que categorizam a sua origem. Dessa maneira, uma das modalidades de CCCA que tem sido utilizada com relativo sucesso e que foi, recentemente, reformulada é o sistema *Teikei* (cooperação) que sofreu transformações, ao longo do tempo, e atualmente é denominado de CSA (LAMINE, 2005; BOUGHERARA *et al.*, 2009; DELÉAGE, 2011).

## **2.2 Panorama Histórico: surgimento, constituição e formatos de gestão da CSA**

A Comunidade que Sustenta a Agricultura é conhecida pela sigla CSA, derivada do termo em inglês *Community Supported Agriculture*. Esse sistema surgiu por volta de 1960 no Japão, quando um pequeno grupo de mulheres preocupadas com o aumento da importação de comidas no país e intensivo uso de pesticidas nos alimentos, propuseram para um agricultor local que buscava mercados estáveis, a produzir vegetais e frutas diretamente para elas (BOUGHERARA *et al.*, 2009; WELLS; GRADWELL, 2001). Neste contexto, deu-se o início a uma parceria entre o agricultor e o consumidor, dando origem ao termo *Teikei*, que em livre tradução significa cooperação e existe até os dias atuais.

O *Teikei* foi pensando para ser algo além de uma ideia instrumental de compra e venda de produtos agroecológicos, ele é também uma filosofia de vida que busca fazer com que as pessoas (re)ensem a produção e consumo de alimentos. Assim, a Associação de Agricultura Orgânica Japonesa definiu o *Teikei* da seguinte forma: “Uma ideia para criar um sistema de distribuição direta e para realizá-lo, o(s) agricultor(es) e o(s) consumidor(es) têm conversas e contatos para aprofundar sua compreensão: ambos fornecem mão de obra e capital para sustentar essa ideia” (HITCHMAN, 2014, p. 1).

O conceito *Teikei* se espalhou para a Europa durante a década de 1970 e para os Estados Unidos na década 1980, onde sofreu adaptações frente aos novos contextos e uma nova nomenclatura foi criada: a *Community Supported Agriculture* (CSA) (WELLS; GRADWELL, 2001). A CSA é a sigla que mais se difundiu e ganhou visibilidade, porém, existem grupos em outros países que utilizam nomes variados como: Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA); Association for the maintenance of peasant agriculture – AMAP (Associação para a manutenção da agricultura camponesa); *Soil Association* (esquema

de caixa); *Gruppi di Acquisto Solidale* – GAS (Grupos de compras solidárias), dentre outros (URGENCI, 2018).

Essas experiências se multiplicaram a partir da América do Norte e Europa durante as décadas 1980 e 1990, atingindo mais de mil projetos até o final do milênio. A grande maioria desses projetos eram realizados em pequenas fazendas familiares, que cultivando vegetais orgânicos ou biodinâmicos atraíram membros da área urbana mais próxima, abarcando uma média de 30 a 50 membros parceiros (URGENCI, 2018). Em quase duas décadas depois, as CSAs criaram raízes, crescendo gradualmente e atingindo o nível de um movimento global (HENDERSON; VAN EN, 2007; MCFADDEN, 2004).

No ano de 2004, na cidade Aubagne, na França, houve a criação da Rede Internacional de Agricultura Apoiada pela Comunidade (URGENCI) que funciona como uma associação que tem como missão: “[...] promover a nível internacional parcerias locais baseadas na solidariedade entre agricultores e consumidores como um compromisso equitativo, onde os agricultores recebem remuneração e os consumidores compartilham os riscos e as recompensas da agricultura” (HITCHMAN, 2014, p. 1).

A URGENCI busca conectar todas as CSAs ao redor do mundo e utiliza para isso um site<sup>4</sup> que divulga informações e relatórios das experiências e também realizam simpósios internacionais<sup>5</sup>. A conexão entre todas as CSAs é realizada através de seus quatro pressupostos que foram apresentados na introdução, mas devido à sua importância serão reintegrados ao texto, sendo eles: (i) produzir um sistema de alimentos locais e justos para restaurar a soberania alimentar local para todas as regiões e comunidades em todo mundo; (ii) defender a saúde através de alimentos que sejam saudáveis, seguros, nutritivos e minimamente processados, sem produtos químicos e aditivos; (iii) construir comunidades que sejam socialmente justas e sustentáveis, que haja responsabilidade cívica nas relações econômicas para se estabelecer uma rede social de solidariedade entre agricultores e consumidores; (iv) abordar questões ambientais e de mudança climática através da construção harmônica entre o homem e a natureza (URGENCI, 2018).

Para a organização e gestão do sistema CSA, a URGENCI evidencia em seu site que existem diferentes formatos que se baseiam no contexto social, histórico, geopolítico, agrícola e econômico de cada país ou região em que se desenvolveram (URGENCI, 2018). Neste

---

<sup>4</sup> Link para acesso ao site da Urgenci: <http://urgenci.net/>

<sup>5</sup> A Urgenci já realizou um total de seis simpósios internacionais que ocorreram em: Aubagne/França - 2004, Palmela/Portugal - 2005, Aubagne/França - 2008, Kobe/Japão 2010, Monterey/EUA - 2013, Pequim/China - 2015.

sentido, Swisher et al., (2012) identifica que existem pelo menos três formatos tradicionais de estruturação das CSAs, sendo eles: (i) não há propriamente o agricultor e todos os membros em formato de uma aliança têm responsabilidades pelo meio de produção, no qual são donos; (ii) os consumidores contribuem com uma parte importante da força de trabalho, porém existem os agricultores que são proprietários das terras; (iii) o agricultor é o dono da terra, das instalações e maquinários e tem responsabilidade pelo processo produtivo agrícola, o apoio dos consumidores consiste em prover o capital por meio da compra de cestas de produtos estabelecendo uma aliança solidária. Este último formato é o mais comum de ser encontrado entre as iniciativas de CSA.

Dessa forma, apesar das distinções quanto à gestão das CSAs, elas se conectam por meio de seus pressupostos que diferencia as experiências das relações de vendas habituais, pois se agrega um sentido solidário e participativo no processo de comercialização. Neste sentido, o consumidor que participa da CSA não se situa como nas relações tradicionais de comércio, que almeja por quantidade e qualidade (questionável) a baixos preços, nesse movimento o elo consumidor “solidário” admite pagar um sobrepreço em relação à média do mercado, por agregar o sentido solidário ao produto e oferecer melhores condições comerciais ao agricultor, visando propiciar-lhe um padrão de vida mais adequado (GUZZATTI et al., 2014).

Em contrapartida, os membros da CSA são intitulados de coprodutores, pois terão conhecimento de onde vêm os produtos, como são plantados e quem os produz. Estabelecendo-se assim uma conexão intitulada de comunidade, que além de preocupados com a proveniência e natureza dos alimentos, manifestam também um envolvimento comunitário e cívico, em defesa da agricultura local e familiar (DELIND; FERGUSON, 1999).

Assim, a trajetória histórica da CSA evidencia o seu sucesso indo além das expectativas e crescendo rumo a um movimento global. Especificamente na Europa, as principais iniciativas encontram-se no Reino Unido, França, República Tcheca, Alemanha, Romênia, Eslováquia, Grécia, Hungria, Suíça, Bélgica, Itália, Áustria e Espanha. Na Ásia, é possível encontrar CSAs na China, Índia, Paquistão, Japão e Taiwan. Na África a CSA está presente na Argélia, Benin, Marrocos e Mali. Na Oceania, é possível encontrar iniciativas na Austrália e Nova Zelândia. Por fim, na América há CSAs nos Estados Unidos, Canadá, México, Brasil, Chile, Argentina e Equador (URGENCI, 2018).

Dessa maneira, a expansão da CSA pelo mundo é uma das formas de apresentar a importância desse sistema que têm sua raiz de surgimento no Japão e que consegue se constituir no mundo em diferentes culturas e contextos. Neste interim, a literatura apresenta diversos conceitos e especificidades para o sistema CSA, que serão explorados no tópico seguinte.

### **2.3 Conceitos e Especificidades da CSA**

A CSA é um sistema que pode ser compreendido por diferentes conceitos, dentre eles, os autores Wells e Gradwell (2001, p.1) a definem como: “Uma parceria entre agricultores e consumidores, trabalhando juntos para criar um sistema de produção alimentar local”. Em similaridade, Castelo Branco et al. (2011) e CSA BRASIL (2018) afirmam que a CSA é uma proposição de cooperação que forma uma ligação direta entre os seus envolvidos, desenvolvendo um mercado alternativo em que os agricultores oferecem a sua produção semanalmente aos consumidores sob a forma de cestas de hortaliças, sendo produtos frescos, da estação e produzidos sem agrotóxicos.

Ao participar da CSA os coprodutores se comprometem a realizar um pagamento mensal, antecipadamente, para que os agricultores obtenham o capital necessário à manutenção de sua produção, sem necessidade de acesso a algum tipo de crédito bancário (COOLEY; LASS, 1998; CASTELO BRANCO, et al., 2011). Desta forma, Henderson e Van En (2007) afirmam que a CSA promove a constituição de uma comunidade que se preocupa com as questões socioambientais e que contribui para socializar uma perspectiva de comercialização e alimentação diferenciada. Tendo em vista que a manutenção do sistema CSA não depende apenas de elementos materiais, mas principalmente de uma série de elementos sociais que condicionam e definem o que é uma experiência CSA.

Nesse sentido, as especificidades do sistema CSA o diferencia dos demais formatos de comercialização, pois ele se destaca por contribuir para a promoção do comércio justo, o que gera uma melhor remuneração para os agricultores (LAMB, 1994; PEREZ, 2003; ROMAN et al, 2011; CHIFFOLLEAU, 2012). Além disso, com a garantia da entrega das cestas evitam-se flutuações nos preços de mercado e o agricultor ainda possui a segurança da venda de seus produtos, o que lhe proporciona maior disponibilidade de tempo para cuidar do manejo de sua produção (LAMB, 1994; ATANASOAI, 2011).

Segundo Henderson e Van En (2007); URGENCI (2017) e CSA Brasil (2018), com a participação na CSA, as habilidades dos agricultores passam a ser respeitadas pelos consumidores, que expressam este apreço ao compartilhar os riscos financeiros da produção e as relações de amizade. Neste sentido, nos canais de comunicação da URGENCI (2018) afirma-se que “a CSA é um compromisso compartilhado com a construção de um sistema agroalimentar local e equitativo, que permita que os agricultores se concentrem em boas práticas agrícolas e ainda mantenham fazendas produtivas e lucrativas”.

Sob o ponto de vista dos consumidores, o sistema CSA é a garantia de aquisição de produtos livres de substâncias químicas, por se tratar de um processo agroecológico de produção (LAMB, 1994). Outro aspecto relevante é que estudos apontam que os membros da CSA tendem a melhorar os seus hábitos alimentares. Em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos, Perez (2003) aponta que 81% dos consumidores da CSA tiveram algum tipo de mudança nos hábitos alimentares, da mesma forma 79% dos respondentes notaram que estavam comendo mais vegetais e maiores variedades depois que entraram na CSA, o que ilustra que o modelo encoraja os envolvidos às melhorias alimentares.

Dessa forma, deve-se considerar, ainda, que a CSA tem um grande potencial de alavancar a economia local e dar seguridade para os agricultores em pequena escala, por fazer com que o dinheiro gasto na produção e comercialização fique dentro da região de produção (LAMB, 1994; ECKERT, 2016). Além disso, os consumidores poderão contar com o suporte e proteção do suprimento de comidas regionais, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos das condições ambientais e produtivas às quais os alimentos são produzidos (LAMB, 1994).

Nesse sentido, é evidente que o sistema CSA é um movimento global e que está em crescimento por todas as partes do mundo. A exemplo, o Brasil é um país situado na América Latina que está, atualmente, em um processo de expansão das CSAs. Desta forma, o tópico seguinte trará o foco teórico-analítico desse sistema para as experiências do Brasil.

## **2.4 A CSA no contexto brasileiro**

A primeira experiência de CSA no Brasil surgiu a partir da leitura do livro “*Farms of Tomorrow – Community Supported Farms – Farms Supported Community*” (GROH, 1997), no qual são descritas oito experiências de agricultura biodinâmica em que os agricultores têm a manutenção da produção agrícola e familiar garantida por um grupo de consumidores

urbanos que recebem em troca o fornecimento semanal de produtos orgânicos (YAMAMOTO, 2006).

O livro foi a inspiração para a implementação da Associação para o Desenvolvimento da Agropecuária Orgânica (ADAO), em 1997, na cidade de Fortaleza – Ceará e que permaneceu em atividade por um período de 10 anos. No entanto, a experiência limitou-se a região de Fortaleza e não se espalhou pelo país (YAMAMOTO, 2006).

No ano de 2011, o artista plástico Hermann Pohlmann, que após sua vivência como cofundador da rede alemã de projetos makeCSA contribuiu significativamente para a concretização da *Community Supported Agriculture* (CSA), que foi traduzida livremente para o português em Comunidade que Sustenta a Agricultura e implementada inicialmente na cidade de Botucatu – São Paulo e denominada de CSA Demétria, que existe até os dias atuais. No mesmo ano (2011), no Fórum Mundial Social em Porto Alegre – Rio Grande do Sul, o conceito CSA foi apresentado como um dos favoritos e com grande potencial de futuro (ABELN, 2015).

Assim, a partir de 2011 as experiências de CSAs se espalharam pelo país, atingindo diferentes regiões. Neste contexto, houve em 2015 a criação da Associação Comunitária CSA Brasil, que é uma organização sem fins lucrativos e que contribui para a formação e apoio de novos grupos de CSA em todo o país (TORRES, 2017; CSA BRASIL, 2018). Em sua página virtual a CSA Brasil apresenta-se a partir da seguinte descrição:

CSA BRASIL é uma organização sem fins lucrativos que constrói, como modelos, projetos agrícolas baseados na comunidade, nos quais os agricultores podem se orientar para garantir um futuro a pequenos empreendimentos agrícolas. A CSA BRASIL também acompanha e supervisiona estes projetos em forma de rede, que já se espalhou por todo o Brasil [...]. A CSA BRASIL é representado na rede URGENCI (CSA BRASIL, 2019).

A criação da CSA Brasil possibilitou o surgimento de novas experiências no país, pois o apoio e suporte disponibilizado por eles contribuíram para difundir a experiência para várias regiões. Além disso, foi realizado o mapeamento das CSAs, que é apresentado na figura 01. Para a sua construção foram utilizados os dados da CSA Brasil<sup>6</sup>, da Rede CSA Brasília e dados dos autores.

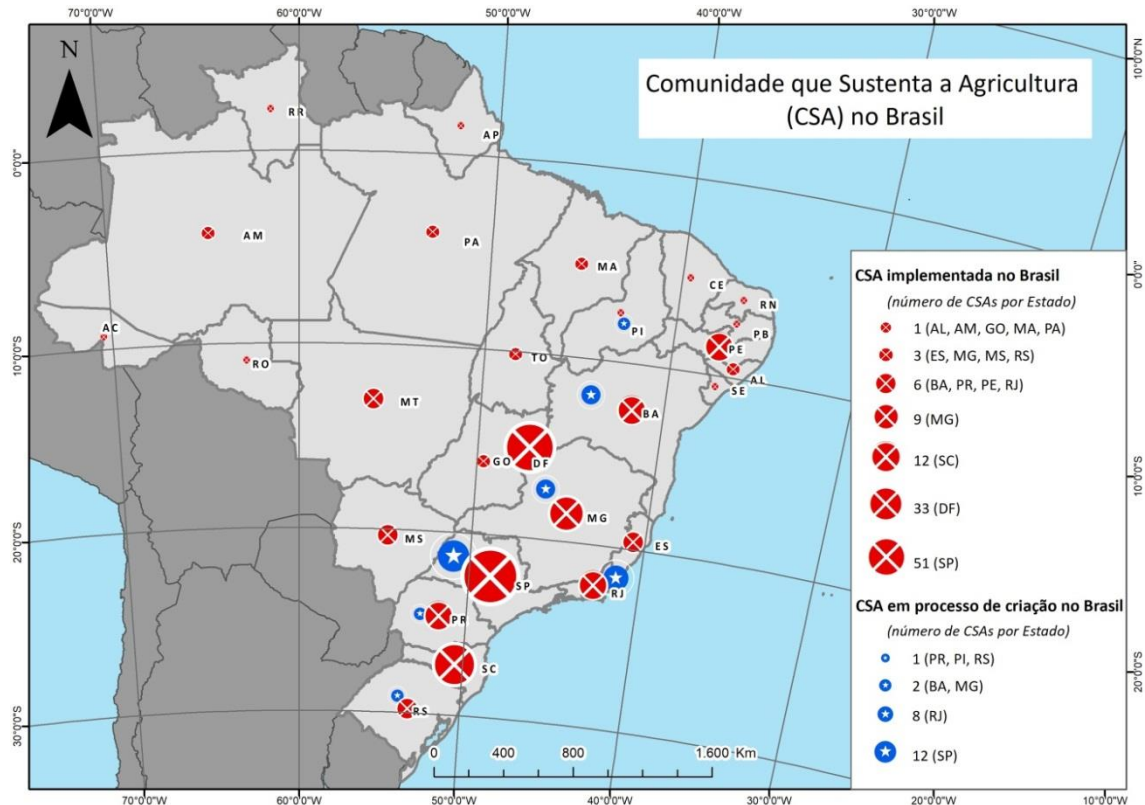
---

<sup>6</sup>Links para acesso ao CSA Brasil e a Rede CSA Brasília, respectivamente.

CSA Brasil: <https://www.google.com/maps/d/embed?mid=1LySgImg8tVgKoDBz5NtlnVXgsL0&ll=-17.058983733415523%2C-47.46161989999996&z=4>

Rede CSA Brasília: <https://csabrasilia.wordpress.com/csabrasilia/rede-csa-brasilia/>

Figura 01: Mapa das CSAs no Brasil



Fonte: Elaboração própria, 2019

Conforme pode-se verificar na figura 01, atualmente o Brasil possui 115 CSAs espalhadas por 17 estados e 23 CSAs em processo de criação em 07 estados brasileiros. Contudo, ressalta-se que esse número pode ser ainda maior, tendo em vista que a CSA Brasil só quantifica as CSAs que se associam a ela. Dessa maneira, assim como a CSA encontra-se em grande expansão pelo país, as pesquisas sobre esse tema no contexto nacional também estão em crescimento. Portanto, o tópico seguinte analisará qual tem sido o foco das pesquisas brasileiras sobre a CSA.

## 2.5 O foco das pesquisas sobre a CSA no Brasil

No dia 05 de junho de 2019, realizou-se um levantamento da literatura em que foi identificado um total de 10 pesquisas sobre a CSA no país, sendo 08 dissertações e 02 teses. Constata-se que até o presente momento são poucas as publicações sobre a CSA, porém, a partir delas já é possível ter apontamentos sobre como têm sido essa experiência no Brasil e compreender o foco destas pesquisas poderá trazer novas diretrizes de estudos sobre a CSA.

Nesse sentido, o quadro 01 apresenta a relação de autores das dissertações e teses encontradas, bem como as universidades e os programas de pós-graduação em que estavam vinculados, o ano das publicações e a quantidade e localização das CSAs que foram analisadas.

Quadro 01: as dissertações e teses sobre a CSA no Brasil

<b>Autor(a)</b>	<b>Universidade</b>	<b>Programa de Pós-Graduação</b>	<b>Ano de Publicação</b>	<b>Localização das CSAs analisadas</b>
Daniele Eckert	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Mestrado em Administração	2016	02 em Belo Horizonte – MG
Liliane Ubeda Morandi Rotoli	Universidade Estadual Paulista	Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento	2016	14 do estado de São Paulo
Maria Luiza de Andrade Benini	Universidade Estadual de Campinas	Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	2016	01 em São Carlos – SP
Camila Lombardi Torres	Universidade de Brasília	Mestrado em Design	2017	03 em Brasília – DF
Thomaz Lanna Neves	Universidade do Estado de Minas Gerais	Mestrado em Design	2017	02 em Belo Horizonte – MG 01 no Rio de Janeiro – RJ
Alanda Lopes Baptista Martins	Universidade Federal Fluminense	Doutorado em Geografia	2017	01 em Botucatu – SP; 01 na Alemanha.
Gustavo Serra Santana	Universidade de Brasília	Mestrado em Agronegócio	2018	05 em Brasília – DF
Joana Ortega de Lima Amorim	Universidade Federal de São Carlos	Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural	2018	03 em São Paulo – SP; 01 em São Carlos – SP e 05 CSAs na Alemanha.
Fernanda Antunes de Oliveira	Universidade Federal de Minas Gerais	Mestrado em Administração	2018	02 em Belo Horizonte – MG
Vander Luiz Aguiar	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Doutorado em Administração	2018	02 em Belo Horizonte – MG e em Londres

Fonte: Elaboração própria, 2019.

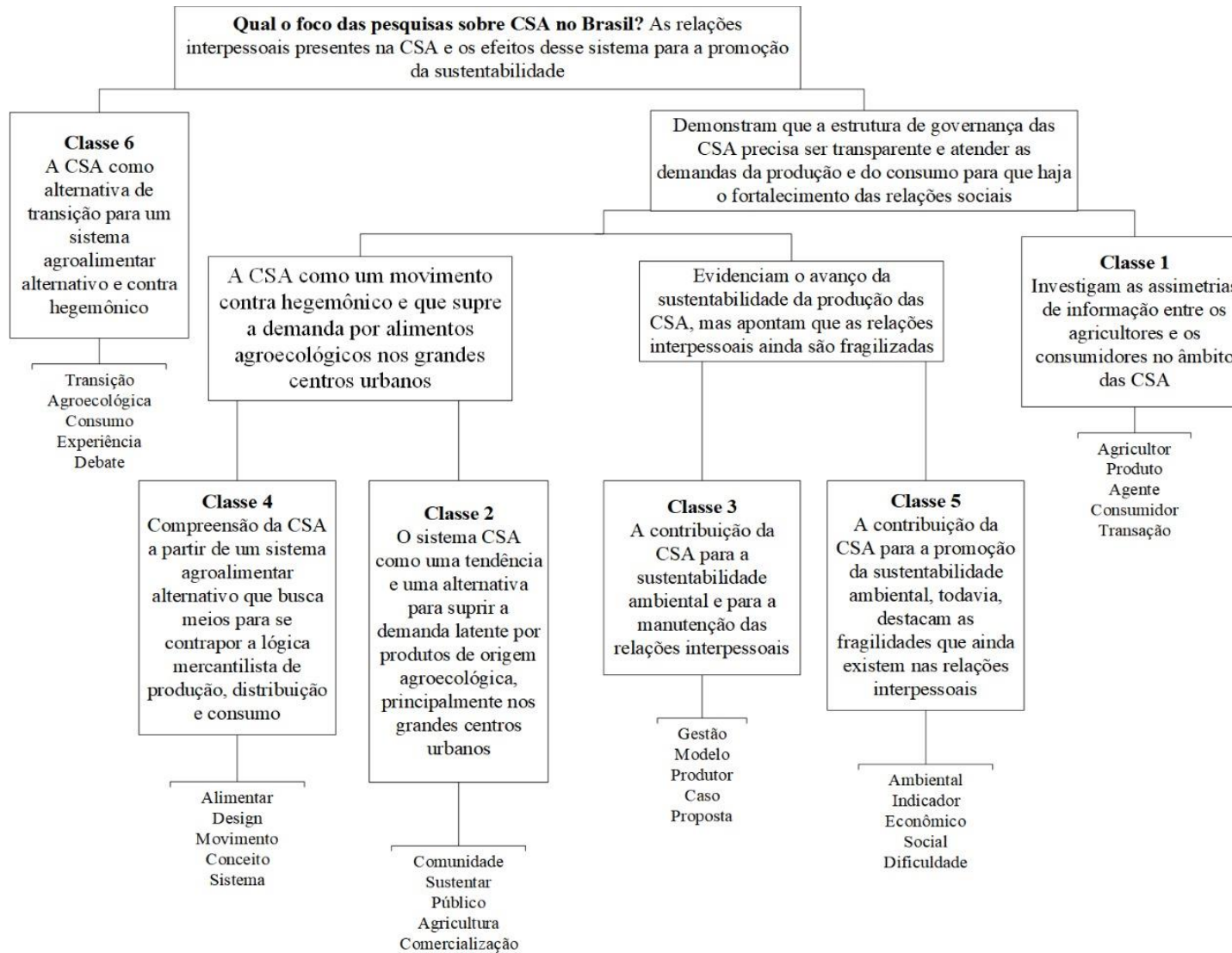
A partir do quadro 01 identifica-se que a maioria das pesquisas foi desenvolvida por mulheres, pois em um total de 10 publicações, 07 são de autoria de mulheres e em 03 os autores são homens. Outro aspecto identificado é que 07 pesquisas foram desenvolvidas em universidades da região sudeste, 02 no centro-oeste e 01 na região sul do país. Verifica-se também a interdisciplinaridade dos programas de pós-graduação em que as pesquisas estão vinculadas, o que indica que as CSAs estão sendo analisadas por diferentes perspectivas. Além disso, as dissertações e teses concentraram as suas pesquisas nas CSAs de Belo

Horizonte (03 dissertações e 01 tese), São Paulo (03 dissertações e 01 tese) e Brasília (02 dissertações).

Com o propósito de dotar a análise dos dados também em uma perspectiva quantitativa, foi realizada a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) dos resumos dos trabalhos encontrados, por meio do software IRaMuTeQ. A CHD segmenta parcelas dos textos analisados (segmentos de texto) em função dos significados das palavras e dos vocábulos utilizados pelos autores. Por meio da CHD foi possível compreender o foco das pesquisas sobre CSA no Brasil, a partir da visualização da categorização das palavras em um organograma e da análise dos segmentos de textos identificados em cada uma das categorias.

O corpus total foi constituído de dez resumos de dissertações (8) e teses (2) e foram segregados pelo software 81 segmentos de textos (ST), mas aproveitados na classificação 51, que correspondem a 71,60% dos segmentos. O conteúdo analisado foi categorizado em seis classes: Classe 1 com 12 ST (20,7%); Classe 2 com 8 ST (13,79%); Classe 3 com 11 ST (18,97%); Classe 4 com 10 ST (17,24%); Classe 5 com 9 ST (15,52%); e Classe 6 com 8 ST (13,79%). A Figura 02 a seguir representa a CHD gerada pelo software e são apresentadas as palavras que obtiveram maior porcentagem quanto à frequência média, às classes identificadas e acima delas um resumo.

Figura 02: Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente



Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados gerado pelo software IRaMuTeQ, 2019

Nesse sentido, conforme apresentado na figura 2, a classe 1 possui o mesmo grau hierárquico de similaridade em relação as classes 2, 3, 4 e 5 e por isso podem ser agrupadas conjuntamente, pois ambas evidenciam que o foco das pesquisas está no potencial da CSA como um movimento contra hegemônico para o fornecimento de alimentos agroecológicos, principalmente nos grandes centros urbanos. As pesquisas também analisaram a contribuição da CSA para desenvolver a sustentabilidade ambiental e as relações interpessoais entre os membros.

A classe 6 refere-se aos trabalhos que analisaram a CSA através de suas possibilidades como um sistema agroalimentar alternativo e contra hegemônico, com foco, principalmente na transição agroecológica. Essa classe também representa um resumo geral das demais classes, mas ressalta-se que sozinha ela não é capaz de responder qual o foco dos trabalhos analisados. Desta forma, a partir da análise de todas as classes é possível compreender que o principal foco das pesquisas brasileiras sobre a CSA está relacionado com as relações interpessoais presentes nas CSAs e os efeitos desse sistema para a sustentabilidade ambiental.

De maneira geral as pesquisas têm apresentado dados importantes sobre as CSAs brasileiras. Como exemplo, têm-se os consumidores que estão inseridos no contexto mercantilista e do consumo industrializado dos grandes centros urbanos, mas que conseguem se contrapor a essa lógica e se articularem em prol de um movimento como a CSA. Em sua pesquisa, Eckert (2016) analisa duas CSAs na cidade de Belo Horizonte que foram implementadas a partir da iniciativa da sociedade civil. A autora aponta que os grupos podem contribuir para a reversão do êxodo rural, diminuição da pobreza, acesso a alimentos saudáveis e preservação do meio ambiente. Aspectos que também podem ser evidenciados em outras CSAs analisadas, como em São Paulo e Brasília.

Ao elucidar o caminho que as pesquisas brasileiras têm percorrido e compreendendo os avanços e as limitações em que se encontram as CSAs no país, será possível traçar apontamentos futuros para a área. Assim, a presente pesquisa se coloca nesse âmbito ao propor um novo olhar para a CSA – através da comunidade.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Nesse capítulo são apresentados os fundamentos teóricos e conceituais que sustentam a presente pesquisa e que focam na operacionalização das dimensões relacional e cognitiva, e em segundo plano nas questões estruturais. Assim, a construção

teórica tem início com a discussão sobre a comunidade no contexto da CSA, e o conceito de sociação do autor Georg Simmel como uma lente para identificar a comunidade. Em seguida tem-se a teoria da representação social dos autores Moscovici e Denise Jodelet, sendo essas discussões a dimensão cognitiva. Por fim, é introduzido o capital social e seus desdobramentos – redes sociais, confiança e pertencimento na visão dos autores James Coleman, Robert Putnam e Pierre Bourdieu, sendo essa uma dimensão relacional.

Ao final dessa construção é desenvolvido um quadro analítico que organiza toda a fundamentação teórica apresentada e que atua como uma lente utilizada para enxergar as CSAs de Belo Horizonte e Sete Lagoas. A organização desse quadro também visa sintetizar a fundamentação teórica e tornar didático o entendimento teórico-conceitual que fundamenta a presente pesquisa.

### **3.1 A Comunidade e as interações sociais no âmbito da CSA**

A comunidade é um tema analisado desde a sociologia clássica até a contemporânea e pode ser utilizada sob diferentes perspectivas. Pensar sobre o seu conceito está relacionado ao tempo e espaço, pois no âmbito do tempo é que são firmadas as relações sociais que perduram e podem gerar fortes vínculos de pertencimento, amizade, afinidade, reciprocidade e coesão. Quanto ao espaço, sugere-se a proximidade espacial (geográfica) para que nessa área sejam desenvolvidas as relações sociais.

Dessa forma, Leandro (2008) aponta que ao pensar no termo comunidade tende-se a compreendê-lo pelos âmbitos da espacialidade e do sentimento de pertencimento. É possível analisar diversos grupos sociais a partir da comunidade, tendo em vista que essa palavra possui um amplo leque de definições e aplicações bem como diferentes conceitos, conforme o contexto em que é analisada.

Nesse sentido, investigar a CSA à luz da comunidade implica em compreender como esse sistema se apropria dessa palavra. Dessa maneira, esta análise é iniciada pela sua nomenclatura (Comunidade que Sustenta a Agricultura), na qual a palavra comunidade é introduzida partindo da ideia da sua constituição para sustentar a agricultura. Contudo, a CSA vai além e se aprofunda ainda mais nesse intuito a partir de seus pressupostos, conforme a seguinte afirmação:

CSA representa um loco relevante para atrair a responsabilidade civil nas relações econômicas e para montar uma rede de relações sociais de solidariedade entre agricultores e consumidores, construindo comunidades socialmente mais justas e sustentáveis ao negociar termos justos tanto com vizinhos quanto com pessoas de regiões distantes<sup>7</sup> (URGENCI, 2019, Tradução nossa).

A CSA introduz a ideia de construção de uma comunidade para além da sua nomenclatura – ela busca desenvolver um processo de interação social entre agricultores e consumidores focado nas relações sociais desenvolvidas e não no contexto espacial (delimitação territorial). A CSA busca basear-se em valores éticos e sociais pautados na confiança, na reciprocidade, na solidariedade, na amizade e no sentimento de pertencimento para constituir uma comunidade (LAMB, 1994; HENDERSON; VAN EM, 2007).

Neste intuito, a URGENCI (2016) em um projeto internacional financiado pela União Europeia, elaborou um livreto<sup>8</sup> intitulado de “*Be Part of CSA: Supporting booklet for training Community Supported Agriculture*”, em tradução livre “Faça parte da CSA: Folheto de apoio para a Comunidade que Sustenta a Agricultura”. Este livreto tem o objetivo de contribuir para a disseminação da CSA na Europa com o auxílio de um material que possui informações para a implementação de uma CSA. Além disso, o livreto encontra-se disponível para livre acesso no site da URGENCI, podendo ser utilizado por qualquer CSA do mundo (PERÉNYI et al, 2016).

O material introduz ao leitor a ideia de que a CSA é um sistema que vai além de um modelo para compra e venda de alimentos, pois é preciso que todos os membros tenham conhecimento dos princípios e valores da CSA, para que juntos possam desenvolver uma relação comunitária. Assim, o livreto está estruturado em quatro módulos, sendo eles: i) contexto geral da CSA; ii) iniciando uma CSA; iii) criação de uma comunidade e iv) treinamento de campo.

Especificamente sobre o módulo três, criação de uma comunidade, são descritos quatro aspectos-chave, sendo eles: i) A comunicação entre os membros como a base para que seja desenvolvida a confiança e a parceria, pois ao se comunicar o grupo cria

---

<sup>7</sup>Versão original da citação: CSA represents a relevant locus for triggering civic responsibility in economic relations and for setting up a social network of solidarity between farmers and consumers, building more socially just and sustainable communities trading on fair terms both with neighbours and with people in distant regions. Disponível em: <https://urgenci.net/vision-and-mission/>.

<sup>8</sup>O livreto “*Be Part of CSA: Supporting booklet for training Community Supported Agriculture*” encontra-se disponível no link: [http://urgenci.net/wpcontent/uploads/2016/11/BPCSABooklet\\_2016\\_eng.pdf](http://urgenci.net/wpcontent/uploads/2016/11/BPCSABooklet_2016_eng.pdf). Acessado em 01/08/2019

laços e mantém uma interação de forma a tornar evidente tudo o que se passa na CSA; ii) As reuniões para que o planejamento da CSA seja comum a todos e não haja concentração de decisões e nem tarefas, assim é desenvolvido a cooperação e a participação de todos; iii) O trabalho voluntário nas fazendas de produção para construir um elo mais forte entre o consumidor, a terra, e o agricultor; iv) A organização de eventos para a confraternização da CSA e a troca de experiências (PERÉNYI et al, 2016).

Neste sentido, é evidente que a CSA busca se organizar de forma que a gestão do sistema contribua para a constituição de uma comunidade que gire em torno da parceria e cooperação, pautada em valores sociais, éticos e solidários. Portanto, o sistema CSA torna explícito que a constituição da comunidade é essencial para que agricultores se disponham a produzir de forma agroecológica e diretamente para um grupo de consumidores que também estejam dispostos a participar dos riscos da produção e serem coprodutores. Os membros das CSAs precisam pensar para além do âmbito individual, de forma que a preocupação deve ser coletiva (entre agricultores e consumidores) para garantir que a comunidade se constitua e se desenvolva, abarcando cada vez mais membros e garantindo que a agricultura seja sustentada.

Neste contexto, está explícito que o sistema CSA tem como um de seus objetivos a constituição de uma comunidade através dos grupos que são implementados ao redor do mundo. Contudo, até o presente momento, a CSA não possui uma definição de comunidade, ao invés disso ela apresenta elementos que os grupos precisam possuir para que a mesma seja constituída.

Assim, o objetivo dessa pesquisa não é desenvolver um conceito de comunidade para a CSA, mas identificar empiricamente se no seu processo de funcionamento ocorre a sua constituição. A busca por responder esta lacuna torna evidente as CSAs de Belo Horizonte e de Sete Lagoas, que são os objetos de análise empírica desta pesquisa. Sendo assim, o termo comunidade, neste momento, toma o segundo plano, pois buscaremos identificá-lo através da sociação que é um conceito proposto pelo sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel e que assim como a comunidade acontece a partir da interação entre as pessoas.

Georg Simmel é denominado o entusiasta das interações. Para ele a sociedade é compreendida a partir da interação entre os indivíduos, sendo que eles podem se associar por meio de uma díade (duas pessoas) que é considerada, em termos quantitativos, como o grau mais baixo de associação, porém é nele que as pessoas

conseguem desenvolver a sua individualidade. Há também as associações em tríade (três pessoas) que é considerada pelo autor diferente da díade, pois a associação entre três pessoas nunca será igual à de duas pessoas. O autor afirma que “as relações que unem dois dos membros são de alguma maneira diferentes, mais intensas, mais individuais, do que aquelas que unem ao terceiro cada um desses dois” (SIMMEL, 2004, p. 555).

Além disso, as associações tendem a aumentar numericamente, podendo chegar a uma dezena, uma centena e muito mais. Para Simmel (2004) por mais arbitraria que seja a constituição numérica das associações, a sua importância sociológica está na força, na consciência e nas tendências que podem vir a desenvolverem-se a partir das associações, pois é dentro dos grupos que as ideias ganham força e a energia necessária para crescerem e se fortalecerem (SIMMEL, 2004).

Nesse sentido, Simmel (2004) afirma que as primeiras associações de uma pessoa tendem a ser constituídas com os membros de sua família, mas com o passar do tempo a pessoa vai estabelecendo laços para fora desse círculo inicial, pois ela tende a manter relações com aqueles que possuem objetivos iguais, atividades parecidas, as mesmas tendências. É neste momento que a associação baseada na convivência vai sendo substituída pelas relações de conteúdo.

O conteúdo é tudo o que existe no indivíduo e que pode causar efeito no outro, como o impulso, o interesse, a finalidade, a tendência, o condicionamento psíquico e o movimento nos indivíduos (SIMMEL, 2006). No entanto, os conteúdos que complementam a vida não possuem natureza social, pois a fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, instantaneamente, por si só sociais. Só farão parte da interação entre as pessoas os conteúdos que se transformarem em “determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro” (SIMMEL, 2006, p.60). Neste contexto, além do conteúdo, Simmel (2006) também conceitua a forma e a sociação, segundo a seguinte afirmação:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses – sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teologicamente determinados –, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006, p. 60-61).

Dessa maneira, o autor diferencia conteúdo e forma dentro daquilo que ele denomina por sociação. Para Simmel (1983) a sociação é a interação que ocorre através do agrupamento dos indivíduos com base em seus interesses, sendo que isso pode ocorrer por meio de várias possibilidades. Quanto ao fenômeno da sociabilidade, o mesmo ocorre a partir de um processo que Simmel (2006) denomina de autonomização dos conteúdos interacionais. Como exemplo, o autor apresenta a seguinte afirmação:

Por exemplo, todo conhecimento parece ter um sentido na luta pela existência. Saber o verdadeiro comportamento das coisas tem uma utilidade inestimável para a preservação e o aprimoramento da vida. Mas o conhecimento não é mais usado a serviço dos propósitos práticos: a ciência tornou-se um valor em si mesma. Ela escolhe seus objetivos por si mesma, modela-os com base em suas necessidades internas, e nada questiona para além de sua própria realização (SIMMEL, 2006, P. 61).

Assim, certos tipos de interação possuem suas formas desprendidas de seus conteúdos e ganham vida própria. Pode-se considerar que a forma é autônoma em relação ao conteúdo e neste processo é que se insere a sociabilidade. Por esse motivo, os binômios forma e conteúdo precisam ser compreendidos para depois se analisar a sociabilidade. Segundo Simmel (2006, p. 65), a sociabilidade é definida como “a forma lúdica de sociação, e – *mutatis mutandis* – algo cuja concretude determinada se comporta da mesma maneira como a obra de arte se relaciona com a realidade”. O seu significado está no desprendimento do conteúdo e na elucidação da sua finalidade, na sua própria existência (SIMMEL, 2006).

Por esse motivo, Simmel (2006) afirma que a sociabilidade se dá apenas a partir da autonomização, pois é nesse âmbito que a forma adquire vida própria, livre de todos os conteúdos. No entanto, é preciso ressaltar que a sociação e a sociabilidade possuem perspectivas diferentes, pois a sociação é, sobretudo, interação, e a sociabilidade pode ser compreendida como a maneira em que ocorre o processo de interação (SIMMEL, 2006).

Assim, através de seus estudos Simmel já identificou alguns tipos de sociação que ocorrem nos processos de interação, sendo eles: relação conflitiva; relação de interesse mútuo; relação de subordinação; relação de segredo; círculos sociais; individualidade; entre outros. Já a sociabilidade seria analisar a maneira como esses tipos de sociação ocorrem, atentando-se para os seus detalhes e as suas nuances.

Nessa perspectiva, o processo que a CSA denomina de construir uma comunidade para as pessoas que integram as experiências refere-se diretamente a um

processo de interação que ocorre entre os membros. Conforme já citado, a CSA evidencia a comunidade a partir dos elementos: comunicação entre os membros; reuniões de planejamento coletivo; trabalho voluntário e a organização de eventos e confraternizações (PERÉNYI et al, 2016).

Contudo, não basta identificar se a CSA possui tais elementos, é preciso investigar qual o tipo de interação produzem a partir desses elementos, por esse motivo analisar os tipos de sociação que ocorrem na CSA de Belo Horizonte e de Sete Lagoas é um caminho para identificar a comunidade que tem sido constituída por esses sistemas.

### **3.2 A teoria das Representações Sociais**

Compreender a comunidade que é constituída através da CSA implica em perceber a maneira como as pessoas se apropriam e representam essa experiência. A teoria da representação social pode ser utilizada para identificar os elementos simbólicos que são expressos por meio de ações, gestos e palavras (escrita e oral) que são construídos em um contexto social, e que podem expressar a comunidade que é constituída através das CSAs de Belo Horizonte e Sete Lagoas.

O conceito de representações sociais está intrínseco na sociologia e acentuado na antropologia e na história das mentalidades, em que surge como ciência na sociologia através do termo representação (ARRUDA, 2002). Segundo Horochovski (2004), Émile Durkheim foi o primeiro a apresentar esse conceito como uma forma de analisar a realidade coletiva, pois expressava os conhecimentos, as crenças e os sentimentos do grupo social.

As contribuições de Durkheim desencadearam o desdobramento de conceitos para as ciências sociais que orientaram e continuam a orientar a prática sociológica (HOROCHOVSKI, 2004). Desta forma, Durkheim (1978) elaborou o conceito de representações coletivas a partir das produções mentais sociais contidas nos objetos e práticas de seus estudos sobre a ideação coletiva. O autor afirma que “as representações coletivas traduzem a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam” (DURKHEIM, 1978, p. 16).

No entanto, segundo Arruda (2002, p. 134) esse conceito é inoperante, pois “como um grande guarda-chuva, ele abriga crenças, mitos, imagens e também o idioma, o direito, a religião e as tradições”, o que torna difícil a clareza do conteúdo da

realidade. Neste sentido, o conceito de representações coletivas de Durkheim foi renovado por Serge Moscovici por meio de uma perspectiva crítica e uma visão construtiva: “dar à psicologia social objetos e instrumentos conceituais que permitissem um conhecimento cumulativo, apreendendo as verdadeiras questões postas pela vida social” (JODELET, 2001, p. 10).

Segundo Moscovici (1978, 2004), tem-se uma melhor percepção do mundo a partir das representações sociais e com o seu auxílio ocorre o compartilhamento de relações diárias. O autor afirma que a realidade é uma construção social e o saber é uma construção do sujeito ligada a seu contexto social (ARRUDA, 2002). Neste sentido, o estudo de Moscovici (1985) está focado na maneira como os seres humanos tentam captar e compreender as coisas que os rodeiam e elucidar os “lugares comuns”, as questões relativas ao seu nascimento, seus corpos, suas vivências, a interação com os vizinhos e ao poder a que se submetem.

As representações sociais estão focadas sobre a base analítica do “saber comum” ou “saber ingênuo”, conforme a comunicação e interação que os indivíduos proporcionam dentro dos grupos sociais. Apesar deste conhecimento se diferenciar do científico, é um objeto de estudo autêntico e tão legítimo quanto o outro, devido a sua relevância na vida social através dos processos cognitivos e as interações sociais (JODELET, 2001). Neste sentido, segundo Chartier (1990) existem diversos aspectos da representação e por este motivo é necessário haver clareza quanto à estrutura social e o contexto histórico em que ela é constituída.

Para Denise Jodelet, uma das principais responsáveis pela exposição do tema, atualmente, a representação social possui cinco características fundamentais: (i) representar é um ato de pensamento no qual o sujeito se relaciona com um objeto que pode ser real, imaginário ou místico. Como exemplo: pode ser uma pessoa, uma coisa, um evento material, psíquico ou social, um fenômeno natural, uma ideia, uma teoria e etc. Mas, sempre haverá um objeto; (ii) possui sempre um caráter imaginativo, a representação mental do objeto e a propriedade de deixar a sensação e a ideia, a percepção e o conceito que é reconstituído simbolicamente; (iii) trata-se de um caráter simbólico e significante; (iv) possui um caráter construtivo, que também se desdobra para o (v) criativo e autônomo da representação que abriga uma parte de reconstrução e interpretação do objeto e de expressão do sujeito (JODELET, 2001, 2002; SÊGA, 2000).

A construção de pensamento da autora permite-nos inferir que a representação pode ser identificada a partir das suas características, pois a representação é mais do que a compreensão do significado de algo (ou alguém) para uma pessoa, ela é o entendimento daquilo que se representa, dentro do contexto em que se está inserido. Por mais que pareça abstrato o entendimento do seu conceito, ele toma forma por ser ancorado em algo que precisa ser concreto (JODELET, 2001).

Nesse sentido, Moscovici (2004, p.70) aponta que há dois aspectos que são abordados pela teoria das representações sociais: o primeiro diz respeito ao pensamento ou a percepção que não existem sem uma ancoragem e o segundo é sobre o principal objetivo da ancoragem, que é “simplificar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, em formar opiniões” (MOSCOVICI, 2004, p. 70). Assim, Jodelet (2001, p. 18) afirma que a ancoragem assegura a incorporação social da representação, para a autora “a ancoragem enraíza a representação e seu objeto em uma rede de significações que permite situá-las face aos valores sociais e dar-lhes coerência”.

Por conseguinte, as representações sociais são um produto e um processo que é resultado da posse da realidade exterior ao pensamento e da produção psicológica e social do que é real. Desta forma, como um fenômeno cognitivo a ação do pensamento é socialmente transmitido pela comunicação social, por isso o estudo das representações sociais implica em uma contribuição para a aproximação da vida mental individual e coletiva (JODELET, 2001).

Nesse contexto, Jodelet (2002, p. 4) conceitua as representações sociais como “uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. A definição da autora é uma das mais aceitas entre os pesquisadores da área. Desta forma, ela ainda salienta que “as representações sociais que circulam nos discursos, são trazidas pelas palavras e veiculadas em mensagens e imagens midiáticas, cristalizadas em condutas e em organizações materiais e espaciais” (JODELET, 2001, p. 17-18).

Dessa maneira, a utilização da representação social no âmbito das CSAs em análise é um aporte teórico para compreender como o objeto da representação – no caso, as CSAs – é apropriado e representado pelos seus membros por meio de uma dimensão cognitiva que se desenvolve nas relações que são constituídas no grupo. Para esse entendimento, partir-se-á das seguintes questões: o que os membros dos grupos

entendem por CSA? O que significa a CSA para essas pessoas? E como eles identificam as relações sociais que são constituídas?

Acredita-se que a percepção das pessoas sobre a CSA é um dos aspectos que poderá contribuir para desvelar a comunidade que é constituída, pois o princípio deste processo é justamente o entendimento da representação das pessoas sobre o grupo em que estão inseridos.

### **3.3 O capital Social**

Por meio de seus pressupostos e formatos de gestão, o sistema CSA pode vir a contribuir para alavancar a economia local e fortalecer as relações sociais pautadas na confiança, na amizade, na solidariedade e no sentimento de pertencimento. Esses elementos, quando identificados, apontam para a constituição do capital social que considera o vínculo construído entre os indivíduos e desenvolve laços simbólicos que mantém o grupo coeso para além das transações financeiras. Desta forma, compreender o capital dentro do sistema CSA é uma dimensão importante para evidenciar a comunidade.

Na maior parte dos estudos sobre capital social, destacam-se três teóricos: James Coleman; Robert Putnam e Pierre Bourdieu (DURSTON, 2000). Assim, para Pierre Bourdieu, sociólogo francês, a definição de capital social é tida como instrumental (PORTES, 2000). Conceitualmente, Bourdieu (1980 p. 2) identifica o capital social como “o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento”.

Dessa forma, o volume de capital social que um indivíduo possui é proporcional à extensão do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) da sua rede de relações (BOURDIEU, 1980). Ressalta-se que, para o autor, existem convergências entre os diferentes tipos de capital (econômico, cultural e social), mas é a partir do capital social que os indivíduos acessam de maneira direta os recursos econômicos (BOURDIEU, 1980).

Bourdieu (1980) considera que o capital social é tratado como a somatória de redes de relações e reconhecimento mútuo que é institucionalizada em campos sociais. Para o autor, o capital social se constitui e se mantém a partir da interação entre os

indivíduos. Desta maneira, em um determinado grupo todos os indivíduos têm acesso ao capital social daquele grupo, porém em graus muito diferentes. Um indivíduo pode, ainda, ter seu poder advindo do grupo e utilizá-lo sobre o próprio grupo (BOURDIEU, 1980).

Para James Coleman, sociólogo norte-americano, o capital social é compreendido como um recurso para o indivíduo que pertence a uma determinada estrutura. Ele utiliza o conceito na área da educação e analisa o seu papel no crescimento do capital humano, com uma abordagem embasada na escolha racional (MARTELETO, 2004). Além disso, o autor identifica que o capital social baseia-se em elementos de uma estrutura social que possui como função prover recursos para que atores individuais atinjam suas metas e satisfaçam seus interesses (HIGGINS, 2005). Segundo Coleman (1990), os principais aspectos constituintes das formas de capital social presentes nas estruturas são as obrigações, expectativas e a confiança, segundo alguns aspectos de ordem teórica.

Segundo Portugal (2007), mesmo Coleman não fazendo citações à Bourdieu devido às possíveis limitações de trabalhos traduzidos para a língua inglesa, há vários pontos em que os dois autores se aproximam muito (PORTES, 1998). Pode-se concluir que as abordagens de Bourdieu e Coleman identificam o capital social pela perspectiva do indivíduo. Porém, há outros autores que utilizam uma abordagem no âmbito coletivo e o principal responsável por essa propagação foi o americano Robert Putnam (PORTUGAL, 2007).

Robert Putnam é um cientista político que utilizou o conceito de capital social na concepção da participação e comprometimento da sociedade e os seus efeitos nas instituições democráticas e na qualidade do governo em algumas regiões da Itália (MARTELETO, 2004). Segundo Putnam (1996), o capital social tem um importante papel ao discutir as relações entre as esferas econômicas e sociais, pois é constituído por um conjunto de laços e normas de confiança e reciprocidade, estabelecidos entre os indivíduos de um determinado grupo, que tornarão possíveis ou facilitarão a mobilização para a ação coletiva através da ajuda mútua.

Putnam (1996) indica que o estoque de capital social apresentado por um grupo é o elemento chave para a construção da ação coletiva. O autor afirma que a confiança é um dos principais elementos do capital social, pois é a partir dela que se constrói a cooperação entre os indivíduos de um grupo, cujo resultado será a promoção de mais confiança. Desta forma, atividades econômicas ou não que incentivem a interação entre

os membros de um grupo e para além dele, podem ter como consequência a constituição de capital social.

Além disso, Putnam (1995) destaca o caráter abstrato do conceito, pois uma vez que outras formas de capitais podem ser tangenciáveis (capital econômico em contas bancárias, capital humano dentro das cabeças das pessoas), o capital social reside na interação das redes sociais, logo o caráter coletivo se torna uma condição *sine qua non* (“sem a qual não pode ser”).

Verifica-se a importância do envolvimento individual nas ações coletivas, contribuindo para a construção de um espírito comunitário, para a participação e cooperação do grupo. O capital social é identificado como um elemento agregador da comunidade, capaz de gerar confiança entre seus membros, facilitando a implementação de ações que objetivem alterar o sentido, a direção, a duração e o tipo de vínculo das relações sociais pré-existentes (PUTNAM, 1995).

Diante desse contexto é notório que não há um consenso quanto ao conceito propriamente dito de capital social. Além dos autores citados aqui, há vários outros que discutem o tema e apesar das disputas, há um ponto de convergência entre eles, sendo a importância da contextualização na definição das variáveis e fatores do capital social, pois o mesmo não pode ser isolado contextualmente e erguido de forma artificial (MILANI, 2004).

Portanto, importantes aspectos do capital social como redes sociais, a confiança e o sentimento de pertencimento são muito além de consequências, são também fontes de capital social (MOISÉS, 2005). Neste sentido, o capital social se constrói a partir do sentimento de pertencimento para com uma determinada comunidade e de um investimento em relações sociais pautadas na confiança e reciprocidade.

Com a presente construção teórica, entende-se que o capital social parte do âmbito individual para o coletivo, no qual o nível de interação entre o grupo é o que fortalece a comunidade e desenvolve as “obrigações” simbólicas (confiança, fraternidade, reciprocidade, pertencimento, respeito) que contribuem para a coesão das relações e manutenção desse sistema. Neste interim, compreender o capital social significa analisar a conjuntura de seus desdobramentos: (i) redes sociais; e (ii) confiança e sentimento de pertencimento, que serão importantes para desvelar a relação entre os atores da presente pesquisa e a dimensão institucional dentro do contexto em que estão inseridos.

### 3.3.1 Redes Sociais

As Redes Sociais são uma importante dimensão para analisar as interações sociais dos indivíduos em nível macro e micro. A mesma pode ser considerada como uma ponte que contribui para que os indivíduos atinjam os seus objetivos, se conectem entre si e com as instituições (COLEMAN, 1990; FONTES, 2006). Para Portugal (2007), redes sociais representam o conjunto de relações sociais que se formam a partir dos indivíduos e que pode ser compreendida através do resultado dessas relações.

A autora afirma que para Bourdieu e Coleman a rede social é entendida como um meio para se atingir os objetivos. Mas, para Putman a rede social é compreendida no âmbito coletivo, a preocupação está em como todos podem se beneficiar da rede, a partir de normas e confiança (PORTUGAL, 2007). Dessa maneira, analisar a CSA de Belo Horizonte e de Sete Lagoas em uma perspectiva coletiva significa compreender como ocorre a interação entre os membros, quais os laços têm sido constituídos e qual é a natureza dessas relações.

Dessa maneira, Portugal (2007) aponta que a operacionalização do conceito de redes sociais pode ser feito a partir de questões simples, como: “Quem? O quê? Como? – Quem faz parte das redes? Quais os conteúdos dos fluxos das redes? Quais as normas que regulam a sua ação?”. Contudo, a autora salienta que para operacionalizar as redes sociais dos indivíduos pode-se focar na pergunta “Quem?” Identificando os *nós* e os *laços* que são constituídos.

Com esta perspectiva, para Granovetter (1973; 1982) as redes sociais estão estruturadas por relações que se situam a partir de *laços*, que podem ser fortes ou fracos e dentro deste sistema há os indivíduos, grupos ou organizações que são os *nós*, que se conectam através das relações sociais. Granovetter (1973) classifica os laços fortes como aqueles nos quais os indivíduos possuem mais tempo, ligação emocional e trocas, como exemplo: a amizade. Já os laços fracos são aqueles em que há um menor investimento, como exemplo: pessoas conhecidas.

Contudo, para se compreender bem as redes sociais, é preciso conhecer as relações que são constituídas entre os indivíduos e os efeitos dessas relações sobre o comportamento individual e coletivo (MIZRUCHI, 2006). Assim, analisar as estruturas relacionais das redes poderá contribuir para compreender o modo como os indivíduos estão situados nas redes sociais, a forma como se relacionam e como transformam seus interesses dentro da comunidade (PORTUGAL, 2007). Desta forma, Santos (2006)

afirma que as redes sociais podem ser analisadas por duas vertentes, sendo elas: estrutural e relacional.

O âmbito estrutural refere-se ao estudo das estruturas, sem analisar o tipo e forma das relações, quanto à vertente relacional, ela compreende o contexto social e político na sua formação e manutenção (SANTOS, 2006). Entretanto, os autores Fredericks e Durland (2005) chamam a atenção para o foco na linha de análise no âmbito social e nas interações sociais entre os indivíduos no contexto coletivo e não individual das redes sociais. Acredita-se que a melhor compreensão dos fenômenos nas redes sociais está no entendimento das relações entre aqueles que compõem a rede.

Considera-se que as redes sociais se constituem como profundos sistemas que são compostos por diferentes pessoas, em diversos contextos, a partir de uma variedade de relações. Assim, as redes sociais precisam ser analisadas para além da identificação da sua estrutura, é preciso compreender como ocorre o processo de interação entre as pessoas, como ela se constitui e condiciona a organização da rede (FREITAS, 2015).

Nesse sentido, a apropriação do conceito de redes sociais no contexto das CSAs em análise se dá para a compreensão das relações sociais que são constituídas entre os membros. Para tanto, o foco está em responder quem são as pessoas que compõem as CSAs e qual é a natureza da relação entre elas. Além disso, entende-se que as redes sociais só podem ser constituídas com base na confiança mútua, pois essa é uma premissa para elucidar a constituição das redes sociais.

Em similaridade, Costa (2005) afirma que um dos fatores essenciais para solidificar as redes sociais é o sentimento de confiança mútua. Para o autor, o mesmo funciona como base de sustentação nas relações sociais e sua construção se dá a partir da interação com outras pessoas e na capacidade de perceber o outro e sentir-se pertencente (COSTA, 2005). Assim, compreender os aspectos da confiança e o sentimento de pertencimento se torna uma premissa não só do capital social como da rede social.

### **3.3.2 Confiança e Pertencimento**

A noção de confiança é uma das categorias comumente utilizadas para descrever a constituição do capital social e também é uma premissa para identificar as redes sociais (HIGGINS, 2005). Conforme aponta Locke (2001), há duas visões na literatura sobre a confiança. Uma corrente é de natureza sociológica e acredita que a

confiança está relacionada com uma construção histórica em longo prazo, no qual existem ações voltadas para o associativismo, compromisso cívico e interações extrafamiliares. No entanto, há outra corrente que acredita que a confiança habita no âmbito econômico, no qual está relacionado com aspectos do interesse próprio e a avaliação de custos e benefícios.

Para o autor, ambas as correntes devem ser levadas em consideração na identificação da confiança. Ele afirma que a confiança ainda é tratada de forma estática na literatura por assumir um papel padrão (fixo no tempo e no espaço) e um pré-requisito na identificação do capital social (LOCKE, 2001). Quanto a definição de confiança, Hardin (2001) afirma que há uma abundância de conceitos, mas que são, muitas vezes, contraditórios.

Nesse sentido, para Moisés (2005), os indivíduos em uma comunidade ou organização tendem a ter maior confiança naqueles que têm interesses comuns ou quando ambos agem em prol de uma motivação coletiva, pois creem que seus interesses serão levados em consideração pelo outro. Entretanto, confiar no outro nem sempre é uma tarefa fácil, pois algumas informações não são acessíveis ou adequadas para avaliar a conduta alheia. O vínculo estabelecido pelo grupo ou a duração das relações sociais e dos interesses comuns são essenciais para a construção e manutenção dos laços de confiança (MOISÉS, 2005).

No entanto, ainda que haja o interesse comum e mesmo que a estrutura institucional contribua para que haja laços de confiança, Mollering (2001) aponta que a confiança parte da predisposição do indivíduo em confiar. Desta forma, no contexto em que há relações econômicas, mas a estrutura organizacional não é “mercadológica” ou “hierárquica”, o que sustenta as relações econômicas é a confiança mútua entre os indivíduos (POWELL, 2008). Neste sentido, a confiança permite minimizar os riscos e aumentar a previsibilidade das ações dos indivíduos com os quais nos relacionamos, pois a confiança gera a expectativa positiva sobre o comportamento dos outros, o modo como os indivíduos enfrentam as incertezas e a imprevisibilidade (MOISÉS, 2005).

Contudo, compreender a confiança como uma das dimensões centrais do capital social implica na necessidade de se contextualizar e relativizar cada realidade social, pois a confiança pode se basear em comportamentos rotinizados. Desta forma, sem informações adequadas sobre os sujeitos e até mesmo por serem os únicos contatos possíveis, por necessidade a confiança pode ser usada negativamente, seja contra

aqueles que não fazem parte da comunidade ou organização ou ainda ligada a grupos corruptos e sistemas antidemocráticos (PINHEIRO et al., 2016).

Assim, a confiança pode ser afetada pela existência ou ausência do sentimento de pertencimento ao grupo ou organização. O sentimento de pertencimento é uma ideia de enraizamento, onde o indivíduo se sente parte do grupo e compreende que suas ações contribuem para a construção e solidez desse grupo e ao mesmo tempo é afetado pelas ações dos demais e por eles modificado. Em determinadas organizações, esse sentimento de fazer parte contribui para que o indivíduo se dedique às atividades e até mesmo releve situações de discordância das decisões do grupo (KOURY, 2010).

Nesse sentido, segundo Koury (2010) é preciso compreender qual o significado do grupo na vida de seus membros para que se possa categorizar se há sentimento de pertencimento ao grupo. Ao estudar um grupo de apoio aos jovens de bairros populares na cidade de João Pessoa, Koury (2010 p. 34) afirma que sentir-se pertencente a um grupo contribui para que haja a elevação do coletivo acima do individual. Desta forma, “faz do indivíduo uma pessoa relacional que se encontra, se submete e se revela no e para o grupo”.

Portanto, desvelar as relações sociais a partir da compreensão de como ocorre o processo de confiança e o sentimento de pertencimento entre os membros das CSAs de Belo Horizonte e de Sete Lagoas é entendido nesta pesquisa como o caminho para identificar se esses grupos constituem-se como uma comunidade para aqueles que integram essa experiência.

Nesse sentido, há ainda um caminho para se percorrer, pois compreender o que a CSA significa para essas pessoas e como eles representam essa experiência no contexto em que estão inseridos também se torna um processo chave para desvelar o que há de comunidade nos grupos em análise.

### **3.4 Quadro Analítico**

A construção teórica dessa pesquisa está fundamentada em uma gênese que não leva em consideração apenas o âmbito estrutural das relações, mas os atores que ocupam o lugar de sujeitos da pesquisa. Utiliza-se uma abordagem que é orientada aos atores na qual leva em consideração os agentes que farão parte da pesquisa, pois eles não são vistos apenas como categorias vazias, mas como participantes ativos que

compreendem e processam informações nas suas relações sociais (LONG; PLOEG, 1994).

Assim, a abordagem teórica está orientada para o entendimento dos processos sociais, sendo a análise social uma de suas preocupações. Desta maneira, a inserção dos atores da pesquisa não foi realizada de maneira instrumental, mas observando as suas subjetividades em seus espaços naturais. Neste sentido, o quadro analítico apresentado refere-se à construção da lente teórica utilizada para enxergar a CSA de Belo Horizonte e de Sete Lagoas.

O processo de descortinar a constituição da comunidade no contexto da CSA e as relações sociais que implicam nesse fator aponta para a necessidade de compreender a dinâmica organizativa e a natureza das relações sociais que são constituídas no grupo. Desta forma, o arcabouço teórico da pesquisa possui duas dimensões analíticas – uma relacional e outra cognitiva. A dimensão relacional diz respeito à constituição das relações sociais entre as pessoas, em que acontece o processo de interação e o desenvolvimento dos laços. Considera-se relevante nessa dimensão o desdobramento do processo relacional que ocorre entre os membros das CSAs. Assim, o eixo analítico dessa dimensão é como os membros das CSAs tiveram acesso as experiências, compreender o processo de organização e funcionamento e identificar a natureza das relações.

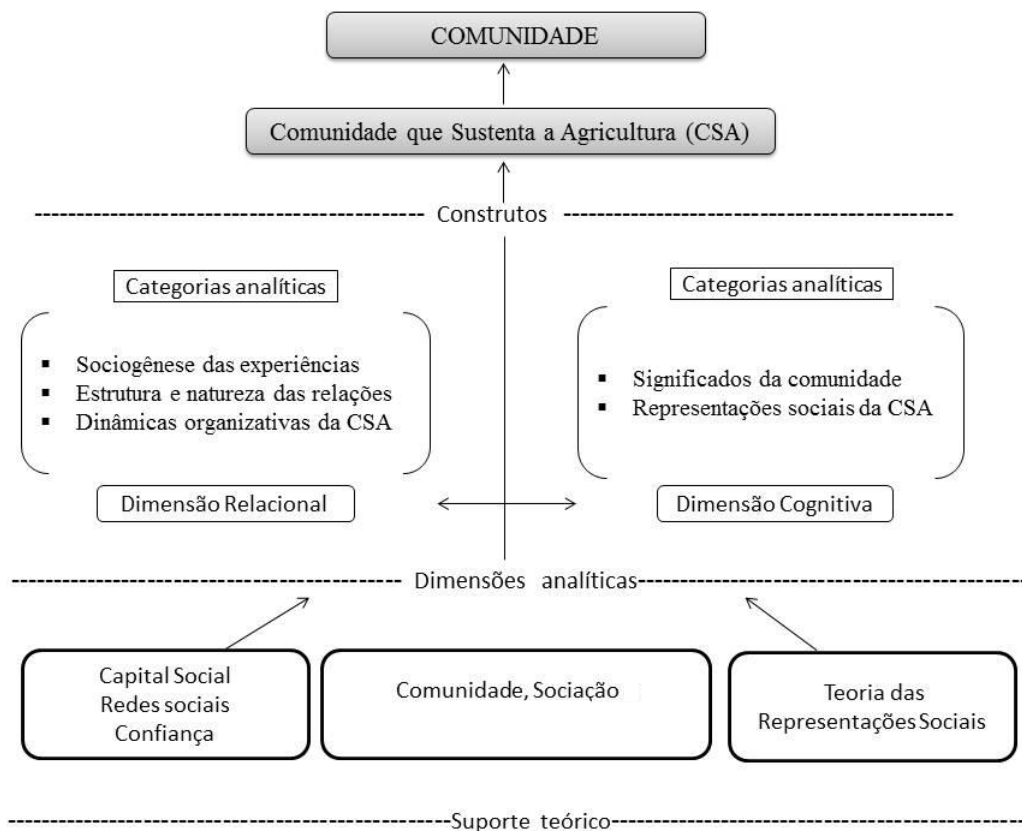
A dimensão cognitiva é o processo de percepção, pensamento, atenção, de entendimento sobre o que é a CSA e de compreender o seu significado no âmbito individual e coletivo. Esta dimensão é importante pois identifica o que o sistema CSA significa para as pessoas que o vivenciam e como essa experiência atribui um sentido comunitário para elas. Desta forma, a maneira como as pessoas representam uma realidade como a CSA define como elas irão se envolver, participar, interagir com as pessoas e intervir no grupo, contribuindo para o seu desenvolvimento e crescimento.

Quanto ao suporte teórico, o mesmo está alinhado com as dimensões analíticas, tendo em vista que a apropriação dos conceitos e teorias está em consonância com os objetivos da pesquisa. Conforme já mencionado anteriormente, a CSA não possui uma definição clara e objetiva do conceito de comunidade, porém o sistema apresenta uma série de elementos que precisam ser introduzidos na CSA, como por exemplo: realização de reuniões; decisões participativas; cooperação; trabalho voluntário; organização de festas e eventos, dentre outras atividades (PERÉNYI et al, 2016).

Nesse sentido, o capital social e seus desdobramentos (redes sociais, confiança e sentimento de pertencimento) estão atrelados à identificação das relações sociais, o conceito de sociação aponta para o processo de interação entre os membros da CSA e como o mesmo ocorre. Por fim, a teoria das representações sociais refere-se ao entendimento do que é a CSA e o seu significado para as pessoas. Neste contexto, as dimensões analíticas e o suporte teórico fundem-se no objetivo da pesquisa, no qual se origina a construção do quadro analítico.

Assim, a figura 03 busca sintetizar em um esquema representativo o caminho teórico da pesquisa, desde a fundamentação teórica proposta à suas derivações em dimensões e categorias analíticas. Este esforço teórico de síntese representa um recorte da pesquisa, de forma a determinar a lente utilizada para enxergar os objetos de análise.

Figura 03: Representação do quadro analítico



Fonte: Elaboração própria, 2019

O quadro analítico apresenta a construção teórica da pesquisa com uma interface empírica, pois o mesmo é o produto da interação entre a experiência dos pesquisadores com os sistemas CSAs, a revisão de literatura sobre o tema e a leitura teórica. Ademais, o quadro analítico não se encerra nesta síntese, mas representa um processo aberto para as análises das inter-relações existentes entre as categorias propostas – tendo em vista o caráter relacional e cognitivo proposto.

Dessa maneira, as setas recíprocas presentes na figura 03 buscam representar a conexão e a interação entre as dimensões analíticas, pois elas estão intimamente ligadas e uma pode influenciar a outra. Por esse motivo, os processos relacionais e cognitivos permitem uma análise sistêmica das experiências, o que possibilita um olhar amplo e profundo no campo das relações sociais, no qual os sujeitos da pesquisa interagem entre si e podem orientar para mudanças nas categorias analíticas propostas sem alterar as dimensões relacionais e cognitivas, o que representa um sistema aberto e com um fluxo interacional por todas as partes.

Por fim, as escolhas teórico-analíticas apresentadas na figura 03 identificam que o caminho escolhido para responder às indagações da pesquisa se dá a partir de uma teoria que aborde as dimensões relacionais e cognitivas. Neste sentido, a lente teórica que é proposta por meio do quadro analítico não se aplica apenas às CSAs de Belo Horizonte e de Sete Lagoas. A abordagem teórica apresentada foi definida com base em um olhar crítico sobre o sistema CSA, com o objetivo de elaborar um quadro analítico que seja uma lente para enxergar o fenômeno da comunidade nos diversos sistemas de CSA.

#### **4 O PERCURSO METODOLÓGICO**

A partir da construção do quadro analítico, o percurso metodológico dessa pesquisa optou por seguir um caminho qualitativo, na qual considere as subjetividades dos sujeitos e os processos de interações sociais. Além disso, a construção metodológica está fundamentada no posicionamento epistemológico dos autores que consideram estritamente necessário seguir um caminho que tenha no centro de suas ações os sujeitos da pesquisa. Desta forma, o direcionamento da metodologia não seguiu um percurso apenas instrumental, mas buscou-se contextualizar os objetivos de estudo a partir de seus históricos de implementação e analisar as relações sociais constituídas em seus espaços de interação.

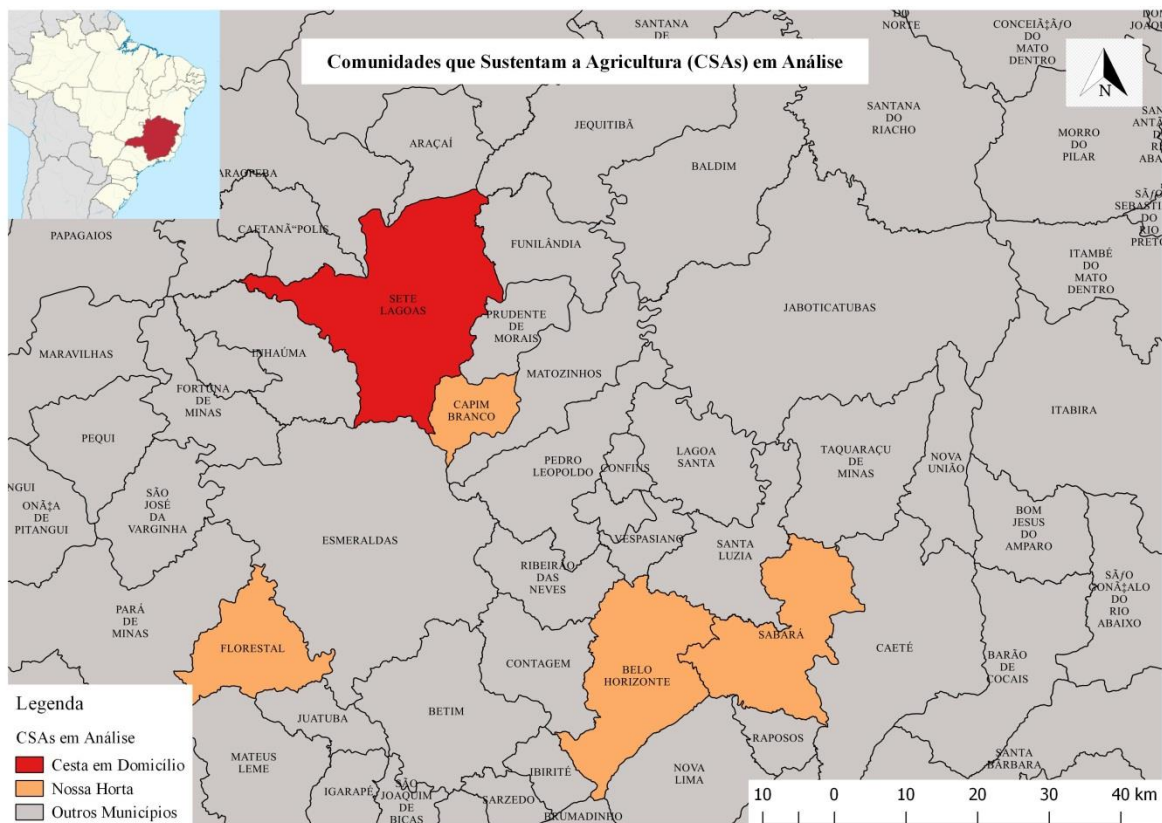
#### **4.1 Contextualização do universo empírico**

A presente pesquisa foi realizada em duas CSAs, localizadas no estado de MG. Ambas estão inseridas em um contexto de agricultura urbana, sendo que uma está localizada na cidade de Belo Horizonte, capital do estado, e se caracteriza por ser a primeira experiência do estado, sendo intitulada de CSA Nossa Horta. Essa experiência foi escolhida como objeto de estudo da presente pesquisa pois se trata de um grupo que realiza o processo de gestão de forma coletiva pelos coprodutores, sendo um aspecto sugerido para as experiências que se intitulam como uma CSA.

A outra CSA analisada está localizada na cidade de Sete Lagoas, que se situa no colar metropolitano de Belo Horizonte (conjunto dos municípios adjacentes à região metropolitana), sendo intitulada de CSA Cesta em Domicílio. A principal característica dessa experiência é o seu formato organizacional de produção e fornecimento das cestas que se diferencia das CSAs que são comumente identificadas na literatura, pois o grupo é gerido por agricultores que produzem em um mesmo espaço de horta comunitária urbana e trocam os seus produtos para atenderem ao grupo de consumidores da cidade.

Portanto as duas experiências foram escolhidas para serem analisadas na presente pesquisa, pois conforme citado, apresentam características singulares e se constituíram em cidades de grande porte abarcando um número considerável de participantes. A figura 04 apresenta a referência geográfica das duas CSAs analisadas, sendo que na cidade de Belo Horizonte está localizada a CSA Nossa Horta e nela residem os coprodutores e nas cidades de Sabará, Capim Branco e Florestal estão localizadas as fazendas de produção com seus agricultores, a distância entre Belo Horizonte e essas cidades são de 13, 54 e 67 km, respectivamente. Na cidade de Sete Lagoas residem os agricultores e os coprodutores da CSA Cesta em Domicílio e a distância entre as duas CSAs em análise (Belo Horizonte e Sete Lagoas) é de 70 km.

Figura 04: Mapa das CSAs em análise



Fonte: Elaboração própria, 2019

As CSAs analisadas estão relativamente próximas geograficamente, e ambas são relevantes nos contextos em que estão inseridas. Além disso, apresentam particularidades que fogem ao que comumente é encontrado na literatura, pois a CSA de Sete de Lagoas é gerida por um grupo de agricultores que produzem juntos em uma horta comunitária urbana. A CSA de Belo Horizonte é gerida pelos coprodutores e se situam na capital do estado de MG, no qual tornam-se relevantes por suprir a demanda da sociedade por alimentos saudáveis e agroecológicos e apresentam uma opção para que os agricultores possam escoar a produção e diminuir o êxodo rural, aspectos que também são identificados em Sete Lagoas.

#### 4.2 Os métodos da pesquisa

A metodologia constitui-se nos caminhos percorridos para atingir o conhecimento do fenômeno investigado e é definida como o percurso do pensamento em que está incluso, simultaneamente, o método da pesquisa e as técnicas para a sua operacionalização (MINAYO et al., 2011, p.14). Além disso, o processo metodológico

vai além da utilização de técnicas, ele inclui concepções teóricas da abordagem em um diálogo entre a teoria e a prática no tocando a realidade (MINAYO, 2007).

Dessa forma, na presente pesquisa buscou-se explorar as ideias e intuições na pretensão de adquirir maior familiaridade com o fenômeno investigado, caracterizando-se como uma pesquisa de cunho exploratório. No qual, segundo Zikmund (2000) são estudos que buscam analisar situações, alternativas ou descobrir novas ideias a partir da exploração do problema. Assim, a pesquisa buscou analisar as subjetividades dos objetos de estudo, pensando nas suas particularidades e experiências.

Nesse sentido, a natureza da pesquisa optou por seguir o caminho qualitativo, que se caracteriza por ser desenvolvido no cenário natural daqueles que serão analisados, pois esse aspecto contribui para que o pesquisador obtenha um maior conhecimento das reais experiências ocorridas e uma maior interação com as pessoas (TRIVIÑOS, 1987). A pesquisa qualitativa aborda o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse universo pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade, aspectos que dificilmente poderiam ser traduzidos numericamente (MINAYO, 2012 p. 21).

No que se refere ao objeto de estudo, o mesmo é um estudo de caso, no qual se configura em um profundo estudo dos fatos, pois possibilita adquirir conhecimento da realidade e dos fenômenos pesquisados (YIN, 2001). Uma das principais vantagens do estudo de caso está em sua capacidade de investigar os processos sociais, o que propicia uma análise processual, contextual e longitudinal dos fatos ocorridos e das construções em seus diferentes âmbitos (HARTLEY, 1994).

Nesse contexto, o percurso metodológico buscou se apropriar de métodos que estivessem em consonância com os objetivos da pesquisa e que considerassem os seus sujeitos nos âmbitos de suas subjetividades e especificidades.

#### **4.2.1 Coleta dos dados**

A técnica para a coleta dos dados refere-se a um conjunto de regras ou processos utilizados que corresponde à parte prática da pesquisa, nesse processo podem ser utilizadas mais de uma técnica de coleta (LAKATOS; MARCONI, 2001). Assim, os dados foram coletados utilizando-se as seguintes técnicas: i) entrevista semiestruturada; ii) questionário *online* (apenas na CSA Nossa Horta); e iii) observação participante. O

quadro 02 apresenta os objetivos da pesquisa em consonância com as técnicas de coleta de dados utilizada.

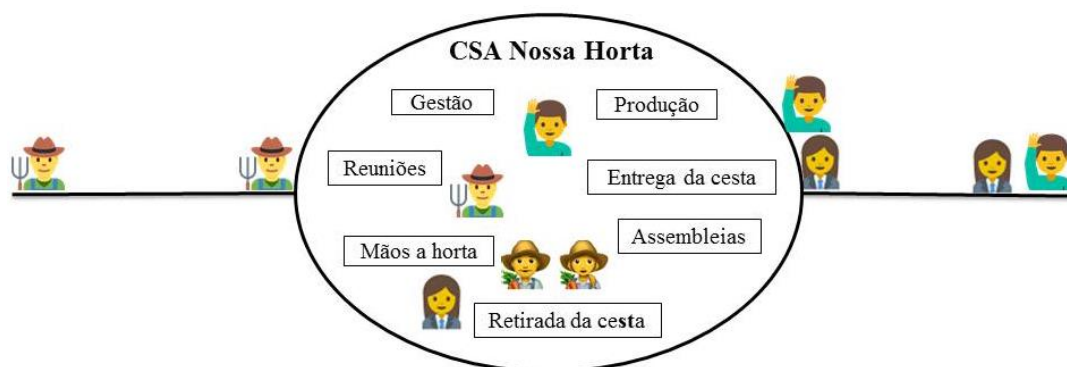
Quadro 02: os objetivos da pesquisa em consonância com as técnicas de coleta de dados

Objetivos específicos	Técnicas de coleta de dados
Identificar como os membros da CSA representam essa experiência.	Entrevista semiestruturada; Questionário <i>online</i> ; Observação participante
Identificar qual é a natureza da relação entre os membros da CSA.	Entrevista semiestruturada; Questionário <i>online</i> ; Observação participante.
Descrever e analisar o processo de organização e funcionamento da CSA.	Entrevista semiestruturada; Observação participante.

Fonte: Elaboração própria, 2019

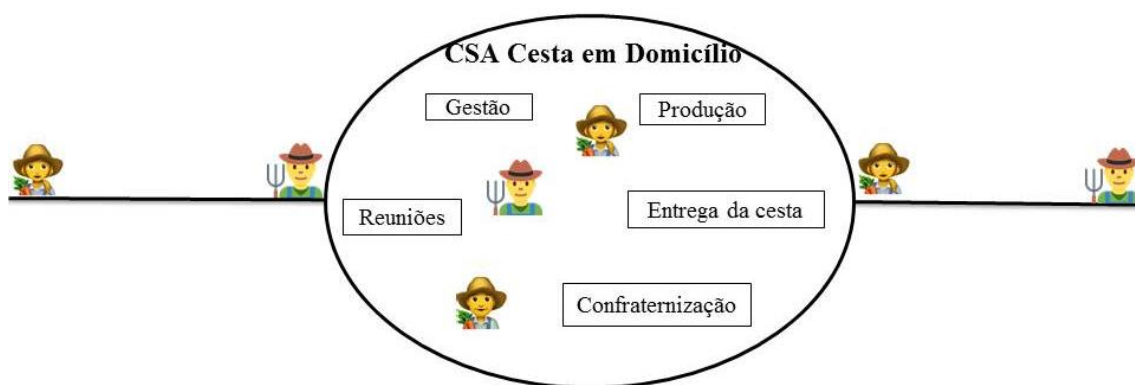
Durante as entrevistas, além das perguntas realizadas junto aos coprodutores e agricultores foi apresentado um desenho, conforme as figuras 5 e 6, que continha todas as atividades da CSA (busca das cestas, entrega das cestas, reuniões, assembleias e eventos) e os entrevistados foram questionados se conseguiam se enxergar dentro destes procedimentos, estando automaticamente inseridos na CSA ou se estavam à margem destes processos ou completamente distanciados.

Figura 5: Representação da CSA Nossa Horta



Fonte: Elaboração própria, 2019

Figura 6: Representação da CSA Cesta em Domicílio



Fonte: Elaboração própria, 2019

Nas Figuras 5 e 6 os bonecos ilustram os membros da CSA, sejam eles agricultores (as) ou coprodutores (as). A localização dos bonecos esta entre: dentro da CSA, a margem ou distante, conforme o membro se identificou na entrevista. No que compete ao questionário *online*, ressalta-se que o mesmo foi enviado apenas para a CSA Nossa Horta devido o seu expressivo número de coprodutores (em média 106). Quanto à CSA Cesta em Domicílio, optou-se por realizar apenas as entrevistas junto aos agricultores, tendo em vista que a maioria deles não possui o contato de e-mail e de WhatsApp dos coprodutores.

Quanto aos locais de coleta dos dados, na CSA Nossa Horta houve a participação da pesquisadora nos espaços de entrega das cestas, nas reuniões e no evento Mãos à Horta. Na CSA Cesta em Domicílio os dados foram coletados na horta comunitária Vapabuçu durante o expediente de trabalho dos agricultores, e como não houveram reuniões e eventos nessa CSA, não foi possível participar de nenhum desses espaços. Para a melhor descrição desta etapa da pesquisa, o quadro 03 descreve de forma detalhada o processo de coleta dos dados.

Quadro 03: especificação da coleta de dados

CSA Nossa Horta – Belo Horizonte		
Locais de coleta dos dados	Dias	Técnicas de coleta de dados
Entrega das cestas no Museu das Minas e do Metal em Belo Horizonte	21 e 28 / setembro/2019	Entrevista semiestruturada
Assembleia geral no Museu das Minas e do Metal	21 / setembro/2019	Observação participante
Reunião da gestão realizada no local de trabalho de um dos membros da gestão	24 / setembro/2019	Observação participante
Evento Mãos à Horta realizado na propriedade do agricultor na cidade de Sabará	29 / setembro/2019	Entrevista semiestruturada Observação participante
Questionário <i>online</i>	30 / setembro/2019	Enviado para o e-mail e

		WhatsApp <sup>9</sup> dos coprodutores
<b>CSA Cesta em Domicílio – Sete Lagoas</b>		
<b>Local de coleta dos dados</b>	<b>Dias</b>	<b>Técnicas de coleta de dados</b>
Horta Comunitária Vapabuçu	30 / setembro até 04 / outubro	Entrevistas semiestruturada

Fonte: Elaboração própria, 2019

A entrega das cestas no Museu das Minas e do Metal é um procedimento da CSA Nossa Horta que ocorre semanalmente aos sábados. Os entrevistados nesse local foram 06 homens e 07 mulheres com faixa de idade entre 30 e 40 anos, residentes da área urbana de Belo Horizonte e profissionais de diversas áreas, como: professores(as), engenheiros(as), nutricionistas, servidores públicos, dentre outros.

A assembleia geral caracteriza-se por ser um espaço de ampla discussão sobre as demandas da CSA com a participação do núcleo gestor<sup>10</sup>, agricultores e coprodutores. Na assembleia do dia 21 de setembro de 2019 houve a participação de 05 membros do núcleo de gestão, 01 agricultor e 05 coprodutores. A reunião da gestão é um espaço de discussão do núcleo gestor no qual realizam os encaminhamentos demandados na assembleia geral, organizam eventos e procedimentos de funcionamento da CSA. Na reunião do dia 24 de setembro de 2019 houve a participação de 03 membros do núcleo gestor.

O evento Mãos à Horta é realizado na fazenda dos agricultores da CSA e tem o objetivo de integrar agricultores e coprodutores através de um dia de vivência nas atividades da fazenda. Neste espaço, os coprodutores tem a oportunidade de conhecer o trabalho do agricultor e realizar atividades na fazenda, como plantio e limpeza da área de produção. Além disso, o evento é aberto para a participação de pessoas que tenham interesse em conhecer a CSA. No evento Mãos à Horta realizado no dia 29 de setembro de 2019 houve a participação de 09 coprodutores, 04 visitantes e a família do agricultor.

Na horta comunitária Vapabuçu realizou-se a entrevista junto aos agricultores, que foram 09 homens e 04 mulheres com faixa de idade entre 40 a 70 anos, que produzem na horta Vapabuçu há aproximadamente 20 anos e residem na área urbana de Sete Lagoas. Quanto ao número total de entrevistados, na CSA Nossa Horta foi possível

<sup>9</sup> WhastApp: Aplicativo de mensagens instantâneas no formato de texto.

<sup>10</sup> O núcleo gestor da CSA Nossa Horta é composto por coprodutores que se disponibilizam a realizar os procedimentos da gestão da CSA de forma voluntária pelo período de 01 (um) ano, sendo que após esse tempo outro grupo assume o núcleo de gestão.

realizar a entrevista com 13 membros da CSA (entre agricultores e coprodutores), no questionário *online* houve a adesão de 28 coprodutores e foi possível construir um diário de campo a partir das observações nos espaços de reuniões e no evento Mãos à Horta. Na CSA Cesta em Domicílio, realizou-se a entrevista com 12 agricultores.

#### 4.2.2 Análise dos dados

Para a análise dos dados realizou-se a análise de conteúdo, que tem por objetivo enriquecer a leitura e ultrapassar as incertezas, extraindo conteúdos por trás da mensagem analisada. A análise de conteúdo possui duas funções básicas que na prática podem associar-se ou não, sendo elas: (i) função heurística que aumenta a prospecção à descoberta, enriquecendo a tentativa exploratória; e (ii) a função de administração da prova em que, pela análise, buscam-se hipóteses sob a forma de questões ou afirmações que serão as diretrizes para o método da análise sistemática que irá verificar se as hipóteses corroboram ou não através da prova (BARDIN, 1977).

Assim, a utilização dessa técnica poderá contribuir para trazer à luz o que está obscuro na mensagem em análise, possibilitando a descoberta de outros significados. Desta forma, Bardin (1977, p.42) conceitua a análise de conteúdo da seguinte maneira:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo de mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Além disso, a autora afirma que a análise de conteúdo pretende determinar as condições de produção dos textos, que tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, levando-se em consideração o emissor e o contexto em que está inserido (BARDIN, 1977 p. 42). Dessa maneira, buscou-se elucidar a estrutura e os elementos do conteúdo, com a finalidade de esclarecer as suas características e significados (LAVILLE; DIONE, 1999).

Nesse sentido, no processo de operacionalização dessa técnica, o pesquisador deve realizar recortes dos conteúdos em elementos que deverão ser reunidos em categorias de análise e que poderão ser divididos em temas (LAVILLE; DIONNE, 1999). Além disso, os autores afirmam que as categorias de análise possibilitarão uma

maior compreensão do conteúdo, pois poderão construir unidades de análise que se constituem em palavras, expressões, frases ou enunciados que traz à tona a ideia central em análise. Portanto, o quadro 04 apresenta as categorias analíticas, construídas em consonância com os objetivos da presente pesquisa e que foram exploradas com o método de análise de conteúdo.

Quadro 04: categorias de análise

Dimensão Relacional	
<b>Categorias analíticas</b>	<b>Método de análise</b>
Sociogênese das experiências	Análise de literatura Análise de conteúdo
Dinâmicas organizativas da CSA	Análise de conteúdo
Estrutura e natureza das relações	Análise de conteúdo
Dimensão Cognitiva	
<b>Categorias analíticas</b>	<b>Método de análise</b>
Representações sociais da CSA	Análise de conteúdo
Significado da comunidade	Análise de conteúdo

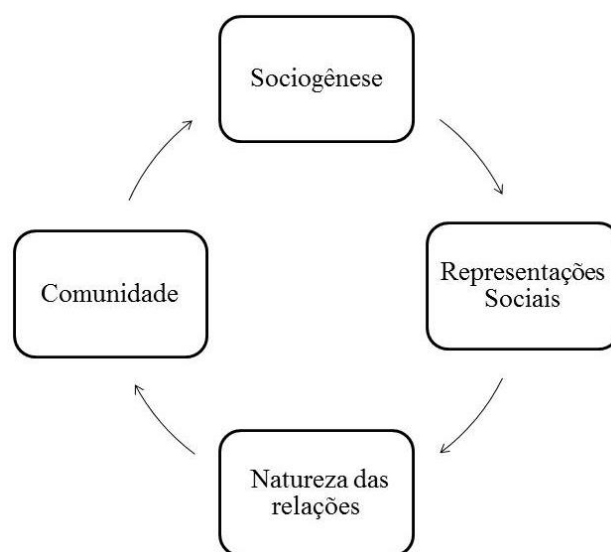
Fonte: Elaboração própria, 2019.

As categorias analíticas foram pensadas a partir das dimensões relacional e cognitiva e abordam os seguintes aspectos:

- i) Sociogênese das experiências: descreve o processo histórico de surgimento da CSA e como os atores da pesquisa tiveram acesso a essa experiência, analisando suas motivações e interesses;
- ii) Dinâmicas organizativas: descrevem a organização e funcionamento da CSA e a inserção dos atores nesse processo;
- iii) Estrutura e natureza das relações: analisa as relações que são constituídas a partir da interação e participação dos atores na CSA;
- iv) Representações sociais da CSA: analisa o significado da CSA e qual o sentido os atores atribuem a ela;
- v) Significado da comunidade: analisa se os atores da pesquisa se sentem pertencentes a uma comunidade e qual o tipo de socição constituem na CSA.

As categorias analíticas são o ponto de partida na estruturação dos resultados da pesquisa e que estão organizados em capítulos, os quais apresentam as análises das respostas obtidas. Os resultados não analisam apenas o âmbito instrumental das relações, mas consideram as dimensões relacional e cognitiva, pois partem da construção histórica das CSAs, o seu sistema de organização e funcionamento, passando pela trajetória de seus membros para o acesso às experiências que culmina no entendimento da maneira como eles compreendem e representam a CSA. Assim, a figura 07 sintetiza a estrutura de apresentação dos resultados da pesquisa:

Figura 07: estrutura para apresentação dos resultados



Fonte: Elaboração Própria, 2019

A figura 07 representa o ciclo no qual os resultados da pesquisa são apresentados. Na sociogênese está contido o contexto histórico de surgimento das experiências em análise, o que pode influenciar na maneira como a CSA é compreendida e representada pelos seus membros. Isso pode interferir na natureza das relações que são desenvolvidas e que culmina na comunidade que é constituída. Assim, o ciclo não se finda na comunidade, pois a sociogênese conta a história e mesmo não sendo possível alterar o passado, o futuro é um caminho ainda a ser percorrido.

Isso significa que o ciclo pode emergir diversas vezes, e que poderá resultar em transformações na comunidade que é constituída. Portanto, a presente pesquisa poderá ser um instrumento utilizado para contribuir em possíveis transformações nas experiências de CSA – mediante os resultados identificados.

## **5 SOCIOGÊNESE DAS EXPERIÊNCIAS E AS DINÂMICAS ORGANIZATIVAS DA CSA**

Nesse capítulo, os resultados são apresentados a partir do processo histórico de surgimento das CSAs, os caminhos percorridos pelos agricultores e coprodutores para acessarem as experiências e como esses aspectos culminaram nas dinâmicas organizativas que são assumidas atualmente pelas CSAs. Ressalta-se que o exercício de olhar para o passado, a partir da análise do processo histórico das experiências é um caminho importante a ser percorrido, pois ele ajuda a compreender as escolhas que foram feitas e que hoje definem os processos de organização e funcionamento das CSAs.

### **5.1 Contextualização da CSA Nossa Horta: o surgimento, a constituição e o seu funcionamento.**

Para contar o surgimento da CSA Nossa Horta é preciso voltar no tempo para lembrar o surgimento da primeira CSA no estado de MG, que foi fundada no início do ano de 2015 na cidade de Belo Horizonte, por iniciativa da sociedade civil, com a pessoa do Júlio Bernardes a frente do projeto. Segundo a pesquisa de Oliveira (2018) os relatos de Júlio indicam que o primeiro passo para a implementação da CSA foi realizado em dezembro de 2014 com a captação de 02 agricultores e 34 coprodutores, para que em janeiro de 2015 fosse oficializada a implementação da CSA com a primeira entrega de cestas.

No entanto, no final do ano de sua inauguração (2015) a CSA veio a se dividir em CSA Minas e CSA Nossa Horta, constituindo-se em duas experiências que permanecem ativas até o presente momento. Conforme relatado por Oliveira (2018), de modo geral, os princípios das duas CSAs são os mesmos, porém a forma como buscam atingi-los se difere em alguns aspectos. A principal divergência está relacionada à estrutura e ao processo de gestão, sendo que a CSA Minas possui um único gestor e a CSA Nossa Horta é gerida por um núcleo gestor composto por 05 coprodutores, que buscam manter uma relação horizontal com todo o grupo (OLIVEIRA, 2018). Conforme relatado na pesquisa de Neves (2017), o formato da gestão foi o motivo que levou a CSA a se dividir em dois grupos.

Para a presente pesquisa não foi possível analisar as duas experiências de CSA localizadas em Belo Horizonte, pois envolveria um universo de pessoas muito grande e demandaria maior tempo para a pesquisa de campo e posterior análise dos dados coletados. Desta maneira, optou-se por realizar a pesquisa junto a CSA Nossa Horta, pois se trata de um grupo que realiza o processo de gestão de forma coletiva pelos coprodutores, sendo um aspecto sugerido para as experiências que se intitulam como uma CSA.

Dessa forma o foco da pesquisa se deu para com a CSA Nossa Horta, que existe desde o ano de 2015 e possui 03 famílias de agricultores que estão localizadas em propriedades diferentes na região metropolitana de Belo Horizonte. Para os coprodutores que desejam fazer parte da CSA é realizada uma inscrição por meio de sua página na internet e gerada uma taxa de inscrição no valor de R\$ 100,00. Os valores das cestas são de acordo com o formato escolhido pelo consumidor, que pode ser a cesta familiar ou cesta individual (OLIVEIRA, 2018). Ao acessar o site da CSA Nossa Horta, o consumidor tem acesso a informações sobre o que é uma CSA, no qual aponta a perspectiva das relações que buscam construir, conforme a seguinte descrição:

[...] A CSA É MAIS DO QUE UMA RELAÇÃO DE CONSUMO: além de receber produtos de qualidade, frescos e cultivados localmente, os coprodutores participam da vida do produtor, fazendo visitas à horta, conhecendo a família, entendendo suas expectativas e dificuldades. O que se busca é uma relação de confiança, que ultrapassa a relação puramente mercadológica. Sua mensalidade garante o funcionamento de todas as etapas da cadeia produtiva dos alimentos, desde o plantio, cuidado com a terra, passando pela logística de armazenamento até a entrega do produto. Além disso, você estará contribuindo com desenvolvimento da agroecologia, já que todos os produtores são acompanhados por técnicos que garantem a qualidade dos produtos e auxiliam no avanço das práticas agroecológicas e AGROFLORESTAIS [...] (CSA NOSSA HORTA, 2019).<sup>11</sup>

Nesse sentido, conforme se pode verificar na descrição utilizada pela CSA Nossa Horta, esse sistema busca integrar os consumidores como coprodutores por meio da participação na vida dos agricultores, através de uma relação de confiança e reciprocidade. Os agricultores por sua vez são incentivados no processo de produção a tornarem-se cada vez mais agroecológicos. A CSA Nossa Horta desenvolveu um “plano

---

<sup>11</sup> Citação disponível no link: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSdI5sDH9v-fcGBihFzd8mGLwGMxEiTiqY-s3c98ORWoxE95Ew/viewform>. Acessado em 25/11/2019.

de carreira” para seus agricultores, no qual os mesmos se submetem a buscar melhorias e avanços na sua horta, ao passo de conseguirem implementar uma agrofloresta<sup>12</sup>.

O agricultor inicia-se no estágio 01 e tem a oportunidade de semestralmente mudar o seu estágio, conforme normas do grupo voltadas para o nível agroecológico do agricultor, sendo o maior nível quando é constituída a agrofloresta (OLIVEIRA, 2018). A importância em subir de nível para os agricultores está na busca por um sistema de produção cada vez mais sustentável, e a sua remuneração é proporcional ao seu nível agroecológico estabelecido pelo grupo.

Quanto aos coprodutores que fazem parte da CSA, não é permitido escolherem os produtos que compõem a cesta. Entretanto, a entrega não é às cegas, pois existe um padrão que os agricultores devem cumprir sempre que possível, de forma que haja variedade alimentar para as cestas familiar e individual, conforme o padrão: 2 folhas, 2 legumes, 2 raízes/tubérculos, 2 ervas/temperos, 1 fruta e 2 PANCs (plantas alimentícias não convencionais). Além disso, para cada alimento, existe uma pesagem padrão proporcional ao tamanho da cesta sendo que a individual é a metade da familiar.

O processo de comunicação entre os agricultores e os coprodutores da CSA Nossa Horta é realizado geralmente por WhatsApp, e os coprodutores também podem avaliar as cestas através de um questionário no site da CSA Nossa Horta. Atualmente o grupo é composto por 03 agricultores e uma média de 106 coprodutores, podendo sofrer alterações mensais devido ao fluxo de entrada e saída de consumidores.

Com a presente construção do processo histórico de surgimento da CSA Nossa Horta e os caminhos que levaram ao formato de seu funcionamento, torna-se evidente que uma série de fatores ocorreram para que a CSA funcione. Assim, com o objetivo de tornar a compreensão do seu funcionamento didático, tem-se o quadro 05:

Quadro 05: Aspectos de funcionamento da CSA Nossa Horta

Dinâmicas	Características
1) Inscrição para participar da CSA	Via internet no site de domínio da CSA Nossa Horta
2) Contrato de inscrição	Assinado via internet
3) Taxa de inscrição	R\$ 100,00
4) Tipos de cestas fornecidas	Individual / Familiar
5) Preço das cestas	Individual = R\$ 105,00 Familiar = R\$ 185,00
6) O preço da cesta é fixo?	Não. Ele pode variar se o agricultor mudar de estágio de produção

<sup>12</sup> Em linhas gerais, um sistema agroflorestal é aquele que realiza um consórcio, em uma mesma área, com culturas de importância agrônômica com a floresta. Preocupando-se dentre outros fatores, com a biodiversidade.

7) Forma de pagamento	Boleto bancário no início do mês
8) Quantos produtos compõem a cesta	11
9) Escolha dos produtos para compor a cesta	Não é possível escolher os produtos
10) Podem ser adicionados produtos processados na cesta?	Sim
11) Recebimento da cesta	Semanal
12) Forma de recebimento da cesta	Pontos de retirada na cidade ou entregue em local definido pelo coprodutor
13) Forma de contato entre o grupo	WhatsApp / e-mail / pessoalmente
14) Quem compõe o grupo de gestão da CSA?	Os coprodutores
15) Como é realizada a gestão?	Por um núcleo gestor composto por 05 membros
16) Tempo de duração do grupo gestor	1 ano

Fonte: Elaboração própria, 2019

Sobre o item 10, no quadro 05, a CSA Nossa Horta possui uma opção denominada de CSA Produtos, que é composta por um fornecedor de pães orgânicos e uma fornecedora de produtos orgânicos, como manteiga, biscoitos, sal com ervas, entre outros. Para que estes produtos componham a cesta é necessário que o coprodutor faça o pedido junto ao núcleo gestor com antecedência, e o pagamento é realizado à parte do boleto referente às cestas mensais.

Quanto ao funcionamento do recebimento da cesta, conforme descrito no item 12 do quadro 05, a CSA Nossa Horta apresenta algumas especificidades<sup>13</sup> nesse aspecto, sendo elas:

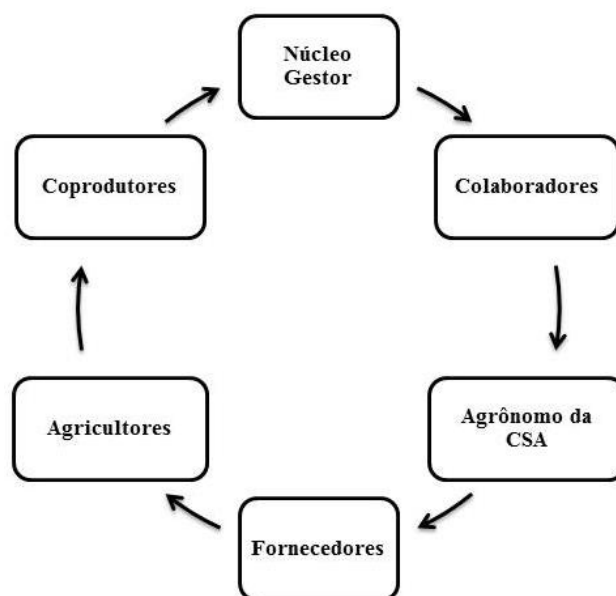
- a) Buscar a cesta no ponto principal de entrega: não há cobrança de taxas extras. Contudo, os coprodutores que optam por essa opção são condicionados a ajudar na entrega da cesta. Para que isso funcione é realizada uma escala com todos os coprodutores, sendo que a cada sábado 02 coprodutores são designados a permanecer no ponto de entrega no período de 08 horas da manhã até o meio dia para acompanhar a retirada das cestas. Caso o coprodutor não possa comparecer, é dada a opção de trocar o dia com outro coprodutor ou realizar o pagamento de R\$ 50,00 para que seja providenciado outra pessoa no seu lugar.
- b) Buscar a cesta em pontos secundários de entrega espalhados pela cidade de Belo Horizonte: nessa opção é cobrada uma taxa de R\$ 18,00 / mês.

<sup>13</sup> As especificidades referentes ao recebimento/entrega das cestas referem-se a informações retiradas do site oficial da CSA Nossa Horta. Link para acesso: <https://csanossahorta.wixsite.com/csanossahorta/cestas-semanais>. Acessado em 04/12/2019

- c) Entrega domiciliar dentro do anel rodoviário: é cobrada uma taxa de R\$ 58,00 / mês.
- d) Entrega domiciliar fora do anel rodoviário: é cobrada uma taxa de R\$ 68,00 / mês.
- e) Entrega domiciliar dentro da Avenida do Contorno: é feita de bicicleta pela Dizzy entregas (aproximadamente R\$12,50 por entrega)

Ressalta-se que as informações apresentadas sobre o funcionamento da CSA Nossa Horta e as especificidades do recebimento/entrega das cestas são referentes à data de coleta das informações, sendo que a qualquer momento pode haver alterações. Por fim, para que a CSA funcione é necessário haver pessoas alocadas em diferentes funções, assim a figura 08 apresenta a distribuição dos membros da CSA nesse processo.

Figura 08: cargos para o funcionamento da CSA Nossa Horta



Fonte: Elaboração Própria, 2019

O núcleo gestor é um grupo composto por 05 coprodutores que se dividem em grupos de trabalho (GTs) e que tem a função de administrar a CSA, e dessa forma recebem como contrapartida a isenção de pagamento da mensalidade das cestas. Os colaboradores são coprodutores que se disponibilizam a ajudar o núcleo gestor na execução de suas funções (com número máximo de 08 colaboradores por GT) e recebem por isso um desconto de R\$20,00 na mensalidade. O agrônomo é um profissional contratado pela CSA e que possui como função realizar um

acompanhamento mensal da produção dos agricultores através da prestação de serviços técnicos, sendo que o seu deslocamento até a propriedade dos agricultores é custeado pela CSA. Em contrapartida pelo seu trabalho, o agrônomo recebe a cesta semanalmente como um coprodutor e participa das assembleias e do evento Mãos à Horta. Os fornecedores<sup>14</sup> realizam a entrega de produtos processados, desde que sejam de origem agroecológica, como: pães, biscoitos, compotas, dentre outros produtos. Os agricultores fornecem os produtos agrícolas e os coprodutores são os responsáveis pela aquisição semanal das cestas e administração da CSA através da distribuição em diferentes funções.

Ademais, a escolha do formato circular para a disposição das funções dos membros da CSA Nossa Horta, deve-se ao fato do sistema CSA ser um ciclo de interdependência entre os atores. Assim, ao tornar conhecido o funcionamento da CSA Nossa horta, a próxima indagação nesse aspecto refere-se ao fato de como o seu funcionamento é gerido. O tópico seguinte apresenta o processo de gestão da CSA e como os seus membros tiveram acesso a essa experiência.

### **5.1.1 O processo de gestão e a trajetória dos atores para acesso à CSA Nossa Horta**

O processo de gestão da CSA Nossa Horta se constitui a partir do desmembramento de outra CSA com o objetivo de tornar a gestão um processo horizontal e participativo. Tal decisão indica que o caminho que a CSA Nossa Horta optou por seguir encontra-se na democratização das decisões. Para o processo administrativo da CSA os membros constituíram um núcleo gestor composto por 05 coprodutores que se dividem em GTs. A administração da CSA ficou a cargo dos coprodutores para que os agricultores possam se concentrar na gestão da produção dos alimentos, colheita, montagem e entrega das cestas.

A opção aderida pela CSA em “poupar” os agricultores dos processos administrativos e burocráticos é entendida por eles como uma maneira de contribuir para que os agricultores não tenham preocupações para além dos processos que envolvem a produção dos alimentos. No que compete as funções dos agricultores em

---

<sup>14</sup> Os fornecedores da CSA Nossa Horta são pessoas que produzem produtos agroecológicos e que se disponibilizaram a realizar entregas para o grupo à medida que são solicitados, pois os produtos processados não fazem parte da cesta e o seu pagamento é feito a parte para o núcleo gestor que repassa os valores para os fornecedores.

produzir, montar as cestas e realizar as entregas o agricultor A expressou-se da seguinte forma:

Eu não participo da gestão, mas eu entendo parcialmente como funciona. Eu não entendo o operacional da coisa porque não participo. A gente monta as cestas com os produtos que produzimos na horta e são produtos de época, conforme a aptidão, vocação e interesse do agricultor para produzir tais produtos. Dessa forma, os coprodutores não escolhem os produtos. A gente resolve todas as coisas pelo WhatsApp, tem um grupo do núcleo de gestão e eles passam as informações de datas das entregas, quando vai ter entrega, quando não vai ter, problemas que aconteceram na entrega, problemas na cesta, tudo resolvemos nesse grupo. Para as entregas os coprodutores são divididos em grupos A, B e C e toda semana os agricultores, que são 03, entregam para um grupo diferente. Os agricultores fazem um rodízio semanal nas entregas dos grupos para que os consumidores recebam produtos diferentes e não comam sempre as mesmas coisas, já que eles não escolhem os produtos da cesta (AGRICULTOR A).

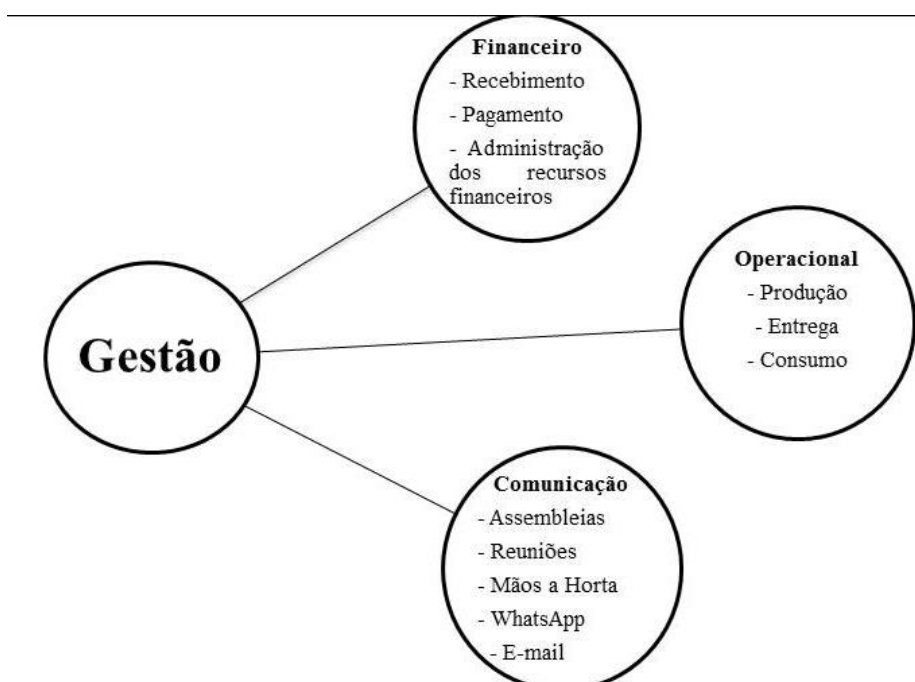
A fala do agricultor evidencia o seu conhecimento quanto às suas funções na CSA e a liberdade que o sistema lhe proporciona para que possa produzir conforme a sua vocação. Contudo, como disse o agricultor a gestão é de competência dos coprodutores. Assim, durante o evento Mãos à Horta realizado no dia 29 de setembro de 2019, um membro da gestão proferiu as seguintes palavras: [...] A gestão da CSA Nossa Horta também é aberta e quem tiver interesse em compartilhar sugestões e quiser ajudar na gestão a gente está sempre aberto para uma relação horizontal (COPRODUTORA C, 2019).

A fala da coprodutora foi proferida no momento em que ela estava explicando como funciona a gestão da CSA em um evento que tinha a presença de coprodutores, pessoas com interesse em participar da CSA e o agricultor. Através de sua fala, a coprodutora expressa que o núcleo gestor busca realizar um trabalho participativo com todos os coprodutores e agricultores dando abertura para a contribuição e participação.

Na prática, foi possível visualizar isso através dos convites que são enviados por WhatsApp e E-mail dos coprodutores e agricultores convidando-os para as assembleias e reuniões da CSA, pois são nesses espaços em que são discutidos os assuntos administrativos do sistema e as decisões são tomadas no coletivo, sendo assim quem administra a CSA não decide o seu processo de funcionamento de forma individualizada, pois as decisões são tomadas em espaços coletivos. Conforme, Henderson e Van En (2007) os núcleos gestores são importantes porque a sua configuração contribui para um maior envolvimento dos coprodutores, indo além da questão mercadológica e fortalecendo o senso de comunidade.

No que compete a operacionalização da gestão, a mesma se dá a partir do núcleo gestor que é eleito de forma democrática, sendo composto por 05 coprodutores conforme a disposição e disponibilidade deles para atuarem por um período de 01 ano. O núcleo gestor é responsável por administrar todos os processos da CSA, que podem ser divididos em: (i) financeiros; (ii) operacionais; e (iii) de comunicação. Cada membro da gestão fica a cargo de uma função administrativa, podendo ter até 08 coprodutores como colaboradores de cada função. A figura 09 representa um esquema de síntese dos processos de gestão<sup>15</sup> que serão explicados de forma detalhada.

Figura 09: Síntese do processo de gestão da CSA Nossa Horta



Fonte: Elaboração Própria, 2019.

O setor financeiro da CSA Nossa Horta é o responsável pelos assuntos de recebimento das cestas, pagamento dos agricultores e gerenciamento do fundo de reservas da CSA. No início do sistema, o recebimento das cestas era realizado através de pagamento em dinheiro por parte dos coprodutores e o dinheiro era guardado em uma conta bancária de um dos coprodutores. No entanto, estavam havendo casos de inadimplência e utilização da conta restrita apenas ao seu dono, devido a questões burocráticas do banco.

<sup>15</sup>As divisões concernentes ao processo de gestão da CSA Nossa Horta em financeiro; operacional e de comunicação foram criados a partir da observação da gestão desenvolvida pela referida CSA.

Diante dessas questões, os membros da CSA Nossa Horta optaram por criar uma associação denominada de Associação Nossa Horta, que possui um CNPJ e uma conta bancária na qual os membros da gestão têm acesso. Essa decisão possibilitou que a CSA emitisse boletos bancários em nome da associação para que os coprodutores pudessem realizar o pagamento mensal das cestas. Caso houvesse atrasos no pagamento, o coprodutor pagaria os juros do boleto, o que facilitaria para a diminuição da inadimplência.

Com o pagamento das cestas o núcleo gestor realiza o repasse financeiro para os agricultores, sendo que a remuneração destes é realizada segundo o nível agroecológico da produção – quanto mais agroecológica, maior será o pagamento por cada produto entregue. A taxa de inscrição paga para adentrar a CSA é destinada para um fundo de reserva para cobrir possíveis inadimplências e outros gastos que possam surgir. Todos os procedimentos financeiros da CSA são realizados de forma transparente e os extratos bancários abertos para qualquer membro da CSA. Além disso, nas assembleias e reuniões são apresentados os extratos bancários para que todos tenham acesso e conhecimento da situação financeira do grupo.

Nesse sentido, o setor financeiro da CSA Nossa Horta busca manter-se transparente em todas as suas decisões, o que contribui para aumentar o nível de confiança entre os membros da CSA. Segundo Powell (2008), a confiança é o elemento que garante a sobrevivência de sistemas que estão para além da relação mercadológica, pois a confiança é o que sustenta as relações econômicas em sistemas como a CSA.

Outro aspecto concernente ao setor financeiro refere-se às intempéries, pragas e doenças que podem ocorrer nas plantações e comprometer a entrega dos produtos e impactar os pagamentos. Neste quesito a coprodutora F afirma que a CSA já passou por uma situação desse porte e que resultou em menos produtos nas cestas por um determinado período, porém os coprodutores realizaram o pagamento da mesma forma, sem receber nenhum desconto por isso e sem comprometer o valor recebido pelo agricultor.

Eu me lembro de uma situação que aconteceu com o agricultor B. Eu me lembro que deu uma praga na plantação do agricultor B e ele perdeu toda a plantação e nesse período as cestas vieram um pouco menores e os outros agricultores ajudaram ele para repor as cestas e nesse período todo mundo teve que conviver com essa situação, porque é uma situação que quem faz parte da CSA tem que estar disposto a conviver com isso. Se acontecer uma catástrofe todo mundo tem que conviver com isso e não tem dinheiro de volta e fim de papo, tem que aceitar e ter clareza disso, senão as coisas não funcionam (COPRODUTORA F, 2019).

O posicionamento da coprodutora mostra o seu nível de comprometimento e de compreensão sobre o real significado da CSA – a participação nos benefícios e riscos da produção, o que também é compartilhado por outros coprodutores. Esse posicionamento dos coprodutores vai de encontro com a literatura, sendo que autores como Lamb (1994), Perez (2003) e Roman et al (2011) afirmam que um dos objetivos da CSA é garantir que os coprodutores assumam os riscos da produção junto aos agricultores, promovam o comércio justo, garantam a seguridade no escoamento dos produtos e que os agricultores possam desfrutar de mais tempo disponível para se dedicar a cuidar da sua produção.

Quanto ao setor operacional, o mesmo refere-se à relação de produção-entrega-consumo. Para que essa etapa da CSA funcione semanalmente, é necessária muita organização por parte do núcleo gestor junto aos agricultores e coprodutores. No que se refere à produção, a CSA possui um agrônomo que auxilia os agricultores por meio de uma assistência técnica e um acompanhamento do desempenho agroecológico. Para que as entregas ocorram, há o contato constante via WhatsApp entre o núcleo gestor e os agricultores para garantir a organização e execução dessa etapa.

A maioria das cestas são entregues no ponto principal, localizado no Museu das Minas e do Metal em Belo Horizonte. Toda semana uma dupla de coprodutores que retira a sua cesta nesse ponto é responsável por receber todas as cestas às 8 horas da manhã e realizar a pesagem dos produtos de cada uma. Este procedimento é realizado para verificar se as cestas estão em um tamanho padrão, sendo que os dados coletados são armazenados pelo núcleo gestor em uma planilha para controle interno.

No que se refere ao consumo, o núcleo gestor realiza junto aos coprodutores avaliações para verificar a satisfação com as cestas recebidas, a qualidade dos produtos e recolher sugestões de melhorias. A abertura para o contato concernente aos produtos fornecidos é um elemento de grande importância para garantir que os coprodutores e agricultores dialoguem sobre melhorias e também apontem a satisfação com as cestas. Essa relação contribui para agregar à união do grupo, gerar confiança e fortalecer os laços de pertencimento, sendo esse aspecto importante para que os membros saiam do lugar da individualização e pensem no coletivo (KOUR, 2010).

Por fim, o setor de comunicação é a ponte para que os setores financeiro e operacional funcionem. Neste âmbito, a CSA Nossa horta desenvolveu mecanismos de comunicação entre o grupo, como as assembleias que ocorrem mensalmente e trazem

pautas de interesse da CSA, sendo um espaço aberto para a participação dos agricultores e coprodutores. Há também as reuniões do núcleo gestor que ocorrem em função das demandas de gestão da CSA, mas que também é aberta para a participação daqueles que tenham interesse.

Nos canais de comunicação virtual, a CSA possui grupos de WhatsApp com os coprodutores, agricultores e o núcleo gestor, pois esse canal contribui para agilizar o contato e facilitar as tomadas de decisões coletivas. Além disso, possuem o contato de e-mail dos coprodutores, contas em redes sociais como o Instagram<sup>16</sup> e o Facebook<sup>17</sup> para divulgar a CSA Nossa Horta e compartilhar receitas e informações pertinentes sobre os produtos, além de um site<sup>18</sup> oficial de divulgação da CSA Nossa Horta e cadastramento de novos coprodutores.

Ademais, a CSA também promove um evento denominado de Mãos à Horta que acontece sempre na propriedade de um agricultor e se caracteriza por ser um espaço de integração entre os membros da CSA, pois os coprodutores tem a oportunidade de vivenciar o dia-a-dia de trabalho do agricultor e realizar algumas tarefas na propriedade, como plantio de mudas, limpeza da área e conhecer de perto a história de vida daqueles que produzem os alimentos para a CSA. Segundo Henderson e Van En (2007), espaços como o Mãos à Horta contribuem para fortalecer os laços entre os membros e criar uma conexão mais profunda com a CSA.

Dessa forma, o setor de comunicação é uma ferramenta no processo de gestão utilizado para integrar os membros no contexto da CSA e para divulgar e captar novos coprodutores, fazendo uso de divulgações impressas, virtuais e boca-a-boca. Neste contexto, nas entrevistas e no questionário *online* os membros da CSA foram questionados sobre como tiveram acesso a CSA Nossa Horta. Assim, a figura 10 compila 41 respostas obtidas (13 de entrevistas e 28 do questionário *online*).

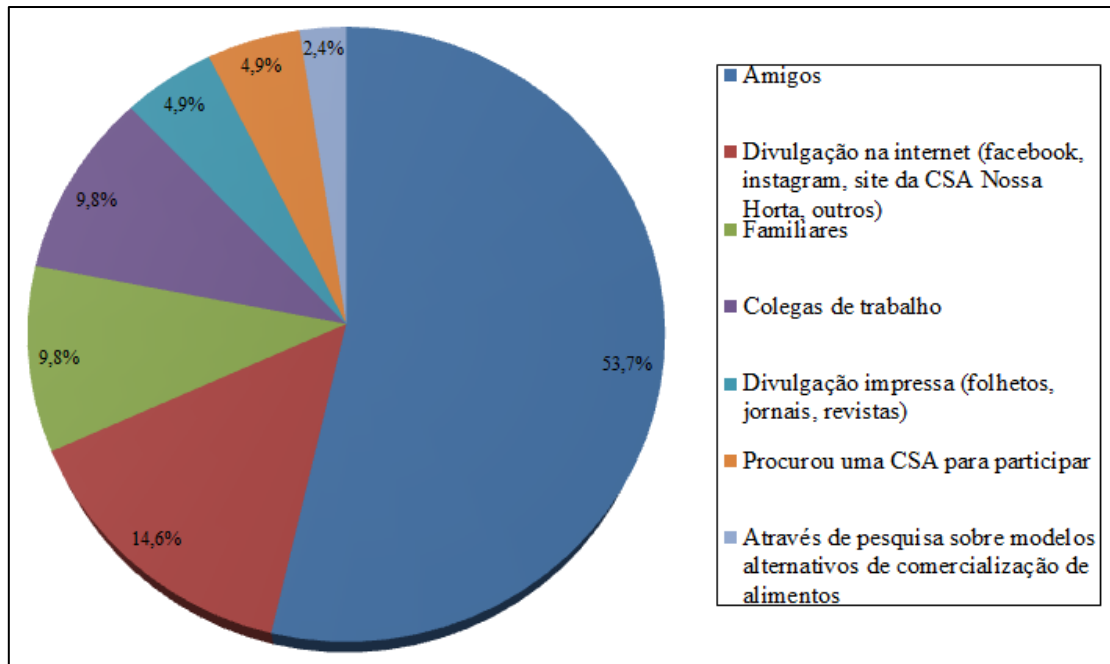
Figura 10: Gráfico de formas de acesso a CSA Nossa Horta

---

<sup>16</sup> O contato da CSA Nossa Horta no Instagram: @csanossahorta

<sup>17</sup> A página da CSA Nossa Horta no Facebook: CSA Nossa Horta – Comunidade que Sustenta a Agricultura

<sup>18</sup> O site oficial da CSA Nossa Horta: <http://csanossahorta.org/>



Fonte: Elaboração própria, 2019

Conforme se pode observar na figura 10, o principal meio pelo qual as pessoas têm acessado a CSA é através da divulgação de amigos (53,7%), mostrando o quão importante tem sido a divulgação voluntária porque remete para um olhar positivo para a CSA, haja vista que demonstra a satisfação do coprodutor e como a aderência ao sistema está atrelada às relações interpessoais. Outro aspecto importante presente na figura 09 refere-se à divulgação via internet (14,6%), pois demonstra que a divulgação nos canais de comunicação (Facebook, Instagram, Site da CSA Nossa Horta) tem conseguido atingir o objetivo de captar novos coprodutores, além de serem canais de informação da CSA. Neste sentido, o coprodutor L durante a entrevista expõe a sua impressão a respeito do site da CSA Nossa Horta:

[...] Quando cheguei em Belo Horizonte eu descobri que tinha a CSA Nossa Horta e eu senti mais afinidade por ela ao olhar o seu site na internet, me pareceu que aqui tem mais formas de colaborar, da gente poder se doar e ajudar a construir (COPRODUTOR L, 2019).

A fala do coprodutor demonstra que além de contribuir para captar novos membros, o site da CSA Nossa Horta possui um layout que transparece um sistema participativo e democrático. Além de investigar a forma como os membros tiveram acesso a essa experiência, eles foram questionados sobre os motivos que os levaram a participar da CSA. Compreender tal fenômeno é importante pois pode direcionar à forma como os membros compreendem a CSA e se relacionam entre si.

Nesse sentido, dentre as respostas obtidas foi possível realizar a categorização dos motivos que levaram os coprodutores a participarem da CSA Nossa Horta, resultando num agrupamento analítico de duas categorias: i) alimentação e ii) propósito de vida. No âmbito da alimentação, 28 coprodutores disseram que adentraram a CSA devido à busca por uma alimentação saudável, de produtos frescos e uma alimentação vegana<sup>19</sup>. Conforme as seguintes falas:

Esse desejo por participar de algo como a CSA surge a partir de transformações que venho tendo na minha vida desde que optei por ser vegana, há 3 anos. Isso foi mudando a minha vida, a alimentação, o consumo. Então a CSA veio se encaixar perfeitamente dentro da minha proposta de vida, no quesito da alimentação e também as pessoas que participam são muito legais, pessoas com quem me identifiquei desde o início (COPRODUTORA C).

Eu entrei na CSA por causa de uma busca de consumo consciente e saudável. Na minha casa é uma prática fazer um consumo saudável e a CSA se encaixou perfeitamente nessa busca e por esses motivos viemos para cá (COPRODUTORA G).

Para esses coprodutores a proposta do fornecimento semanal de alimentos agroecológicos foi o principal motivo que os fizeram adentrar a CSA. As respostas indicam que esses membros se identificaram com a proposta do sistema de fornecer os produtos com regularidade, indo de encontro com as suas necessidades alimentares.

Além disso, dentro dessa categoria identificou-se uma coprodutora que adentrou ao sistema devido a um dos agricultores produzirem em um sistema de agrofloresta, conforme a seguinte fala:

Eu já estava em um processo de pesquisa e conhecer iniciativas de agroecologia. Eu fiquei um tempo viajando e fazendo trabalhos voluntários em projetos de permacultura e agroflorestas. Então eu já tinha entendido que o alimento da agrofloresta é muito diferente do convencional e eu queria comer algo que viesse desse tipo de produção. Então acabei conhecendo a CSA e quis fazer parte por esses motivos (COPRODUTORA D).

Para essa coprodutora, a participação na CSA estava atrelada a conhecimentos que ela já havia acumulado sobre a produção em sistema de agrofloresta, ao possuir um agricultor que utiliza essa técnica, a coprodutora encontrou sentido em participar da CSA, pois identificou no sistema algo que vai de encontro com as suas crenças e significados de vida.

---

<sup>19</sup> Alimentação vegana é aquela que não faz uso de alimentos de origem animal e de seus derivados.

No que se refere a categoria do propósito de vida, 11 coprodutores disseram que adentraram a CSA por ela se alinhar com os seus objetivos pessoais em se envolver com um sistema que proporcione o contato com o agricultor, que se preocupe com o meio ambiente, que busque constituir relações comunitárias e solidárias em um grupo que é administrado pelos seus membros, pensando no bem comum, conforme as seguintes falas:

[...] Porque eu comecei a me envolver com essa ideia é uma série de questões. Por tudo o que a CSA oferece de vantagem e de benefício e muito pela questão da comunidade também. Acho que o potencial de construir um caminho alternativo para o agricultor e para nós coprodutores me chamou muito a atenção e pelas pessoas que conheci no grupo (COPRODUTOR M).

Eu tive conhecimento da CSA através de uma amiga que faz parte de uma outra CSA. Aí pesquisando, fui lendo e aí eu descobri a CSA Nossa Horta que eu achei muito mais interessante. E aí eu acabei chegando através disso e também por causa de problemas de saúde, eu tenho alergia alimentar e aí essa questão da alimentação limpa, isso me ajudou bastante também. Eu trabalho como voluntária, sou uma colaboradora e o que me levou foi a proposta da CSA que é muito bacana. Essa ideia de comunidade de apoiar o Agricultor, de ter momentos como o Mãos à Horta, eu acho muito importante. Aí sim a motivação foi envolver para tentar fazer com que isso chegue a mais pessoas. A gente saber de onde vem os alimentos, conhecer o agricultor e ter esse senso de ajuda de comunidade isso me motivou a entrar no grupo [...] (COPRODUTORA E).

As respostas obtidas evidenciam que os coprodutores que adentraram a CSA por causa de seus propósitos de vida contemplam o âmbito coletivo, pois pensam nos benefícios que o sistema proporciona para os seus membros, o que demonstra um sentido comunitário para a CSA.

Constata-se que os motivos que levaram os coprodutores da CSA Nossa Horta a adentrarem ao sistema remete para diferentes formas de identificar a CSA, e que pode interferir na maneira como se relacionam com os demais membros. Tal constatação não é comumente apontada na literatura, pois Pole e Gray (2013) identificaram que os motivos que levaram os coprodutores das CSAs do estado de Nova York - EUA a adentrarem ao sistema estão relacionados exclusivamente com a alimentação. Sendo eles: i) comer alimentos frescos; ii) comer alimentos sazonais; e iii) comer alimentos orgânicos. Assim, contrapondo ao que foi identificado por Pole e Gray (2013), os coprodutores da CSA Nossa Horta adentraram ao sistema por diferentes motivos

Quanto aos motivos dos agricultores para adentrarem a CSA, foi possível identificar que o principal deles foi o escoamento da produção e a seguridade que o sistema proporciona para o agricultor.

O que me levou a participar foi porque eu plantava e as coisas perdiam aqui, eu não tinha pra quem vender, não tinha como escoar o produto. Então a CSA me trouxe experiência, garantia que eu ia vender um produto e isso aí me fez gostar e eu queria continuar com a CSA. (AGRICULTOR B).

A princípio foi para escoar a produção, mas como eu já conhecia a proposta da CSA foi pra eu poder realmente fazer parte de um sistema que trabalhasse em comunidade e eu tivesse mais segurança para produzir e tivesse mais apoio dos coprodutores (AGRICULTOR A).

A fala dos agricultores remete para a busca no escoamento da produção e a segurança que o sistema produz devido ao compartilhamento dos riscos que o coprodutor assume junto ao agricultor. Verifica-se que o apoio dos coprodutores é um elemento de grande importância para o agricultor, pois esse aspecto não é identificado em outros sistemas como as feiras, em que ocorre a exposição dos produtos, mas a venda não é garantida.

## **5.2 Contextualização da CSA Cesta em Domicílio: o surgimento, sua constituição, seu funcionamento e o seu encerramento**

A cidade de Sete Lagoas possui sete hortas comunitárias, implementadas a partir de 1982 por meio de uma política pública da Prefeitura Municipal em parceria com a Emater-MG e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) (CARVALHO et al, 2009). As hortas beneficiam em média 350 famílias que se encontram envolvidas na produção e comercialização dos produtos. Para o desenvolvimento das atividades técnicas e sociais, os agricultores contam com o apoio da Prefeitura, Emater e a UFSJ-CSL que atuam com pesquisas e atividades de extensão nas hortas comunitárias (MELO et al, 2018).

Apesar da relevância econômica, histórica e social das hortas comunitárias elas enfrentam desafios, principalmente no âmbito do escoamento da produção. Neste contexto, com o intuito de contribuir para o enfrentamento dos limites e desafios dos agricultores, houve a implementação da CSA Cesta em Domicílio a partir da iniciativa dos agricultores da Horta Comunitária Vapabuçu e o apoio institucional da UFSJ-CSL, em parceria com a Prefeitura Municipal e a Emater. Desta forma, a CSA Cesta em

Domicílio foi implementada no dia 02 de setembro de 2015 e a primeira entrega de cestas foi realizada no dia 17 do mesmo mês. Atualmente o sistema é composto por uma média de 18 agricultores(as) que fornecem em média 50 cestas semanais para os consumidores (MELO et al., 2018).

Quanto à estrutura da CSA, ela foi organizada pelos agricultores levando em consideração o contexto no qual estão inseridos. Assim, optaram por construir o seguinte formato de CSA: i) a cesta é composta por 08 itens, sendo 04 folhosas e 04 raízes tuberosas, tubérculos e bulbos que os consumidores podem escolher e receber semanalmente, a partir de uma lista de produtos pré-definidos pelos agricultores; ii) As cestas possuem dois modelos (Cesta M no valor de R\$ 100,00 e a Cesta P R\$ 80,00 por mês). Em ambos os formatos os consumidores recebem os 08 produtos, porém a diferença está no tamanho destes; iii) O contato com os consumidores é feito de forma direta, geralmente utilizando-se ligação telefônica ou conversas por WhatsApp; iv) as cestas são entregues no endereço do consumidor; v) O pagamento é realizado ao final do mês (após a entrega de quatro cestas); vi) As cestas são confeccionadas individualmente, mas utilizando-se da troca de produtos entre os agricultores para conseguirem atender a diversidade ofertada (MELO et al, 2018).

Os primeiros coprodutores participantes da CSA Cesta em Domicílio foram os docentes, técnicos administrativos e discentes da UFSJ-CSL, pesquisadores da Embrapa Milho e sorgo, funcionários da Emater e da Prefeitura Municipal (MELO, 2018). Após a entrada destes coprodutores houve a divulgação boca-a-boca da CSA, o que culminou na participação de outros coprodutores da cidade de Sete Lagoas e que não fazem parte dos órgãos citados acima.

No que compete à organização para o funcionamento da CSA, a mesma é realizada exclusivamente pelos agricultores que se reúnem semanalmente nas dependências da horta para discutir sobre a organização do grupo. Na sua estrutura de funcionamento os agricultores são os atores centrais, tendo em vista a sua iniciativa para implementar e gerir a CSA. Dessa maneira, para o seu funcionamento os agricultores optaram por organizar um grupo gestor que atuaria à frente da gestão, e para a entrega das cestas houve a contratação de um entregador terceirizado.

Esse formato de funcionamento quando comparado a outras estruturas de CSA no Brasil e no exterior não é comumente encontrado na literatura nacional e internacional. Dessa maneira, com o objetivo de tornar a compreensão do seu funcionamento didático, o quadro 06 apresenta os seus processos.

Quadro 06: Aspectos de funcionamento da CSA Cesta em Domicílio

Dinâmicas	Características
1) Inscrição para participar da CSA	Contato com o agricultor pessoalmente ou via Celular
2) Contrato de inscrição	Não existe
3) Taxa de inscrição	Não existe
4) Tipos de cestas fornecidas	P / M
5) Preço das cestas	P - R\$ 80,00 / M - R\$ 100,00
6) O preço da cesta é fixo?	Sim
7) Forma de pagamento	Em espécie ao final de 04 entregas / Depósito bancário no final do mês
8) Quantos produtos compõem a cesta	8 produtos (04 folhosas / 04 entre tubérculo, bulbo e raiz)
9) Escolha dos produtos para compor a cesta	Feita semanalmente pelo coprodutor
10) Podem ser adicionados produtos processados na cesta?	Não
11) Recebimento da cesta	Semanal
12) Forma de recebimento da cesta	Entregue em local definido pelo coprodutor
13) Forma de contato entre o grupo	WhatsApp / pessoalmente
14) Quem compõe o grupo de gestão?	Agricultores
15) Como é realizada a gestão?	Por um grupo gestor composto por 3 agricultores
16) Tempo de duração do grupo gestor	2 anos

Fonte: Elaboração Própria, 2019

O funcionamento da CSA atende a realidade dos agricultores que são os responsáveis pela sua gestão. O perfil destes atores é: faixa etária de idade entre 50 a 70 anos entre homens e mulheres, sendo a maioria agricultores da horta comunitária Vapabuçu desde a sua fundação há 30 anos<sup>20</sup>, que possuem dificuldade para acesso à internet, alguns agricultores são analfabetos e possuem a função de agricultores como uma aptidão. Tal descrição aponta para algumas dificuldades no processo de funcionamento da CSA, o que resulta na necessidade de um trabalho coletivo entre os membros.

Dentre as principais dificuldades encontra-se a comunicação com os coprodutores, pois alguns agricultores não possuem telefone celular, outros não possuem acesso à internet e/ou WhatsApp. Tais fatores tornam-se um empecilho no funcionamento da CSA, pois semanalmente os coprodutores realizam os seus pedidos junto aos agricultores e para que isso funcione há a mobilização do grupo gestor da CSA para fazer a ponte entre o coprodutor e o agricultor.

<sup>20</sup> As hortas comunitárias foram implementadas na cidade de Sete Lagoas a partir da iniciativa pública que tinha como objetivo ocupar os espaços ociosos na cidade e fornecer uma opção de trabalho para as famílias que migraram do campo para a cidade e estavam em condição de vulnerabilidade socioeconômica

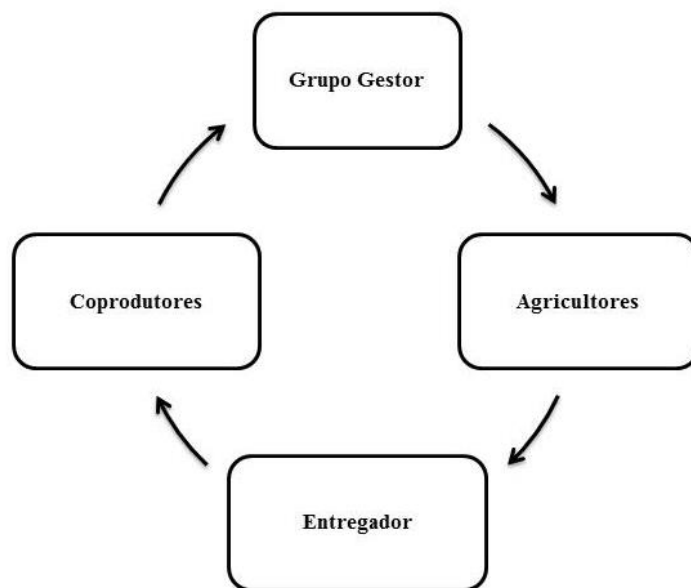
Nesse sentido, há casos na CSA que geraram desentendimentos, segundo a fala do agricultor A que era responsável pelo grupo gestor quando tal fato ocorreu:

A única coisa que me deixou chateado no grupo foi a agricultora que ficou com raiva de mim porque a cliente dela quis trocar de agricultor e quando eu fui falar com ela, ela não gostou. Eu não tive culpa, estava fazendo o meu papel na CSA. Era muito difícil com essa agricultora, eu me desdobrava por ela, pra pegar os pedidos dos clientes dela toda semana e passar pra ela (AGRICULTOR A).

O fato citado pelo agricultor A ocorreu porque a agricultora não tinha telefone celular para entrar em contato com o coprodutor e semanalmente o agricultor A que captava os pedidos da agricultora. Porém, havia falhas nessa comunicação o que resultou no pedido do coprodutor para a troca de agricultor. Portanto, esse fato evidencia que a dependência de alguns agricultores sobre outros gera sobrecarga aos voluntários e pode criar falhas na comunicação e trazer desentendimentos para o grupo.

Dessa maneira, tal ajuda torna-se um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que ela supre uma necessidade do grupo pode haver a dependência dos agricultores sobre outros, sendo que a colaboração destes pode se tornar uma condicionante para alguns participantes da CSA. Assim, o funcionamento da CSA Cesta em Domicílio depende da colaboração dos agricultores, que é realizada de forma voluntária. Portanto, para melhor compreensão do funcionamento da CSA, a figura 11 apresenta os seus membros em uma representação de seu funcionamento.

Figura 11: O funcionamento da CSA Cesta em Domicílio



Fonte: Elaboração Própria, 2019

Conforme apresentado na figura 11, o funcionamento da CSA Cesta em Domicílio é condicionado à atuação destes atores. O grupo gestor é composto por 03 agricultores que de forma voluntária atuam na gestão da CSA por um período de 02 anos. Os agricultores atuam na produção dos alimentos. O entregador não é um membro da CSA, mas um terceirizado contratado exclusivamente para realizar as entregas semanais das cestas, a sua aparição na representação de funcionamento da CSA deve-se a sua importância no processo, pois sem o mesmo não haveria entregas. Os coprodutores possuem a função de recebimento e pagamento das cestas. Assim, compreende-se que gerir o funcionamento da CSA Cesta em Domicílio depende da organização e colaboração entre todos os seus participantes, conforme a representação da figura 11.

O sistema de funcionamento da CSA apresentada manteve-se ativo até às vésperas de completar 05 anos de existência. No mês de agosto de 2019 os agricultores realizaram uma reunião, que seria a última do grupo, com o objetivo de encerrar as atividades da CSA Cesta em Domicílio. A justificativa dos agricultores é a demanda de tempo destinada às atividades de gestão da CSA que tem sido realizada de forma solitária pelo atual gestor do grupo.

Na ocasião da reunião, os poucos agricultores presentes optaram por se absterem em qualquer contribuição para a gestão da CSA, o que culminou no encerramento da união dos agricultores na CSA. Atualmente, alguns agricultores ainda fornecem a cesta de produtos para os consumidores, devido à sua insistência em continuar a receber os

produtos, mas os agricultores não possuem mais o apoio do grupo para a composição da cesta, não há mais reuniões e as entregas são feitas de forma individual.

O fato ocorrido não comprometeu a pesquisa, que seguiu com as suas atividades normalmente. Mas, para além dos objetivos propostos na pesquisa, os agricultores foram questionados sobre os motivos que culminaram no término da CSA. Nesse sentido, as respostas dos agricultores levam a uma linha cronológica de acontecimentos iniciada com o primeiro grupo gestor, conforme a fala do Agricultor B:

No começo de tudo, quando nós não tinha o entregador ainda e eu tava entregando as cestas, eu lembro que toda semana ia uma pessoa diferente. Mas aí pouco tempo depois o agricultor A tomou a frente e isso sobrecarregou demais, ele sempre ia fazer as entrega sozinho, resolvia tudo pra todo mundo [...] (AGRICULTOR B).

No processo de estruturação da CSA os agricultores optaram por iniciar as entregas, para que a partir desse momento eles fossem ajustando o funcionamento. Dessa forma, as entregas do primeiro mês foram realizadas por um agricultor, no segundo mês de funcionamento da CSA houve a criação do grupo gestor e a figura de um agricultor é tida como o responsável pelo grupo que resolve todas as coisas.

Ressalta-se que o agricultor responsável pelo primeiro grupo gestor não assumiu o papel de chefe da CSA, todas as decisões eram tomadas de forma democrática nas reuniões que ocorriam semanalmente. No entanto, o que se observa do comportamento dos agricultores é o distanciamento para o trabalho coletivo a partir do momento em que há um grupo gestor. Tal comportamento remete para uma estrutura corporativa de padrão-empregado, onde a contribuição dos agricultores está condicionada à solicitação do grupo gestor.

Além disso, o posicionamento de resolver todos os problemas, assumido pelo grupo gestor, por mais solidário que seja, pode gerar margens para que os agricultores desenvolvam uma relação de dependência. Outro aspecto que contribuiu para o encerramento da CSA refere-se ao monopólio das cestas, conforme as seguintes falas:

[...] As cestas que iam entrando eram destinadas sempre para as mesmas pessoas, é igual elite. Às vezes a gente ia perdendo cesta porque os clientes iam saindo e os que entravam não iam pra repor isso. Eram sempre para as mesmas pessoas que só olhavam para elas mesmas. É igual elite porque ia tudo para uns e nada pra os outros. Por isso eu fui desanimando e não quis mais mexer nisso (AGRICULTORA D).

O que acontecia era que todo aumento de cesta que vinha ia sempre para as mesmas pessoas aí o grupo ficava todo concentrado em poucas pessoas e depois de um tempo parou de entrar mais pessoas, então a gente que ia

perdendo cesta ficava com pouco cliente ou com nenhum e quem tinha muitos ficava de boas (AGRICULTOR C).

A fala dos agricultores resume as reclamações de outros que também se posicionaram contrários a um grupo presente na CSA que monopolizava as cestas que entravam, chegando ao ponto deste grupo entregar em média 10 cestas por cada agricultor. Ressalta-se que este grupo não é o grupo gestor, mas um grupo paralelo que captava coprodutores e não distribuía na CSA. A ocorrência deste fato torna-se o grande desmotivador do grupo, pois se estagnando a chegada de novos coprodutores e com a saída de outros, os agricultores foram tomados pelo desânimo.

Próximo do encerramento da CSA a situação que ocorria era um desânimo generalizado entre os agricultores e a sobrecarga da gestão concentrada apenas no grupo gestor. Neste contexto, eis que o acontecimento final que contribuiu para o término da CSA refere-se à implementação de uma nova CSA na cidade de Sete Lagoas, denominada de CSA Direto da Horta. A mesma tem o objetivo de integrar todos os agricultores das 07 hortas comunitárias de Sete Lagoas, inclusiva da Horta Vapabuçu. Assim, tal fato é remetido na fala do agricultor.

Eu acho que o que fez acabar com a CSA foi as interferências. A coisa começou a ramificar com o surgimento de outra CSA que acabou partindo o grupo e outras pessoas foram participar lá também. Ai não teve jeito, o grupo já tava mais pra lá do que pra cá, chegou esse novo grupo ai acabou com tudo (AGRICULTOR A).

A presente construção torna explícito que uma série de acontecimentos ocorreram para que se resultasse no encerramento da CSA Cesta em Domicílio. A somatória destes fatos, adicionado à omissão dos agricultores para solucionar os problemas resultaram no fim da CSA por meio de uma reunião. Para continuar a compreensão do processo de funcionamento da CSA faz-se necessário analisar como ocorria a gestão e como os atores tiveram acesso a essa experiência.

### **5.2.1 O processo de gestão e a trajetória dos atores para acesso a essa experiência**

A CSA Cesta em Domicílio foi implementada pelos agricultores que na estruturação do sistema optaram por eleger entre eles um grupo gestor. Ao realizarem a captação dos coprodutores, os primeiros a fazerem parte do sistema foram os docentes e discentes da UFSJ-CSL, técnicos da Emater e funcionários da prefeitura. Esses primeiros coprodutores tiveram conhecimento da CSA através da divulgação boca-a-

boca realizada pelo grupo de pesquisa da UFSJ-CSL e técnicos da Emater que colaboraram junto aos agricultores no processo de implementação da CSA.

Após a adesão dos primeiros coprodutores, novos membros foram adentrando a CSA por meio da divulgação realizada por amigos que estavam fazendo parte do sistema. Contudo, como no processo de implementação da CSA os agricultores optaram por realizar a gestão do sistema, com a adesão dos coprodutores não houve o convite para que eles fizessem parte da administração da CSA e colaborassem para o seu funcionamento.

Para os agricultores, implementar um sistema como a CSA e administrá-lo significava ter acesso a autonomia e a independência que até aquele momento não haviam vivenciado na horta Vapabuçu. Conforme consta nas pesquisas realizadas por Calbino et al (2017) e Melo et al (2018), a horta Vapabuçu foi fundada por órgãos públicos que forneciam os meios para a produção de forma a gerar uma relação de dependência junto aos agricultores, criando uma possível herança patriarcal.

Ao criarem uma associação para administrar a horta Vapabuçu, os agricultores passaram a reproduzir a relação de dependência ao enxergarem na figura do presidente da associação o “patrão” que tem o poder de tomar as decisões e solucionar todos os problemas. Assim, os agricultores da horta Vapabuçu estavam condicionados a sempre esperar pelo outro para a tomada de decisões e para a resolução de problemas acometidos na horta (CALBINO et al, 2017; MELO et al, 2018).

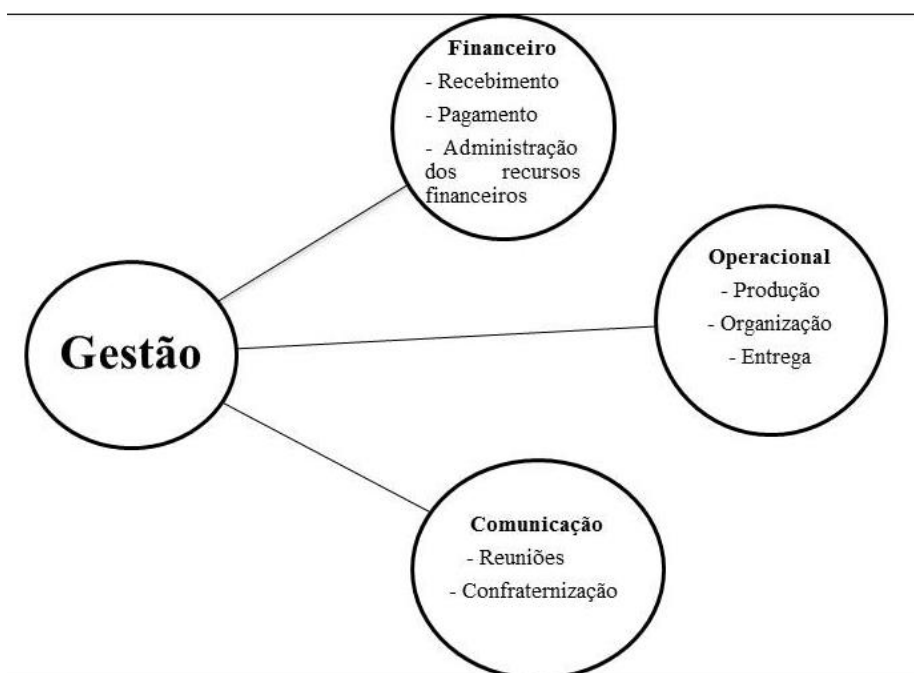
Nesse contexto, a implementação da CSA e a administração desse sistema por parte dos agricultores significava para eles o desprendimento da relação de dependência que historicamente vivenciaram na horta Vapabuçu. Ao decidirem administrar a CSA como um grupo que iria trabalhar de forma coletiva, os agricultores optaram por constituírem um grupo gestor da CSA composto por 03 agricultores que organizavam o processo de gestão, que pode ser dividido em 03 setores: i) financeiro; ii) operacional e iii) de comunicação.

Assim, a figura 12<sup>21</sup> representa um esquema de síntese dos processos de gestão que será explicado de forma detalhada. Ressalta-se que mesmo com o grupo gestor, os agricultores tinham como objetivo a participação de todo o grupo no que compete à gestão da CSA, e para que isso fosse possível o grupo gestor iria realizar escalas de trabalho para que todos pudessem contribuir para o funcionamento do sistema.

---

<sup>21</sup>As divisões concernentes ao processo de gestão da CSA Cesta em Domicílio em financeiro, operacional e de comunicação foram criados a partir da observação da gestão desenvolvida pela referida CSA.

Figura 12: Síntese do processo de gestão da CSA Cesta em Domicílio



Fonte: Elaboração Própria, 2019

No setor financeiro o recebimento das cestas era realizado em duas modalidades, através do pagamento em espécie ao final da última entrega do mês, sendo que o agricultor que acompanhava essa entrega ficava responsável por fazer os recebimentos e designá-lo para os agricultores correspondentes e depósito bancário na conta do agricultor. No subtópico pagamento, o mesmo refere-se ao entregador que era contratado para realizar as entregas semanais e o seu pagamento realizado pela CSA.

Na administração dos recursos financeiros, os agricultores optaram por fazer uma “caixinha da CSA” com o objetivo de prover recursos para o grupo, caso houvesse algum imprevisto. Durante o período de administração do grupo gestor, um agricultor se disponibilizava a receber semanalmente a quantia referente a 1 real de cada agricultor e esse dinheiro era guardado na casa do mesmo, que prestava contas do valor arrecadado nas reuniões.

O setor operacional está dividido em produção dos alimentos que é realizada de forma individual pelos agricultores, porém realizando trocas de produtos para conseguirem compor as cestas com produtos variados. O subtópico organização refere-se à construção de escalas semanais para envolver a participação de todos os agricultores no processo de organização das cestas e do acompanhamento das entregas.

As escalas foram criadas com o objetivo de distribuir as tarefas de operacionalização da CSA entre todos os agricultores para que não houvesse a sobrecarga no grupo gestor.

Porém, durante a entrevista com a agricultora D, fica evidente que as entregas das cestas sempre ficavam a cargo dos responsáveis pelo grupo gestor, o que os sobrecarregava já que dedicavam um dia de trabalho toda semana exclusivamente para as entregas.

Eu acho que a entrega era difícil, não era todo mundo que tinha a disponibilidade para ir entregar as cestas, então sobrava só para o agricultor A e o agricultor F que ia toda semana e isso sobrecarrega demais (AGRICULTORA D).

A fala da agricultora demonstra que as escalas organizadas pelo grupo gestor não funcionavam, pois não havia a adesão dos agricultores conforme foi planejado nas reuniões e isso resultava em sobrecarga para o grupo gestor.

No setor de comunicação, os agricultores organizavam reuniões semanalmente com o objetivo de discutirem os assuntos concernentes à CSA. Porém, esse espaço estendia-se para além das questões burocráticas, já que as reuniões eram destinadas também para a troca de experiência entre os agricultores e o estreitamento dos laços sociais, conforme a fala do agricultor A.

Por incrível que pareça as pessoas começaram a interagir na CSA. Quando tem as reuniões da associação as pessoas mal participam e quase nunca vão às reuniões. Já na CSA as pessoas eram muito presentes nas reuniões e essa união era um momento de grande interação entre o grupo, era muito bom ver todo mundo presente na reunião (AGRICULTOR A).

As reuniões da CSA foram de fato apropriadas pelos agricultores como um espaço de comunicação e interação entre eles. Os coprodutores praticamente não participavam das reuniões e se comunicavam diretamente com o seu agricultor através de ligações telefônicas, mensagens de texto (SMS) via celular e WhastApp.

Além disso, a cada ano a CSA realizava um evento de confraternização entre agricultores e coprodutores que ocorria sempre no mês de setembro, para comemorar o aniversário de implementação da CSA e era realizado nas dependências da horta comunitária Vapabuçu. As confraternizações eram marcadas por depoimentos dos coprodutores sobre os produtos da cesta e dos agricultores compartilhando as suas experiências.

Dessa maneira, a gestão da CSA Cesta em Domicílio foi pensada pelos agricultores, durante a sua implementação, como um processo que seria realizado em conjunto. No entanto, na prática o que ocorreu foi a ausência dos agricultores no auxílio da gestão. Tal fato aponta para mais um aspecto que contribuiu para o encerramento da CSA.

Quanto à trajetória dos agricultores para acesso à CSA, a mesma ocorre por intermédio da UFSJ-CSL em parceria com a Prefeitura Municipal de Sete Lagoas e a Emater, que apresentaram a CSA para os agricultores das hortas comunitárias através de uma oficina durante a 8ª Semana de Integração Tecnológica (SIT) da Embrapa Milho e Sorgo, ocorrida no dia 27 de maio de 2015. O objetivo desses órgãos era apresentar para os agricultores uma alternativa para suprir os desafios no escoamento da produção e para fortalecer os laços sociais e de cooperação (MELO et al, 2018).

Assim, no dia 26 de agosto de 2015 os agricultores realizaram a primeira reunião na horta Vapabuçu para a implementação da CSA. Ao serem questionados sobre os motivos que os levaram a adentrar ao sistema, dos 12 entrevistados, 11 foram unânimes em dizer que buscavam uma alternativa para o escoamento da produção. Acredita-se que os agricultores não viram na CSA outras possibilidades porque a falta de comercialização é um dos fatores que acometem as grandes perdas de produtos nas hortas, conforme evidenciado nas pesquisas de Calbino (2017).

Contudo, um agricultor disse que buscava na CSA uma forma de trazer a união e a cooperação entre os agricultores.

A busca por conseguir unir os produtores e quando me foi apresentado a CSA eu achei uma coisa interessante e uma coisa boa trazer a união dos agricultores e até que por um tempo nós conseguimos isso (AGRICULOR A).

Conforme a fala do agricultor, por um período de tempo foi possível que eles vivenciassem as relações de cooperação e união entre o grupo. Assim, conforme afirma Guzzatti et al (2014), para além das possibilidades de compra e venda de produtos agroecológicos, a CSA é um sistema que contribuiu para a construção de uma relação de respeito, de confiança e de solidariedade entre os seus membros (GUZZATTI et al.; 2014).

### **5.2.2 Reflexão sobre o processo organizativo das CSAs em análise**

A CSA Nossa Horta e a CSA Cesta em Domicílio apresentam uma série de aspectos nos seus processos de funcionamento e gestão que destoam entre si de forma significativa. Tais distinções não comprometem o fato das experiências intitularem-se como uma CSA, o que ocorre são contextos econômicos e sociais distintos que influenciam em todos os processos de organização e funcionamento das CSAs.

As CSAs utilizam estratégias diferentes no processo de gestão e funcionamento, conforme o contexto em que estão inseridas e o público que abarcam. A primeira distinção entre as CSAs emerge do seu processo de concepção, sendo que a CSA Nossa horta surge a partir de uma iniciativa da sociedade civil que busca agricultores para participarem do sistema e a CSA Cesta em Domicílio parte na direção contrária, um grupo de agricultores que buscam coprodutores para implementar a CSA.

O quadro 07 compila o processo de funcionamento das CSAs de forma a compará-los, lembrando que as CSAs emergem de contextos distintos, o que resulta em estratégias de funcionamento diferentes.

Quadro 07: O processo de funcionamento das CSAs em análise

<b>O processo de funcionamento</b>	<b>CSA Nossa Horta</b>	<b>CSA Cesta em Domicílio</b>
1) Inscrição para participar da CSA	Via internet no site de domínio da CSA Nossa Horta	Contato com o agricultor pessoalmente ou via Celular
2) Contrato de inscrição	Assinado via internet	Não existe
3) Taxa de inscrição	R\$ 100,00	Não existe
4) Tipos de cestas fornecidas	Individual / Familiar	P / M
5) Preço das cestas	Individual = R\$ 105,00 Familiar = R\$ 185,00	P - R\$ 80,00 / M - R\$ 100,00
6) O preço da cesta é fixo?	Não. Ele pode variar se o agricultor mudar de Estágio de Produção	Sim
7) Forma de pagamento	Boleto bancário no início do mês	Em espécie ao final de 04 entregas / Depósito bancário no final do mês
8) Quantos produtos compõem a cesta	11	8 produtos (04 folhosas / 04 entre tubérculo, bulbo e raiz)
9) Escolha dos produtos para compor a cesta	Não é possível escolher os produtos	Feita semanalmente pelo coprodutor
10) Podem ser adicionados produtos processados na cesta?	Sim	Não
11) Recebimento da cesta	Semanal	Semanal
12) Forma de recebimento da cesta	Pontos de retirada na cidade ou entregue em local definido pelo coprodutor	Entregue em local definido pelo coprodutor
13) Forma de contato entre o grupo	WhastApp / e-mail / pessoalmente	WhatsApp / pessoalmente
14) Quem compõe o grupo de gestão da CSA?	Os coprodutores	Os agricultores

15) Como é realizada a gestão?	Por um núcleo gestor composto por 05 membros	Por um grupo gestor composto por 3 agricultores
16) Tempo de duração do grupo gestor	1 ano	2 anos

Fonte: Elaboração Própria, 2019

Através do quadro 07 é possível identificar que são mínimos os aspectos semelhantes no processo de funcionamento das CSAs, evidenciando uma série de distinções. Na CSA Nossa horta, o seu processo de funcionamento é marcado pelo acesso a tecnologias que facilitam a divulgação da CSA e o contato entre o grupo. Além disso, a CSA Nossa Horta aderiu a uma das características primordiais da CSA que é o pagamento antecipado. Segundo Castelo Branco et al (2011) o pagamento antecipado é o que garante ao agricultor a seguridade no financiamento da produção e a cooperação dos coprodutores nos riscos e benefícios.

Quanto na CSA Cesta em Domicílio, os agricultores possuem maior dificuldade para acesso a tecnologia, o que dificulta a comunicação instantânea com os coprodutores e até mesmo o funcionamento da CSA. Ademais, o grupo optou pelo pagamento ao final do mês, após a entrega de 04 cestas. Essa decisão foi tomada em uma reunião, na qual um agricultor expôs o seu receio no fato do grupo não conseguir realizar as entregas, assim acabou por convencer os demais agricultores para que a CSA Cesta em Domicílio aderisse ao pagamento ao final do mês.

Tal decisão foi lembrada pelo agricultor B como uma infeliz escolha para o grupo, que resultou em perdas financeiras devido à inadimplência de alguns coprodutores.

Eu lembro que quando a gente teve conhecimento da CSA era pra receber adiantado e teve um agricultor que não deixou. Ele disse que a gente não ia dar conta, ele é mais velho e todo mundo fica querendo respeitar ele, mas isso foi ruim demais pra nós, gerou tantos problemas até de gente saindo sem pagar. Mas eu depois de um tempo que eles viram que a gente dava conta queriam receber adiantado, mais ai já não dava mais né, já tava todo mundo acostumado a pagar depois (AGRICULTOR B, 2019).

A experiência do pagamento ao final do mês vivenciada pelos agricultores da CSA Cesta em Domicílio reforça o que a literatura aponta sobre a importância do pagamento antecipado para garantir o financiamento da produção e a seguridade para o agricultor (COOLEY; LASS, 1998; CASTELO BRANCO, et al.; 2011).

No que se refere ao processo de gestão, a CSA Nossa horta realiza os procedimentos através da parceria entre os coprodutores que administram a CSA e os agricultores que administram a produção dos alimentos. Tal característica está presente

na literatura como algo positivo, pois como consta no site da URGENCI (2018) o sistema CSA busca garantir que os agricultores possam se concentrar no âmbito da produção através de práticas agrícolas sustentáveis, e para que isso ocorra os coprodutores precisam participar ativamente das atividades do grupo por meio de trabalhos voluntários.

Já a gestão da CSA Cesta em Domicílio foi totalmente centralizada nos agricultores. O que resultou em um aspecto positivo no início da CSA através do fortalecimento das relações entre os agricultores, contudo com o passar do tempo os agricultores também se distanciaram dos processos de gestão, deixando a cargo apenas o grupo gestor (03 agricultores). Além disso, essa decisão contribuiu para o distanciamento dos coprodutores, que tinham como função na CSA apenas o pagamento/recebimento das cestas e a participação nos eventos de confraternização.

A experiência da CSA Cesta em Domicílio evidencia a necessidade da colaboração dos coprodutores no que tange a gestão. Conforme aponta a literatura, é um apoio importante para que os agricultores não fiquem retidos apenas nos aspectos burocráticos da CSA e possam se dedicar exclusivamente à produção (URGENCI, 2018). Neste sentido, as experiências em análise demonstram a importância da cooperação entre agricultores e coprodutores no processo de gestão da CSA.

No aspecto de operacionalização do sistema, a CSA Nossa Horta possui a modalidade de retirada da cesta em um ponto específico na cidade. Essa característica contribuiu para gerar a cooperação dos coprodutores que precisam construir uma escala de trabalho coletivo para realizar a entrega das cestas nesta modalidade. Já a CSA Cesta em Domicílio realiza apenas a entrega das cestas em endereço pré-definido pelo coprodutor, sendo uma opção comumente encontrada nas CSAs, mas que não possibilita que os coprodutores se encontrem em um espaço comum e a partir dali construir uma relação de proximidade.

Nesse sentido, a entrega da cesta em ponto determinado na cidade é uma alternativa que pode ser apropriada pelas CSAs, pois a mesma resulta em aspectos positivos para os membros da CSA se conhecerem. Quanto à comunicação nas CSAs, ambas as experiências apresentam modalidades que contribuem para a interação neste setor. A CSA Nossa Horta possui o evento Mãos à Horta, que tem o objetivo de realizar visitas mensais às fazendas de produção dos agricultores para que os coprodutores se integrem a CSA e conheçam a realidade de trabalho do agricultor, bem como o local onde são produzidos os alimentos que consomem.

A relevância deste evento está na interação ocorrida entre os membros e na periodicidade da sua realização, pois mensalmente os coprodutores tem a oportunidade de estar junto aos agricultores vivenciando a sua rotina de trabalho. Quanto à CSA Cesta em Domicílio, ela realiza um evento anual de confraternização entre todos os membros do grupo. Neste evento, agricultores e coprodutores explanam sobre as experiências vividas na CSA e as impressões que possuem sobre o grupo.

Esse evento é importante para a integração dos membros, porém não é tão efetivo por ser realizado anualmente, de forma que os laços constituídos dificilmente se fortalecem. Contudo, o fato das experiências em análise possuírem eventos de integração já é um ponto positivo, pois conforme aponta Perényi et al (2016), além de reuniões e organização da CSA é preciso que haja eventos de integração e troca de experiências, sendo que é a partir destes espaços que a comunidade no âmbito da CSA é constituída.

Nesse contexto, as CSAs apresentam distinções no seu funcionamento e na gestão e em seus setores financeiro, de operacionalização e de comunicação. Acredita-se que a principal justificativa para isso esteja relacionada com o processo de implementação das CSAs e com o público que possuem. A CSA Nossa horta possui coprodutores com idade média entre 30 e 40 anos que possuem facilidade de acesso a tecnologias e realizam a gestão de forma voluntária. A CSA Cesta em Domicílio era gerida pelos agricultores que possuem idade média entre 40 a 70 anos e que possuem dificuldade para o uso do celular e o acesso a internet, além disso, alguns agricultores não sabem ler e escrever. Portanto, por mais distintas que sejam as experiências analisadas, ambas evidenciam que o trabalho coletivo é o caminho para que o sistema funcione.

Após percorrer os caminhos que conduziram a CSA Nossa Horta e a CSA Cesta em Domicílio em seus processos de constituição, funcionamento e gestão, torna-se possível adentrar de forma mais profunda nessas experiências com o intuito de compreender as suas interações, relações sociais e significados.

## **6. AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA CSA**

A teoria das representações sociais diz respeito ao entendimento que o sujeito possui sobre o objeto da representação, sendo uma forma de conhecimento que pode ser

construída e compartilhada socialmente. Para identificar as representações sociais é necessário analisar os discursos, as palavras, as mensagens e as imagens, pois a mesma pode circular de diversas formas entre o grupo (JODELET, 2002; 2001).

Dessa maneira, compreender as representações sociais das CSAs em análise resulta em um exercício de cognição das mensagens transmitidas pelos sujeitos da pesquisa por meio de falas, imagens e discursos expostos durante a pesquisa de campo. Assim, o presente capítulo reúne as representações sociais extraídas dos membros da CSA Nossa Horta e da CSA Cesta em Domicílio.

### 6.1 As representações sociais da CSA Nossa Horta

Para identificar as representações sociais dos membros da CSA Nossa Horta foram realizadas entrevistas presenciais e o envio do questionário *online*. Em ambos os recursos, os membros da CSA foram questionados sobre o que eles entendem por CSA, qual o seu significado e por quais motivos permanecem no grupo. Ressalta-se que os respondentes foram orientados a expressar o que entendem e sentem pela CSA, para além da explicação da sigla e do seu funcionamento.

Nesse sentido, dentre os 13 entrevistados e as 28 respostas obtidas no questionário *online* foi possível identificar que os membros da CSA Nossa Horta representam a experiência CSA em dois âmbitos, conforme consta na tabela 01.

Tabela 01: As representações sociais sobre a CSA Nossa Horta

<b>Representações</b>	<b>Entrevistados</b>	<b>Questionário <i>online</i></b>
“Grupo de comercialização e consumo diferenciados”	05	19
“Uma Comunidade”	08	07
<b>Total</b>	13	26

Fonte: Elaboração Própria, 2019

Cabe expor que dentre as 28 respostas obtidas no questionário *online*, 02 coprodutores se absteram de responder, pois disseram ainda não possuir um entendimento concreto sobre como enxergam a CSA. Ademais, foi identificado que há na CSA Nossa Horta um grupo hegemônico composto por membros da gestão e alguns colaboradores

que construíram uma representação a partir de outro grupo que se mantém distante da CSA por não participarem das atividades – apenas recebem a cesta a domicílio. Identificou-se que o grupo hegemônico representa o grupo distante como “grupo distante da CSA”, sendo que essa representação não é propriamente uma representação da CSA Nossa Horta, mas refere-se a uma representação sobre um grupo de coprodutores.

Os coprodutores que representam a CSA como um “grupo de comercialização e consumo diferenciados” se caracterizam por terem adentrado à CSA com o objetivo de consumir alimentos saudáveis, e a trajetória desses atores indica que eles não se envolveram de forma ativa, participando das assembleias e atividades do grupo e a relação com o sistema se dá superficialmente, na busca das cestas e no pagamento mensal, conforme as seguintes falas:

Para mim a CSA é uma troca onde entramos com um pagamento mensal que auxilia o agricultor a ter um rendimento fixo independente das intempéries do tempo e mercado e recebemos produtos orgânicos de alta qualidade (COPRODUTOR H, 2019).

Eu entendo que a CSA são pessoas da cidade que querem receber produtos direto do agricultor com a garantia de ser produtos limpos e sem agrotóxicos. Eu entendo também que a CSA é uma via direta entre agricultor e consumidor, sem terceirizar as coisas (COPRODUTOR I, 2019).

Apesar da representação como um grupo de comercialização, os coprodutores qualificam o sistema como diferenciado. Isso ocorre porque eles enxergam as particularidades da CSA como a seguridade para o agricultor, através do escoamento da produção e do compartilhamento dos riscos e a segurança para o coprodutor, por saber de onde vem o seu alimento, sendo que essas características não se encontram em um sistema convencional como o supermercado.

Nota-se que a abstenção em participar das atividades da CSA contribuiu para essa representação, uma vez que esse distanciamento não possibilita o envolvimento dos membros nos ambientes que propiciam os vínculos que favoreçam o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento ao grupo. Sendo assim, alguns coprodutores percebem e vivenciam a CSA como um sistema diferente do que comumente encontram nos locais de vendas de produtos agroecológicos, mas não se envolvem com o sistema.

As representações emergem a partir da trajetória dos coprodutores, pois eles possuem um histórico fincado em um contexto convencional de produção-distribuição-

consumo, e ao se depararem com a CSA identificam um sistema complemente diferente conforme se pode verificar nas seguintes falas:

A CSA significa para mim comer um bom alimento, ter uma grande confiança nas pessoas da gestão, ter acesso a alimentos saudáveis, ter o contato com os seres humanos. E é também uma forma diferente de gerir um negócio, é diferente para todo mundo, pra quem administra, pra quem recebe, pra quem participa (COPRODUTOR F, 2019).

A CSA representa um valor muito grande pra nós, essa associação é formada por pessoas que estão no pensamento de uma vida saudável, de uma união com pessoas que cuidam da saúde, do corpo, é uma linha de pessoas do bem e a forma como elas veem a terra, as pessoas, o lado humano, isso não tem preço. É uma troca de energias, de ideias e de ajuda (COPRODUTOR J, 2019).

Pra mim a CSA é uma proposta de uma nova organização de consumo que na minha forma de ver é uma das mais viáveis que existem. A CSA leva em consideração essa relação do consumidor com o produtor assumindo dividir os riscos, por isso eu acho que a CSA é a forma mais promissora de mudar um pouco essa realidade do mercado. Ela não trata o agricultor somente como produtor de produtos, mas de alimentos saudáveis (COPRODUTOR K, 2019).

Os coprodutores destacam na CSA os seguintes aspectos: contato direto entre agricultor e consumidor; riscos da produção compartilhados; seguridade financeira para o agricultor; produtos livres de agrotóxicos; alimentos saudáveis e confiança junto ao núcleo gestor. Por esse motivo, utiliza-se “comercialização e consumo diferenciados” como uma forma de englobar e resumir os aspectos representados pelos coprodutores sobre a CSA Nossa Horta – a partir de suas particularidades.

Foi identificado entre os entrevistados outro grupo que representa a CSA como “uma comunidade”. Nesse grupo estão os coprodutores que se caracterizam por se envolverem de forma ativa na CSA através da participação na gestão, nas assembleias, na colaboração junto à gestão e na participação do evento Mãos à Horta. Já os agricultores, caracterizam-se por serem ativos na CSA, pois participam das assembleias e das tomadas de decisões no grupo.

Para esses entrevistados, a CSA vai além de um grupo de comercialização e não se resume às suas particularidades. Como afirma uma coprodutora “a CSA é pra mim uma coisa da troca e do coletivo, é ultrapassar a relação capitalista de só chegar e entregar o dinheiro e pegar o produto” (COPRODUTORA G, 2019). Para esse grupo a CSA faz parte da sua essência, conforme a seguinte fala:

A CSA pra mim é tudo, é segurança, é família, é compreensão, é entendimento, é tudo. Hoje eu não consigo me enxergar sem a CSA. Portanto eu acho que tudo que eu tenho hoje é por causa da CSA, por causa da horta, porque a CSA tem a questão do lado social também e se aqui fosse um serviço só de compra e venda qualquer eu já tinha ido embora daqui (AGRICULTOR B, 2019).

O agricultor B diz não conseguir se enxergar sem a CSA, pois ela faz parte da sua trajetória de vida. A agricultura foi inserida na vida desse agricultor após a sua saída de uma casa de recuperação. Com a sua adesão à CSA, o agricultor se sentiu acolhido devido o sistema realizar atividades que aproximam agricultores e coprodutores através de uma relação de reciprocidade e amizade.

Portanto, para esse grupo a CSA é compreendida como uma comunidade porque há uma relação de convivência com os membros da CSA e com as suas atividades. Acredita-se que essa representação está relacionada com o envolvimento com a CSA desenvolvido por esse grupo, segundo a seguinte fala:

Pra mim a CSA é uma relação de muita proximidade, pra mim é muito importante saber como funciona a CSA e ter uma relação próxima com os agricultores. Eu acho que se eu não participasse da forma como participo, totalmente envolvida na gestão e em tudo, talvez eu já tivesse saído, porque esse envolvimento faz a gente ter uma visão e um entendimento completamente diferente da CSA, a gente vive uma relação comunitária de forma fraternal (COPRODUTORA D, 2019).

Conforme a fala da coprodutora, o diferencial para esse grupo está na forma como se envolvem com a CSA, pois esse envolvimento culminará em como o membro representa a CSA. Dessa forma, o coprodutor M complementa a fala anterior com a seguinte afirmação sobre a sua participação no sistema:

Hoje ao fazer parte da CSA tem muito mais significado para mim do que inicialmente quando eu só pesquisava sobre o assunto. Antes o conhecimento era muito voltado para a teoria em algo que eu acreditava, mas não sentia na prática e hoje em dia a CSA faz parte da minha rotina, ela faz parte de quem eu sou. Eu tenho os agricultores e as pessoas do grupo de gestão como amigos (COPRODUTOR M, 2019).

O coprodutor M reafirma que a forma como os membros compreendem e representam a CSA está relacionada com o grau de envolvimento que é desenvolvido no sistema. Nesse contexto, ao representarem a CSA como “uma comunidade” os entrevistados exemplificaram que enxergar esse sistema, por esse viés, vai de encontro

com o que a literatura da CSA diz concernente a importância do envolvimento nas atividades do grupo (LAMB, 1994; HENDERSON; VAN EM, 2007). Em conformidade, Perényi et al (2016) afirmam que a construção da comunidade depende do envolvimento dos membros nas suas atividades de gestão e confraternização, de forma que seja construída uma relação de cooperação e de solidariedade.

As representações identificadas sobre a CSA Nossa Horta refletem como o sistema tem sido compreendido, internalizado e expressado pelos seus membros. Contudo, verificou-se que há também um grupo hegemônico na CSA que possui uma representação sobre outro grupo que se mantém distante das atividades do sistema, identificado nessa pesquisa como “grupo distante da CSA”. Esse grupo é composto por 20 coprodutores que se caracterizam por receberem as cestas a domicílio e não participarem de nenhum espaço da CSA.

Sobre esse grupo, o coprodutor M expressou-se da seguinte forma: “eu acho que essas pessoas participam mais pelo status que a CSA proporciona” (COPRODUTOR M, 2019). Assim, o grupo hegemônico identifica que esses membros enxergam a CSA a partir do que ela lhe proporciona. Ao refletir sobre o grupo que se mantém distante da CSA, o agricultor A expõe que o comportamento desses coprodutores é forjado há anos por um sistema mercantilista, conforme a seguinte fala:

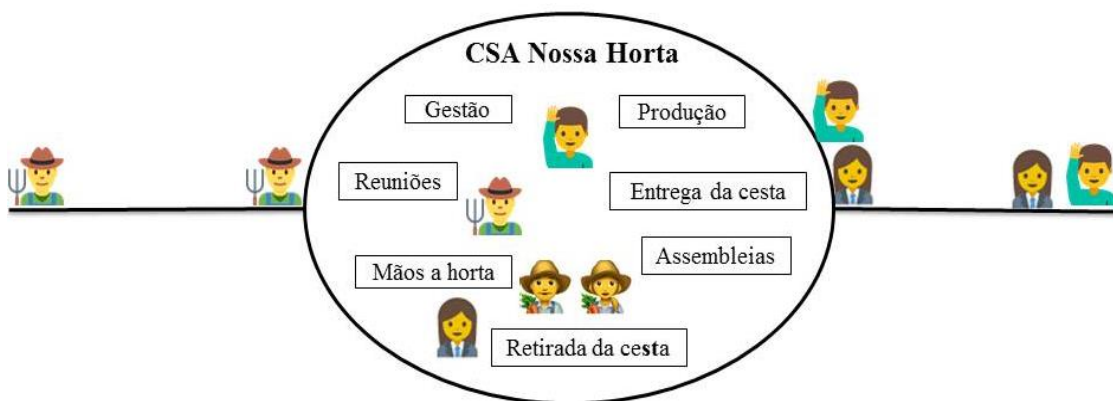
Tem pessoas aqui que ainda consomem muito pelo ego, pela comodidade, as pessoas vêm comprar não pela proposta, mas elas vêm porque querem ganhar vantagem. Elas contam para o vizinho que estão comprando um produto não porque é de uma comunidade que sustenta a agricultura, mas porque é um produto orgânico, barato e que recebe em casa. Então a gente ainda está muito com a mentalidade do consumismo e é muito difícil para a CSA conseguir quebrar isso, porque é um processo educacional e isso vem de base, da nossa educação brasileira que é na base da competição, no padrão de consumo, de ego, de preço. Então o mais difícil é quebrar isso e as pessoas não estão preparadas pra isso, a gente vê muito isso nos comentários dos grupos aqui, as pessoas não entendem o processo de consumo, o que a gente está propondo e não querem participar de forma tão ativa (AGRICULTOR A).

O agricultor argumenta que há vários fatores que corroboram para o distanciamento de alguns participantes, sendo que a integração desses membros à CSA depende do seu anseio pela transformação na forma de enxergar a CSA, para além daquilo que ela pode proporcionar. Conforme aponta a literatura, esse é um dos desafios integradores da CSA – retirar os coprodutores do lugar de consumidores e integrá-los em uma comunidade (HENDERSON; VAN EM, 2007).

Por fim, durante as entrevistas notou-se que para melhor compreensão das representações, fazia-se necessário averiguar junto aos entrevistados onde eles se enxergavam na CSA Nossa Horta. Desta forma, conforme apresentado no percurso metodológico no subtópico coleta dos dados, foi apresentado para os entrevistados um desenho que continha as atividades da CSA para que os mesmos apontassem onde se enxergavam. As conversas e entrevistas com os coprodutores também foi um fator utilizado para compreender onde o mesmo se enxerga dentro do sistema.

A figura 13 apresenta as atividades da CSA Nossa Horta com bonecos que representam os membros(as) e os agricultores(as) em três espaços, dentro do círculo que representa a CSA, à margem do círculo e ao final da linha ligada ao círculo.

Figura 13: Representação da CSA Nossa Horta



Fonte: Elaboração própria, 2019

Ao serem apresentados ao desenho da CSA Nossa Horta, os entrevistados foram questionados sobre onde se enxergavam. A tabela 02 compila as respostas obtidas.

Tabela 02: Onde os membros da CSA Nossa Horta se enxergam

Identificação dos membros	Entrevistados
Dentro da CSA	05
A margem da CSA	08
Distantes da CSA	00
<b>Total</b>	<b>13</b>

Fonte: Elaboração Própria, 2020

Em consonância com a representação de maior expressividade, sendo a do “grupo de comercialização e consumo diferenciados” a maioria dos entrevistados se identificaram à margem da CSA. Acredita-se que tal constatação deve-se ao fato desses coprodutores enxergarem a mesma pelo viés instrumental, na qual realizam os pagamentos e recebem os produtores, sem haver maiores envolvimento com as atividades da CSA.

O grupo que se enxerga dentro da CSA são os membros que estão envolvidos na gestão e na colaboração do sistema e participam das atividades do grupo, sendo os mesmos que representam a CSA como “uma comunidade”. Portanto, a maneira como os membros representam a CSA determina como eles se enxergam dentro do sistema.

A investigação das representações sobre a CSA aponta para a heterogeneidade dentro do sistema, pois foi possível identificar que os membros se envolvem de maneira distinta com a CSA. A pesquisa identificou membros engajados nas atividades de funcionamento e organização do grupo e no fortalecimento das relações sociais, ao passo que outros participam através da busca das cestas e do pagamento.

Assim, o próximo passo nesse processo é analisar a natureza das relações sociais, tendo em vista a sua complementariedade com as representações, pois a forma como os membros enxergam a CSA determinará como se relacionarão no sistema.

## **6.2 As representações sociais da CSA Cesta em Domicílio**

Na CSA Cesta em Domicílio foram realizadas entrevistas com os agricultores com o objetivo de compreender como eles enxergavam e representavam a CSA. Mesmo o grupo tendo tomado a decisão de encerrar as suas atividades, os agricultores foram questionados sobre o sentido que a CSA trazia e o que isso significava para eles no contexto em que se encontravam, pois há diversos aspectos por trás de uma representação, sendo assim é necessário haver o conhecimento sobre o contexto histórico no qual ela emerge (CHARTIER, 1990).

Dessa maneira, faz-se necessário retomar o fato de que a CSA Cesta em Domicílio foi implementada a partir da iniciativa dos agricultores da horta Vapabuçu, com o principal objetivo de contribuir com o escoamento da produção. Neste sentido, esses fatos são importantes para o entendimento das representações identificadas na pesquisa, conforme apresentadas na tabela 03.

Tabela 03: As representações sociais sobre a CSA Cesta em Domicílio

<b>Representações</b>	<b>Entrevistados</b>
“Grupo de comercialização”	07
“Grupo com comercialização diferenciada”	05
<b>Total</b>	<b>12</b>

Fonte: Elaboração Própria, 2020

Durante as entrevistas verificou-se que todos os agricultores enxergavam a CSA a partir da oportunidade que o sistema proporciona de escoamento da produção. Contudo, alguns agricultores também identificaram outros aspectos que consideravam significativos na CSA, o que resultou em duas representações sobre a CSA Cesta em Domicílio.

No que se refere à representação da CSA como um “grupo de comercialização”, os agricultores expressavam durante as entrevistas que a CSA era para eles a oportunidade de vender os seus produtos com segurança. Assim, ao serem questionados sobre o sentido da CSA, vários agricultores deram a mesma resposta: “Uma oportunidade de vender mais produtos, de aumentar a renda e de ter segurança financeira” (AGRICULTOR G, 2019). Mas por que esse era o sentido único da CSA para vários entrevistados?

Na busca por compreender tal fato, realizou-se uma investigação na literatura sobre o histórico da horta Vapabuçu, no qual foi identificada uma pesquisa realizada pela UFSJ-CSL em parceria com a prefeitura de Sete Lagoas no ano de 2014. A pesquisa constatou que os agricultores sofriam dificuldades para escoar a produção e que isso resultava em perdas de produtos, gerando prejuízo financeiro e desgaste emocional devido ao descarte dos produtos que eram produzidos com tanto afinho (ANDRADE et al., 2015).

Além disso, dentre os objetivos dos agricultores para implementar a CSA, o principal deles refere-se a alternativa de escoamento da produção, sendo que esse também é um dos principais motivos que levaram os agricultores a participar do sistema. Neste sentido, a representação como um “grupo de comercialização” está atrelada ao contexto histórico em que a CSA foi implementada, no qual os agricultores estavam focados na perspectiva de vendas, conforme as seguintes falas: “É uma

oportunidade de crescimento, de vender os produtos, de aumentar a renda. Eu vejo que as cestas é uma forma de agregar valor ao nosso produto” (AGRICULTOR I, 2019). “Era bom quando dava tudo certo nas entregas e eu recebia o dinheiro certinho, era bom participar para vender os produtos e não ter perdas” (AGRICULTOR C, 2019).

Para esses agricultores a CSA era compreendida apenas como um canal de comercialização que contribuía para que pudessem escoar os produtos, diminuir as perdas e aumentar a renda. Porém, constatou-se que outro grupo de agricultores enxergava outros sentidos na CSA para além da comercialização, o que resulta em outra representação da CSA, como um “grupo com comercialização diferenciada”, conforme se pode verificar na seguinte fala:

Pra mim significava poder vender os meus produtos com segurança, mas também era bom ver todo mundo trabalhando junto, todo mundo animado um ajudando o outro em uma coisa que era nossa (AGRICULTOR F, 2019).

Entregar as cestas significa uma renda a mais e você planta os alimentos que você sabe que está ajudando a comunidade a preservar a saúde é uma coisa boa. A gente sabe o que planta, as coisas que coloca e isso é muito importante, porque não podemos pensar só na gente, temos que pensar no outro também (AGRICULTORA D, 2019).

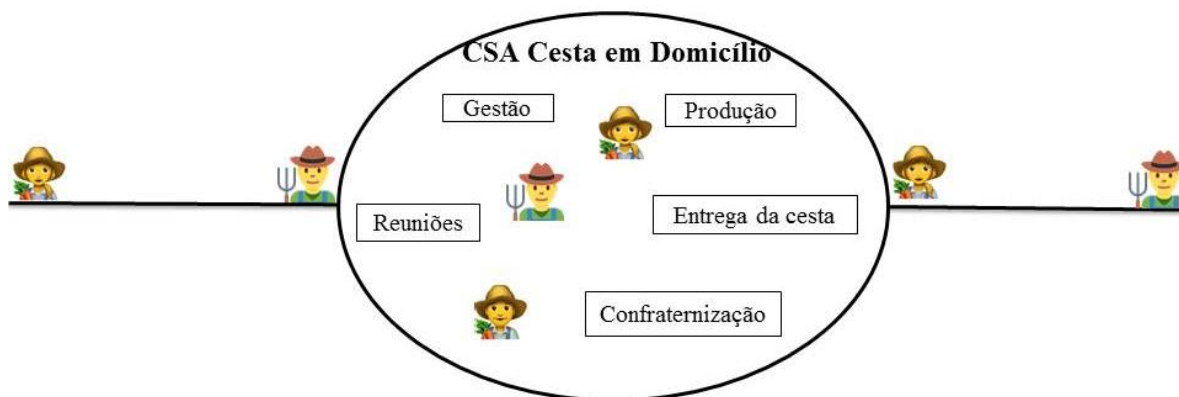
Além de trazer uma renda a mais, a CSA significava a união dos agricultores, uma nova forma de conviver na horta, de trabalharmos juntos, de crescermos juntos (AGRICULTOR A, 2019).

Diferente dos agricultores que representam a CSA como “um grupo de comercialização” e só enxergavam a oportunidade de venda da produção, há outros agricultores que identificaram no sistema outros significados, como a constituição do relacionamento entre os agricultores através da união, da confiança, da amizade e da parceria que era cultivada diariamente nas atividades da CSA. Esses agricultores se caracterizam pelo seu engajamento no processo de implementação da CSA e na participação na execução das atividades.

Nesse sentido, a representação da CSA pelo viés da comercialização passa a ser diferenciada, pois os sentidos e significados que os agricultores atribuíram a ela ganham um patamar para além da relação de produção-comercialização. Alguns agricultores conseguiram identificar que o sistema possuía elementos que os conduzia a um espaço de interação que proporcionou (por um período) a constituição e fortalecimento das relações que contribui para a organização e funcionamento do sistema de forma coletiva.

Por fim, conforme consta no percurso metodológico, no subtópico coleta dos dados, foi apresentado aos agricultores um desenho que representava a CSA e suas atividades. A figura 14 apresenta as atividades da CSA Cesta em Domicílio com os bonecos que representam os agricultores(as) em três espaços, dentro do círculo que representa a CSA, a margem do círculo e ao final da linha ligada ao círculo.

Figura 14: Representação da CSA Cesta em Domicílio



Fonte: Elaboração Própria, 2019

O objetivo da figura 14 era verificar junto aos entrevistados onde eles se enxergavam na CSA. As respostas obtidas foram compiladas na tabela 04.

Tabela 04: Onde os membros da CSA Cesta em Domicílio se enxergam

Identificação dos membros	Entrevistados
Dentro da CSA	11
A margem da CSA	01
Distantes da CSA	00
<b>Total</b>	<b>12</b>

Fonte: Elaboração Própria, 2020

Os resultados contidos na tabela 04 mostram que praticamente todos os agricultores se enxergam dentro da CSA. Acredita-se que essa resposta está atrelada ao fato deles participarem das reuniões, que eram um espaço coletivo para as discussões sobre a CSA além de estarem sempre presentes nas confraternizações do grupo. Além disso, o processo histórico de implementação da CSA evidencia que a sua concepção se

deu a partir da iniciativa dos agricultores, sendo que esse fator também pode ter contribuído para que eles se enxergassem dentro da CSA, como parte do sistema.

Portanto, ao compreender como os membros da CSA representam as experiências, o próximo passo refere-se a analisar a natureza das relações que são constituídas, tendo em vista que a forma como agricultores e coprodutores entendem a CSA determinará a maneira como irão se relacionar.

## **7 ESTRUTURA E NATUREZA DAS RELAÇÕES**

O sistema CSA é um mercado alternativo que promove a ligação direta entre agricultores e consumidores por meio de uma relação de cooperação que tem como objetivo realizar a comercialização de produtos agroecológicos (CASTELO BRANCO et al., 2011; CSA BRASIL, 2018). Contudo, para que esse sistema funcione, a sua manutenção não depende apenas de elementos materiais, mas principalmente de uma série de elementos sociais, que condicionam e definem o que é uma experiência CSA.

Dessa maneira, a constituição das relações sociais é um dos elementos chave para que um sistema como a CSA funcione, pois é necessário que haja a colaboração de agricultores e coprodutores através de relações que sejam pautadas na confiança, na solidariedade e na cooperação. Esses elementos indicam a constituição do capital social que considera os vínculos construídos entre os indivíduos, pois são considerados laços simbólicos que convergem para a coesão de um grupo, para além das transações financeiras.

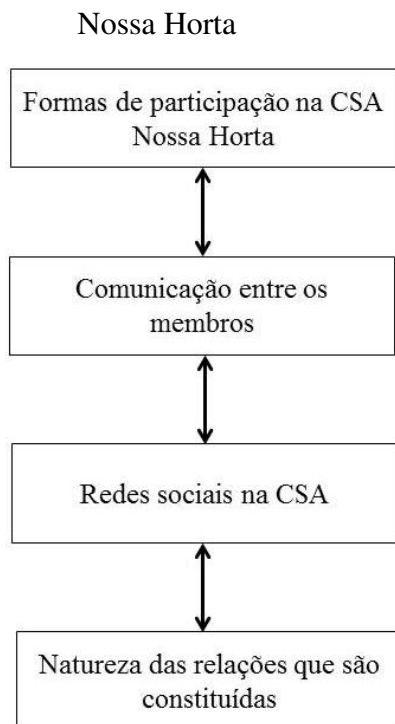
Nesse sentido, Putnam (1996) afirma que o estoque de capital social que um grupo possui é um elemento essencial para a construção da ação coletiva em prol de seus objetivos. Sendo assim, o presente capítulo apresenta a investigação sobre a estrutura e natureza das relações sociais que são constituídas nas CSAs em análise e para tanto, utiliza-se a noção de capital social e seus desdobramentos: redes sociais; confiança e sentimento de pertencimento.

### **7.1 Estrutura e natureza das relações na CSA Nossa Horta**

A CSA Nossa Horta através de seu formato de funcionamento proporciona aos seus membros espaços que contribuem para o desenvolvimento e fortalecimento das relações sociais. Compreender essas relações significa investigar como elas ocorrem

dentro da CSA. A figura 15 apresenta o caminho analítico escolhido para realizar essa investigação.

Figura 15: Caminho analítico para investigar a natureza das relações sociais da CSA



Fonte: Elaboração Própria, 2020

Para compreender as relações sociais que são constituídas na CSA Nossa Horta é necessário analisar os diversos aspectos do envolvimento dos membros nas suas atividades e nas suas interações sociais. A figura 15 representa o caminho escolhido para esse percurso na CSA Nossa Horta, sendo que o início se dá na análise das formas como os membros identificam a sua participação na CSA, pois essa categoria poderá determinar o tipo de envolvimento que terão no grupo.

Em seguida tem-se a comunicação que se atentará para a frequência em que ela ocorre e os recursos que são utilizados para tal, pois para além de compreender se existe a comunicação é necessário analisar quando e como ela acontece. Quanto às redes sociais, serão investigados quais são os grupos que se formam na CSA e as suas influências sobre os demais membros, sendo que isso também poderá implicar nas relações sociais que são constituídas.

A natureza das relações sociais será analisada a partir do tipo de relação que os membros constituem entre si, sendo que os membros foram questionados sobre qual o tipo de interação/relação consideram desenvolver com os participantes da CSA. A

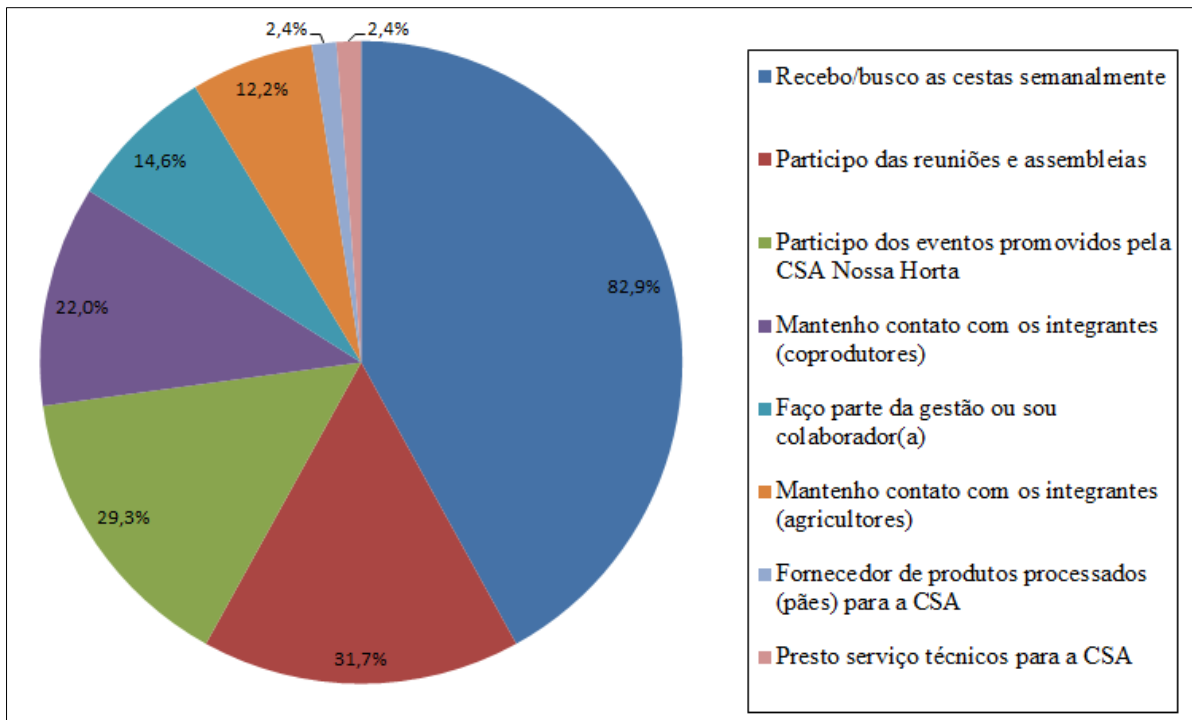
escolha pela representação do caminho analítico, conforme consta na figura 15, está entre setas duplas devido ao fato da influência e interdependência de uma categoria sobre a outra. Quanto à última categoria analítica ser a natureza das relações sociais, isso não ocorre por acaso: ela representa a base que sustenta os demais tópicos pois a maneira como os membros se relacionam determinará como irão se envolver, se comunicar e formar redes de relações na CSA.

Investigar a forma como os membros se envolvem com o sistema é uma maneira de analisar como eles poderão se relacionar. Assim, para analisar as formas de participação na CSA Nossa Horta, tem-se a figura 16 que compila as respostas obtidas nas 13 entrevistas presenciais realizadas junto a agricultores e coprodutores e 28 respostas obtidas no questionário *online* destinado aos coprodutores. O foco dessa pergunta era investigar como os membros apontam a forma como participam da CSA.

Figura 16: As formas de participação na CSA - membros da CSA Nossa Horta<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Os números da pesquisa excedem 100% porque a mesma se trata de uma pergunta que permite mais de uma resposta.



Fonte: Elaboração Própria, 2020

A resposta com maior destaque refere-se à participação através do recebimento/busca das cestas semanalmente (82,9%). Essa resposta demonstra um caráter instrumental na participação da CSA, pois indica que a maioria dos respondentes considera participar da CSA através da busca/recebimento das cestas e não participam de outros espaços, como o evento Mãos à Horta que proporcionam maior interação e envolvimento com os demais membros. Em conformidade com essa análise, o coprodutor L concedeu o seu depoimento sobre como ocorre a entrega das cestas no Museu das Minas de do Metal:

Na primeira semana que eu fui buscar a cesta a minha expectativa era de ter um espaço de convívio, pensei que ia encontrar todo mundo e conversar e trocar ideia, um espaço de convívio. Mas o que aconteceu na realidade foi uma frustração, eu cheguei mais no final da manhã, não encontrei quase ninguém. Mas hoje eu já aceitei isso, já entendi que não tem esse espaço de convívio aqui no museu, talvez seja por causa do local (COPRODUTOR L, 2019).

Verifica-se que a forma como os membros mais participam da CSA (recebimento/busca das cestas semanalmente) não contribui para a constituição de relações de confiança, de reciprocidade e de maior envolvimento com a CSA. Acredita-se que isso possa ocorrer devido ao fato de a estrutura física do local não proporcionar que haja um espaço de convivência entre os membros, conforme a fala do coprodutor L.

Essa constatação está em consonância com o capítulo anterior, no qual a principal representação da CSA Nossa Horta é como um “Grupo de comercialização e consumo diferenciados”, o que aponta que os membros que representam a CSA dessa forma também consideram a sua participação no sistema através da busca das cestas.

Quanto à participação em reuniões (31,7%), assembleias (31,7%) e eventos da CSA (29,3%), os resultados mostram que o envolvimento dos membros ainda é pouco em relação ao que se espera daqueles que participam de uma CSA. Segundo Perényi et al (2016), a cooperação entre os membros e o fortalecimento do elo entre eles se dá através da participação em assembleias, reuniões e atividades voluntárias, pois esses espaços propiciam a solidariedade e a divisão das tarefas entre os membros.

Contudo, caso a participação nas atividades da CSA seja restrita a apenas um grupo de membros ocorre-se o risco de haver sobrecarga de tarefas e o fortalecimento das relações apenas nesse grupo. Assim, a coprodutora E, que é membro do núcleo gestor fez a seguinte avaliação quanto a interação na CSA:

Minha avaliação é que a interação não é da forma que eu gostaria, a interação poderia ser maior devido à proposta da CSA, de um envolvimento maior. As pessoas poderiam participar mais, a gente tenta de uma forma ou de outra fazendo ações como o Mãos à Horta, as assembleias, chamando as pessoas para colaborarem. Mas assim, a gente percebe a receptividade, a gente percebe as pessoas dispostas a ajudar, mas também não tem aquele voluntariado. Mas a gente tenta fazer algumas movimentações, mas devido à rotina algumas pessoas não participam. Eu percebi que tem muita gente que está na CSA, mas tem apenas uma relação de compra, eu vou ali pego o que comprei e vou pra casa e isso é bem chato (COPRODUTORA E).

Segundo a fala da coprodutora, os coprodutores são receptivos às atividades da CSA, contudo isso não os leva a uma participação ativa e que incorre no mínimo de interação entre os membros. Uma possível justificativa refere-se ao fato dos membros ainda não se sentirem pertencentes ao grupo, sendo que o sentimento de pertencimento é que contribui para que ocorra a elevação do pensamento coletivo para além do individual (KOURY, 2010). Desta forma, o núcleo gestor desenvolveu estratégias com o intuito de fazer com que os coprodutores sintam o elo de pertencimento com a CSA, conforme a seguinte fala:

[...] A gente sempre esperou que com as assembleias e o Mãos à Horta as pessoas comessem a participar. Tem pouco tempo à gente abriu a planilha financeira da CSA pra todo mundo, todos tem acesso ao que os agricultores recebem e todos podem estar por dentro. O intuito de divulgar isso é fazer com que as pessoas se sintam mais parte do grupo, também estamos

procurando alimentar as redes sociais com receitas e postar sobre a CSA, estamos em um processo de renovação dos canais de internet, temos vídeos sendo produzidos em parceria com os coprodutores, mas ainda é um processo lento (COPRODUTORA C).

A estratégia utilizada pelo núcleo gestor é envolver os membros em assuntos importantes da CSA, com o intuito de tornar a relação com o sistema menos superficial. Neste sentido, segundo Koury (2010), é através do sentimento de pertencimento que os membros podem sentir que as suas ações colaboram para a construção e solidez do grupo, dando sentido e significado à sua participação na CSA – o que se traduz em construção de relacionamento entre os membros.

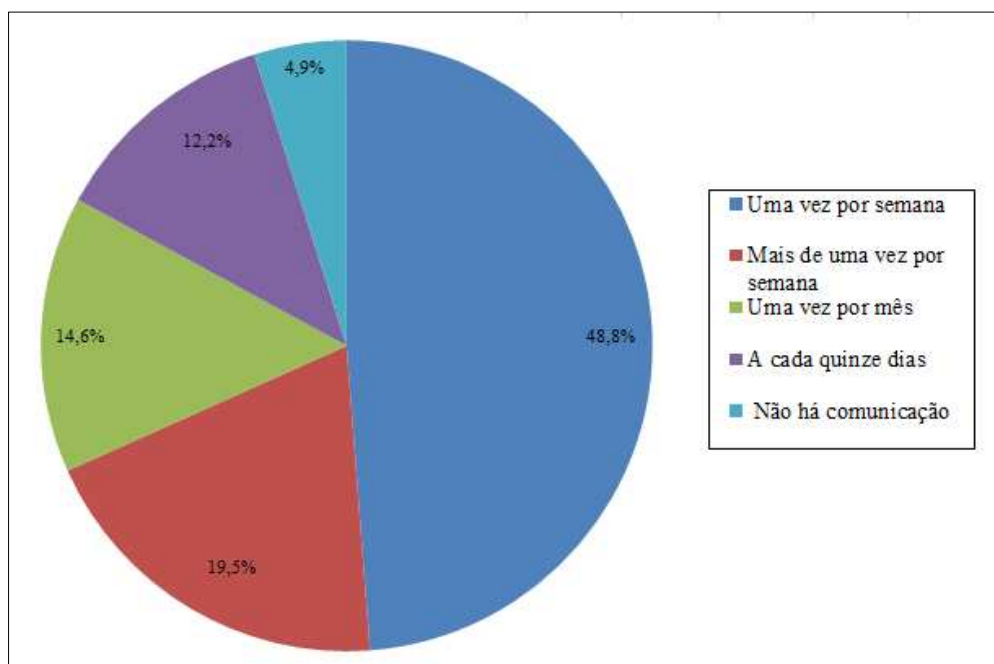
Além disso, outra atividade desenvolvida pela CSA que contribui para que os membros se sintam pertencentes ao grupo e desenvolvam relações de solidariedade e cooperação refere-se ao evento Mãos à Horta que é realizado na fazenda de produção do agricultor, conforme a fala do agricultor A:

A CSA tem a proposta de ter um programa chamado Mãos à Horta que é um programa em que os agricultores recebem as pessoas na horta para eles conhecerem de perto a produção, a família e como os produtos são produzidos e entender os desafios para produzir. Porém, ainda tem muita pouca interação entre os consumidores e os produtores. No mãos à horta a participação das pessoas ainda é muito pouca, vão apenas em torno de 15 a 20 pessoas em um grupo de 100 famílias (AGRICULTOR A, 2019).

Conforme se pode verificar na fala do agricultor, assim como as assembleias e reuniões possuem poucos adeptos, o evento Mãos à Horta ainda tem abarcado poucos coprodutores, sendo que esse fator também pode contribuir para relações sociais frágeis e a falta de sentimento de pertencimento ao grupo. Por fim, no que compete à participação na CSA através do contato entre os membros a figura 16 evidencia que isso ocorre de forma mínima, sendo que dentre os 41 respondentes da pesquisa 22% disseram manter contato com os coprodutores e 12% mantém contato com os agricultores. Para melhor análise desse resultado, faz-se necessário analisar os aspectos da comunicação.

Dessa forma, a comunicação em um sistema como a CSA é considerada a base para que elementos como a confiança e a parceria se desenvolvam entre os membros, pois ao se estabelecer a comunicação podem ser criados laços e interações (PERÉNYI et al, 2016). Assim, para investigar essa categoria entre os membros da CSA Nossa Horta, foram analisadas as questões concernentes à frequência em que ocorre a comunicação no grupo e por quais meios. A figura 17 apresenta os resultados obtidos.

Figura 17: Frequência de comunicação entre os membros da CSA Nossa Horta



Fonte: Elaboração Própria, 2020

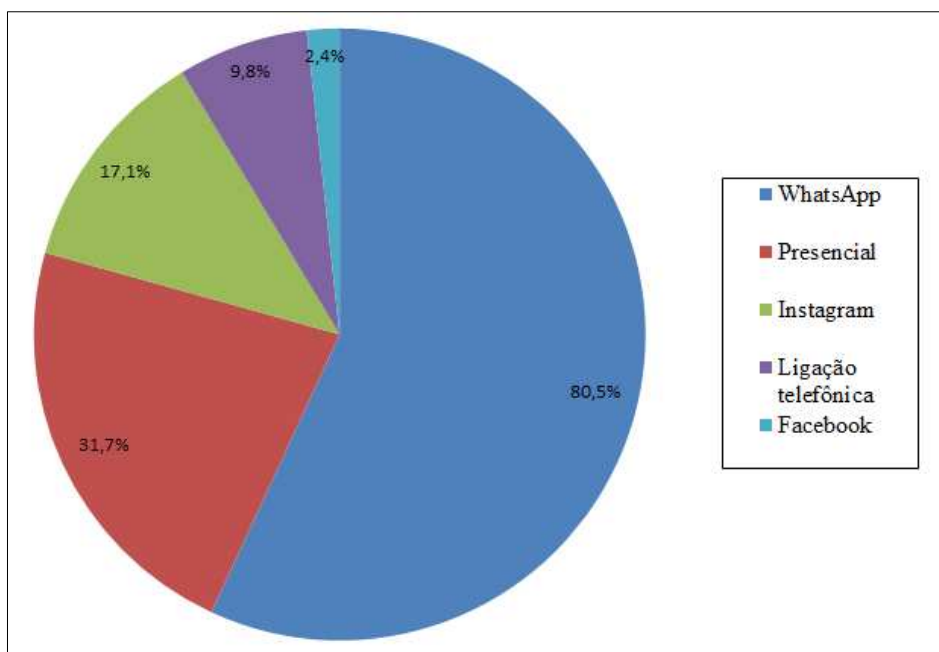
A comunicação entre os membros ocorre de forma considerável, pois dentre os 41 respondentes da pesquisa, 48,8% deles disseram se comunicar com os demais membros pelo menos uma vez por semana e 19,5% responderam que a comunicação ocorre em mais de uma vez por semana. Esse resultado demonstra que na categoria da comunicação os membros da CSA têm se mantido de forma ativa. No entanto, durante as entrevistas uma coprodutora trouxe a seguinte avaliação sobre a comunicação entre os membros:

Tem pessoas aqui que tem amigos próximos que também recebem a cesta e essa relação mais próxima acaba acontecendo entre aqueles que estão por perto e são mais conhecidos e eles acabam trocando produtos entre eles e tem uma interação maior. Hoje em dia o isolamento é tão grande que tem gente que não faz nem ideia de que isso é possível, de sermos uma comunidade aqui (COPRODUTORA D, 2019).

Conforme consta na fala da coprodutora D a comunicação é um fator presente na CSA, mas é restrita a grupos específicos, o que corrobora para diferentes tipos de relações entre os membros e a formação de redes sociais. Verifica-se que a troca de produtos é uma forma de interação que ocorre entre aqueles que já se conhecem, sendo assim, apesar de haver a comunicação ela não é realizada entre todos os membros, mas

ocorre em grupos específicos que possuem maior afinidade. Quanto aos meios utilizados para a comunicação, a CSA disponibiliza de canais virtuais e presenciais. A figura 18 apresenta os resultados obtidos.

Figura 18: Canais de comunicação utilizados na CSA Nossa Horta <sup>23</sup>



Fonte: Elaboração Própria, 2020

A comunicação virtual é a mais utilizada no grupo, sendo que o WhatsApp possui mais adeptos com, 80,5%, seguido do Instagram com 17,1%. Por meio dos recursos disponíveis no WhatsApp a CSA criou grupos de comunicação entre o núcleo gestor, os agricultores e os coprodutores, sendo que diversos assuntos para o funcionamento da CSA são geridos nesse recurso, conforme a seguinte fala de um membro do núcleo gestor:

Eu vejo que às vezes nos grupos de WhatsApp algumas pessoas trocavam algumas receitas, perguntava o que fazer com alguns produtos e as pessoas interagem. Mas, para o número de pessoas que compõem a CSA a gente tem pouco comprometimento, não sei se é comprometimento, mas é pouca presença nos eventos da CSA [...] (COPRODUTORA C, 2019).

Apesar de haver a interação entre os membros, ela ainda é restrita a grupos específicos, o que contribui para a formação de redes de interação. No entanto, em um sistema como a CSA as relações de cooperação e amizade precisam estar em

<sup>23</sup> Os números da pesquisa excedem 100% porque a mesma se trata de uma pergunta que permite mais de uma resposta.

movimento, aderindo-se aos diversos membros do grupo, pois se houver a concentração desses elementos apenas em grupos específicos corre-se o risco de marginalizar outros membros, o que pode vir a desenvolver problemas para a permanência e adesão ao sistema.

Nesse sentido, Putman identifica que a rede social parte de um viés coletivo e deve se preocupar em como todos podem se beneficiar, a partir de normas de confiança e cooperação (PORTUGAL, 2007). Portugal (2007) afirma que a operacionalização do conceito de rede social pode ser realizada a partir da identificação de quem são os sujeitos que formam as redes e por quais laços eles estão ligados.

Dessa maneira, os membros da CSA Nossa Horta foram questionados sobre quem são as principais pessoas com quem eles se relacionam no grupo. Dentre as respostas obtidas, identificou-se que os membros se relacionam principalmente com as pessoas que faziam parte do seu círculo de amizade antes de adentrarem à CSA e que hoje estão no mesmo sistema.

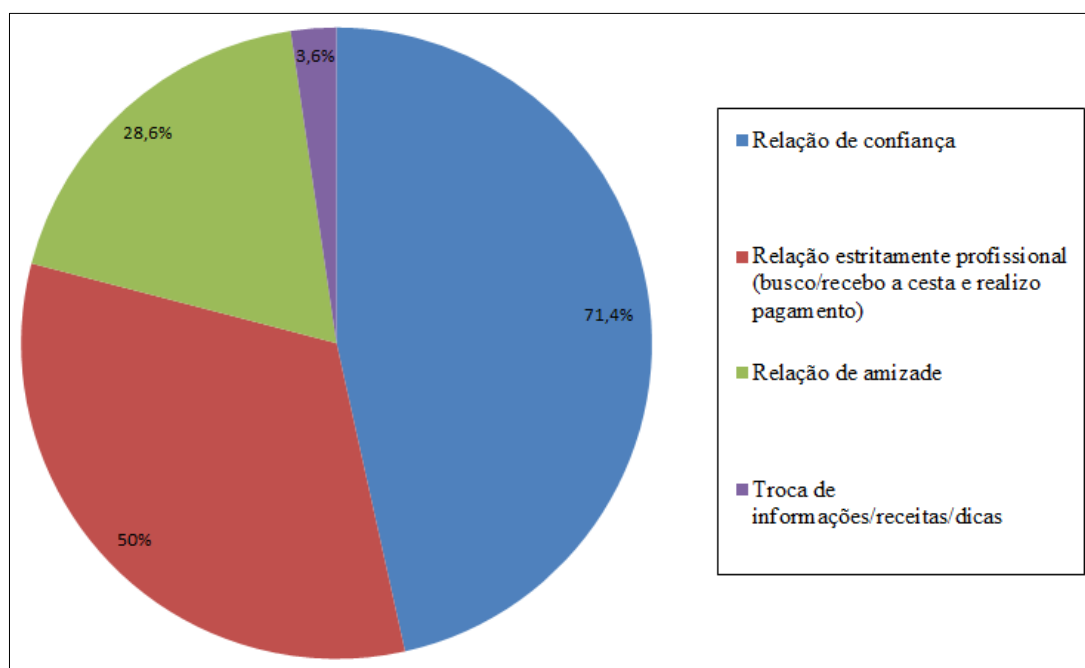
Conforme disse a coprodutora D, “Tem pessoas aqui que tem amigos próximos que também recebem a cesta e essa relação mais próxima acaba acontecendo entre aqueles que estão por perto e são mais conhecidos” (COPRODUTORA D, 2019). Verifica-se que as redes de relações se formam principalmente entre os membros que já se conheciam antes da CSA.

Além disso, identificou-se que os coprodutores que formam o núcleo gestor são os que mantêm maior contato e interação com os demais membros e são considerados os mais influentes na CSA devido a posição de administradores do sistema. Conforme disse o agricultor: “As pessoas mais influentes seriam as pessoas da gestão que no momento estão tendo maior influência porque fazem parte da gestão. Mas esse grupo é rotativo” (AGRICULTOR A, 2019). Porém, mesmo os coprodutores ocupando cargos temporários, a relação constituída com os membros da CSA é um laço que pode se fortalecer no grupo mesmo após a saída desses membros do núcleo gestor.

Nesse contexto, as redes sociais são uma importante ferramenta para identificar as relações que são constituídas entre os membros, sendo que na CSA Nossa Horta há diversos contrastes nas relações, pois há membros que possuem uma relação de amizade e identificam a CSA como uma comunidade, e em contraponto há membros que possuem uma relação superficial com os demais e veem a CSA por um viés instrumental.

Dessa maneira, os diferentes tipos de relações identificadas entre os membros da CSA apontam para a diversidade de sentidos e significados que atribuem à CSA. Assim, com o objetivo de analisar a perspectiva dos coprodutores quanto ao tipo de relação que consideram constituir na CSA, eles foram questionados sobre isso e as respostas obtidas estão compiladas na figura 19.

Figura 19: Relações sociais que os entrevistados consideram constituir na CSA Nossa Horta<sup>24</sup>



Fonte: Elaboração Própria, 2020

Conforme se pode verificar na figura 19, há um contraste nas respostas obtidas. 71,4% dos entrevistados disseram que se relacionam com base na confiança, ao passo que 50% se relacionam através da busca/recebimento e pagamento das cestas. Esse resultado indica que mesmo os membros que se relacionam de forma instrumental, possuem uma relação de confiança com o sistema. Acredita-se que por esse motivo esses membros permanecem na CSA, pois a confiança é um elemento essencial para o funcionamento do sistema.

Como exemplo, os agricultores produzem em um sistema agroecológico, mas não possuem o selo que comprove isso, essa comprovação ocorre através das visitas do agrônomo. Ao adentrarem a CSA os coprodutores não assinam nenhum contrato, a

<sup>24</sup> Os números da pesquisa excedem 100% porque a mesma se trata de uma pergunta que permite mais de uma resposta.

garantia de que os acordos firmados serão cumpridos ocorre por meio da confiança, sendo que com o cumprimento dos acordos essa confiança se fortalece, mesmo havendo uma relação instrumental. Em similaridade com esse resultado, tem-se as entrevistas com os coprodutores, conforme as seguintes falas:

Aqui na CSA todos os processos são na base na confiança, o grupo confia em mim e eu confio no grupo. Não assinamos nenhum documento e organizamos tudo na confiança. O sistema aqui é diferente de um sacolão, por exemplo: No sacolão eu e o dono do sacolão assinaríamos um contrato, mas ambos ficaríamos desconfiados um do outro e aqui na CSA não tem isso, a nossa relação é na base da confiança (AGRICULTOR A, 2019).

Temos os grupos do WhatsApp e neles não tem conversa informal, todas são voltadas para os assuntos da CSA, mas não é uma relação tão próxima. Na entrega não tem muita conversa, as pessoas se cumprimentam, mas não há muita conversa apenas pegar a cesta mesmo. Apesar de não ser uma relação próxima, as relações são de confiança. Para entrar na CSA a gente faz uma assinatura pela internet e toda a relação ocorre na confiança (COPRODUTORA G, 2019).

Através das falas é possível inferir que a confiança é identificada pelos coprodutores como a base de sustentação da CSA, sendo que esse é um dos principais elementos do capital social. A partir da constituição de relações de confiança é possível desenvolver outras relações no grupo, como a cooperação entre os membros (PUTNAM, 1996).

Para Moisés (2005), a confiança é o que produz expectativas positivas sobre o outro. Para o autor, a confiança também está atrelada às motivações coletivas, sendo que os interesses comuns geram a confiança no outro e podem colaborar para que os membros cooperem entre si e desenvolvam maior afinidade.

Dessa maneira, a confiança é identificada na literatura como a chave para a constituição de vínculos mais profundos com o outro. A sua identificação como a base das relações sociais na CSA Nossa Horta indica que esse elemento é um dos fatores que garantem a manutenção desse sistema, pois apesar dos desafios relacionais e operacionais, confiar no outro tem contribuído para sustentar esse sistema.

## **7.2 Estrutura e natureza das relações na CSA Cesta em Domicílio**

Para analisar as relações sociais no contexto da CSA Cesta em Domicílio é necessário recapitular o seu contexto de implementação e funcionamento, sendo que a CSA foi implementada na horta comunitária Vapabuçu onde os agricultores já se conheciam e utilizavam o mesmo espaço físico para a plantação. Assim, já havia entre os sujeitos da pesquisa interação e relacionamento antes de adentrarem à CSA, contudo essa relação era frágil.

Conforme consta em pesquisas anteriores, as relações sociais entre os agricultores da horta Vapabuçu eram marcadas pelo individualismo, pois não conseguiam se ajustar no coletivo para buscarem alternativas de escoamento da produção. Tal fato contribuía para aspectos negativos, como a presença de “atravessadores” que compravam os produtos a baixos preços e os revendiam em feiras e supermercados, de forma a gerar desvalorização para os agricultores e os distanciar dos consumidores (MELO, 2018).

Com a implementação da CSA, os agricultores passaram a se relacionar de outra forma. As reuniões tornaram-se importantes e houve a colaboração e participação dos agricultores semanalmente. Além disso, mantiveram o contato de forma constante para resolver os assuntos concernentes à CSA, conforme as seguintes falas:

A gente tinha o nosso momento nas reuniões, era bom porque elas aconteciam aqui na horta e todo mundo podia participar, a gente conversava, contava o que tava passando na horta, falava sobre o grupo (AGRICULTOR J, 2019).

Enquanto fazia reunião era bom. Depois que começou a distanciar a reunião, como que eu falo. Aí hoje eu vejo igual a um bando de bicho correndo de um lado pro outro na selva e sem saber o que fazer e distanciando um do outro. Então a reunião era o que unia e é era muito bom (AGRICULTOR B, 2019).

As reuniões eram consideradas pelos agricultores como uma ponte que os conduzia a um lugar de conversa, interação e envolvimento com o outro, sendo que durante os primeiros meses de funcionamento da CSA as reuniões foram de fato a conexão entre os agricultores. Contudo, após a estruturação do grupo os agricultores optaram por parar de realizar as reuniões semanalmente e passaram a se reunir a cada 15 dias.

Na concepção dos agricultores essa decisão contribuiria para que eles pudessem se dedicar mais tempo à produção, no entanto como as reuniões eram um momento de descanso e de fortalecimento do coletivo, ao diminuir a sua frequência os agricultores

começaram a se distanciar e as relações sociais que outrora estavam fortalecidas caíram no lugar de esquecimento, pois sem convívio/interação não há como construir/restituir os relacionamentos.

Dessa maneira, com as relações fragilizadas devido à diminuição das reuniões os agricultores viram-se em meio a desencontros e desentendimentos em vários aspectos da CSA. Neste sentido, um fator específico da CSA Cesta em Domicílio eram as trocas de produtos que os agricultores realizavam para conseguir compor as cestas, sendo que essa atitude desenvolveu entre os mesmos a solidariedade, o apoio mútuo e a troca como um símbolo da reciprocidade. Porém, alguns agricultores perceberam isso e se aproveitavam para sempre buscar as trocas, produziam alimentos básicos (folhosas) e realizavam trocas por raízes tuberosas, tubérculos e bulbos, e tal fato gerou um ciclo vicioso em busca apenas do benefício próprio, conforme a seguinte fala:

A CSA proporcionou um aumento na renda dos agricultores muito significativo e eu imaginava que esse aumento também ia fazer com que eles buscassem produzir mais, mas essa foi uma das coisas que deu errado. Porque muitos agricultores começaram a se aproveitar dos outros para realizar as trocas de produtos (AGRICULTOR A, 2019).

O agricultor A considera esse fato a principal dificuldade enfrentada nas relações, pois ter que incentivar agricultores a produzirem ao invés de se aproveitar do outro marca o início do fim das relações de reciprocidade entre os agricultores. Contudo, esse comportamento não se estendia a todos os membros, conforme a seguinte fala, alguns agricultores consideravam que para funcionar um sistema como a CSA, a união deveria imperar nas relações:

Eu entendo que o grupo tinha que ser coletivo, um ajudando o outro, um colaborando com o outro para que as coisas funcionem direito. Nada de passar a perna no outro, isso não funciona, no primeiro vacilo do grupo você perde a confiança. Por isso eu acho que faltava união, as pessoas pensavam apenas no próprio umbigo e isso não funciona (AGRICULTORA E, 2019).

A agricultora traz em sua fala que os deslizos do grupo resultaram na desconfiança, e com esse elemento não há como fazer com que um sistema como a CSA funcione. Além disso, outros fatos ocorridos na CSA contribuíram para gerar mais desconfiança e desentendimento, como a entrada de novos coprodutores. Na CSA Cesta em Domicílio, os coprodutores eram distribuídos entre os agricultores a partir de

sorteios, que com o passar do tempo pararam de acontecer, mas novos membros sempre eram integrados ao grupo.

Assim, alguns agricultores começaram a desconfiar, pois nos dias de organização para a entrega das cestas, identificavam que havia agricultores que entregavam um número muito grande de cestas em comparação com os demais, conforme as seguintes falas:

Eu não confiava no grupo porque já teve vez que eu passei contato de cliente pra ser sorteado no grupo e o sorteio não aconteceu e eu sei que tem agricultores aqui que pegavam os clientes tudo pra eles (AGRICULTOR K, 2019).

A gente confiava desconfiando, porque eu fiquei entregando só 01 cesta durante o tempo que tinha o grupo e enquanto isso tinha outros agricultores ai que entregavam 07, 08 e até mais cestas. Então dava pra desconfiar disso (AGRICULTOR J, 2019).

A gente não tinha brigas, o que aconteceu aqui era as pessoas pegando as cestas só pra elas. E isso é grupo? Não, isso é pensar em si mesmo, um grupo não pode quebrar a corrente de um ajudar o outro e foi isso que aconteceu aqui (AGRICULTORA E, 2019).

Segundo as falas acima, a confiança no grupo foi quebrada quando os agricultores começaram a buscar vantagens individuais na CSA. Conforme afirma Powell (2008), o que sustenta as relações econômicas em sistemas não hierárquicos e não convencionais é a confiança mútua. Portanto, como exemplo, tem-se a CSA Cesta em Domicílio que ao quebrar o elo de confiança entre os agricultores culminou na sua ruptura. Além disso, o sentimento de pertencimento ao grupo também foi um elemento construído no início da CSA, mas que se perdeu em meio aos acontecimentos individualistas, conforme a seguinte fala:

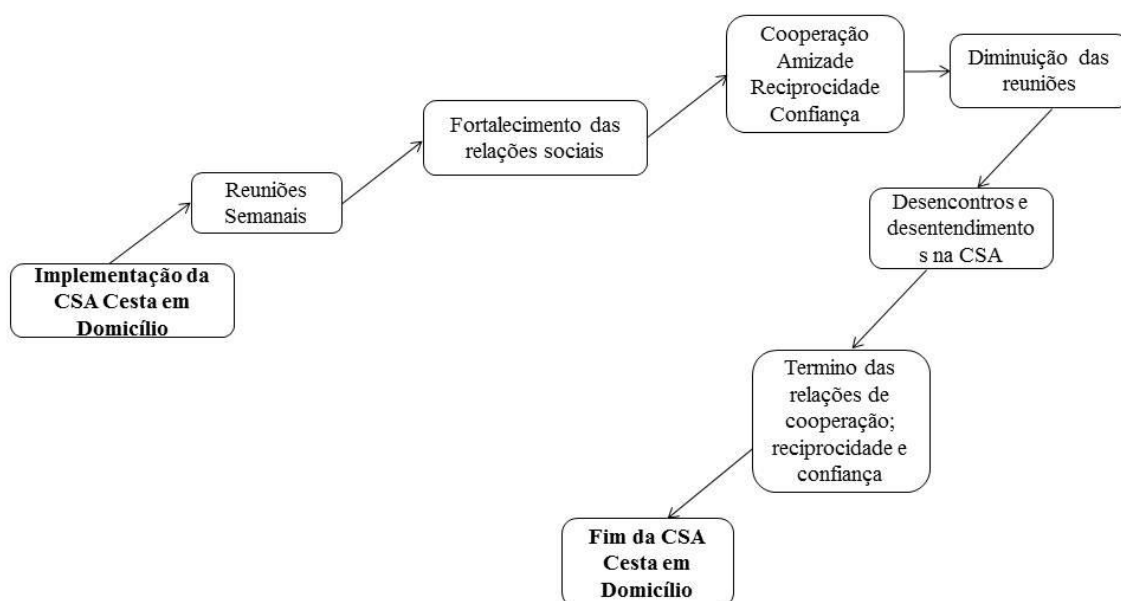
No início as pessoas se sentiam pertencentes ao grupo, mas com o passar do tempo esse sentimento foi mudando e eu acredito que seja porque com o tempo as coisas vão se desgastando, por isso é importante que seja trocada a liderança, pra ir renovando as coisas. Mas, quando fizemos isso ninguém mais quis estar à frente, só queria escorar em mim e no outro agricultor que tomou a frente e depois de nós ninguém mais quis (AGRICULTOR A, 2019).

Eu sentia que as pessoas estavam preocupadas com elas mesmas e no próprio umbigo. Eu sentia que a relação era só na base da desconfiança e ninguém tinha compromisso em ajudar o grupo, de todos fazer parte do mesmo grupo. O compromisso era com a cesta pra entregar e receber o dinheiro, mas o compromisso com o grupo em ajudar a ir pra frente às pessoas não tinham (AGRICULTORA E, 2019).

Nesse contexto, durante o tempo em que a CSA Cesta em Domicílio permaneceu ativa, os agricultores enfrentaram diferentes momentos nos quais a maneira como se relacionaram foi um fator determinante para o seu fim. As relações sociais que haviam constituído no início da implementação da CSA foram se perdendo ao longo do tempo e os desentendimentos tomaram conta das relações, ao passo que os agricultores optaram por desfazer a CSA que haviam constituído.

Dessa forma, a figura 20 foi construída com o objetivo de traçar um percurso que sintetize desde o processo de implementação da CSA até o seu término, tendo as relações sociais entre os agricultores como foco. Ressalta-se que os acontecimentos para tal fato não ocorreram de forma linear, foram inúmeras divergências e conflitos que resultaram no fim da CSA.

Figura 20: As relações sociais durante o caminho de ascensão e declínio da CSA Cesta em Domicílio



Fonte: Elaboração própria, 2020

Conforme se pode verificar na figura 20, o auge da CSA é representado pelas setas em ascensão, nelas tem-se o início da CSA com as reuniões semanais que contribuíram para o fortalecimento das relações sociais, principalmente as relações de cooperação, amizade, reciprocidade e confiança.

Com a diminuição das reuniões<sup>25</sup> tem-se uma estagnação no processo de interação entre os membros, que passaram a se reunir a cada 15 dias. Com isso, verifica-se que as setas entram em declínio representando o processo que os agricultores vivenciaram, pois somado à falta de envolvimento com a CSA tiveram desencontros e desentendimentos nos processos de trocas de produtos para compor as cestas, sorteio de novos clientes, entre outros fatores que culminaram no fim das relações de confiança, reciprocidade e cooperação, sendo esse o fim da CSA.

Nesse sentido, a experiência da CSA Cesta em Domicílio evidencia que as relações sociais que são constituídas entre os membros podem representar um dos fatores de maior importância no sistema, pois a manutenção dessas relações é o que contribui para que os membros se envolvam, participem e cooperem para o funcionamento da CSA.

## **8 A COMUNIDADE NO CONTEXTO DAS CSAS**

Nesse capítulo a CSA será analisada pela ótica da comunidade. Essa palavra está fincada em sua nomenclatura (Comunidade que Sustenta a Agricultura), como um elemento de grande importância para a existência do sistema. Contudo, após uma investigação na literatura conclui-se que a CSA não possui uma definição sobre o que considera ser uma comunidade. Ao invés disso, apresenta elementos que apontam o caminho no qual a CSA reconhece a comunidade.

A ideia de comunidade que a CSA busca constituir vai além da sua nomenclatura e não se refere ao contexto espacial (geográfico), a comunidade refere-se aos processos de interações sociais entre agricultores e coprodutores que devem ser pautados em relações de confiança, de reciprocidade, de solidariedade, de amizade e de sentimento de pertencimento (LAMB, 1994; HENDERSON; VAN EM, 2007). Dessa forma, em um livreto divulgado na Europa para a disseminação da CSA consta um capítulo que aponta 04 elementos que a CSA precisa possuir para constituir uma comunidade. Sendo eles:

- i) Comunicação entre os membros;
- ii) Reuniões de planejamento;

---

<sup>25</sup>A diminuição das reuniões não foi o único motivo que levou a CSA ao fim, há vários outros aspectos que podem ter contribuído para isso. Contudo, utilizou-se aqui esse ponto como um dos principais fatores, pois ele contribuiu para a diminuição da interação entre os agricultores, o que designou vários outros desencontros e desentendimentos.

- iii) Trabalho voluntário;
- iv) Realização de eventos e confraternizações.

Esses elementos são considerados essenciais para que a CSA se constitua como uma comunidade, pois eles contribuem para a interação e envolvimento com o sistema e entre os membros (PERÉNYI et al, 2016). No entanto, não basta identificar se o sistema possui os elementos necessários para ser considerada uma comunidade, há que se investigar os tipos de interações que ocorrem. Portanto, para identificar a comunidade através das interações sociais entre os membros das CSAs em análise será utilizado o conceito de sociação do autor Georg Simmel com o objetivo de identificar os tipos de sociação, conforme apresentado na fundamentação teórica (SIMMEL, 2006).

### **8.1 A comunidade no contexto da CSA Nossa Horta**

Analisar a CSA Nossa Horta pela ótica da comunidade significa compreender como os seus membros identificam essa categoria, se há o sentimento de pertencimento junto a um senso de comunidade e qual é o tipo de interação que desenvolvem. Assim, no primeiro contato com a CSA Nossa Horta na assembleia realizada no dia 21 de setembro de 2019, identificou-se que a principal pauta a ser debatida estava em consonância com os objetivos da presente pesquisa.

A discussão entre o núcleo gestor, os coprodutores e o agricultor presente na assembleia estava relacionada sobre como fazer com que os membros da CSA compreendam o que significa esse sistema no contexto econômico, político e social em que estão inseridos. Assim, o agricultor expressou-se através da seguinte fala:

Porque eu faço parte da CSA e não compro no sacolão? O que está por trás disso? A CSA tem que estar abastecendo isso, abastecendo as informações sobre como funciona. As pessoas às vezes não ligam, mas o momento que a gente está vivendo é de crise ambiental, crise política, tudo isso. E o que isso tem haver com a CSA? Às vezes as pessoas não ligam uma coisa com a outra (AGRICULTOR A, 2019).

Para o agricultor, abastecer as informações significa apresentar para os membros da CSA o que é esse sistema, a sua importância e relevância no cenário em que estão inseridos. Durante a assembleia o núcleo gestor disse enfrentar situações em que coprodutores dizem que não querem mais participar da CSA porque simplesmente não

querem. Utiliza-se muito o argumento de que “não vou mais cozinhar em casa e por isso vou sair”, porém durante a assembleia o grupo disse acreditar que essa argumentação só é utilizada por um membro que não entendeu o que significa participar de um sistema como a CSA, conforme a seguinte fala:

A CSA é uma peneira e vai ficando nessa peneira aquelas pessoas que se organizam para comer os produtos, cozinham em casa, mas não só cozinham e querem comer orgânico como também entenderam a proposta da CSA e é isso que temos que trabalhar. Nós estamos trabalhando aqui com um conceito de consumo que é uma revolução econômica, ambiental, política e para quem faz parte disso a pessoa não consegue mais comprar no sacolão porque ela se sente mal de estar financiando aquilo ali. Nós precisamos “vender” o valor da CSA, as pessoas precisam entender a ideia dela. Nós temos hoje pessoas que estão mais perto disso e outras que ainda não entenderam isso e a gente precisa fazer com que elas entendam (AGRICULTOR A, 2019).

Conforme a fala do agricultor, fazer parte da CSA está diretamente relacionado ao fato de compreender o que esse sistema significa e para que isso ocorra o grupo precisa se organizar em torno da ideia de integrar os membros junto aos pressupostos da CSA. Dessa maneira, o agricultor A fez a seguinte pergunta na assembleia: “Nós somos uma comunidade?”. Ao trazer o âmbito da discussão para o contexto da comunidade os participantes da assembleia passaram a discorrer sobre a importância da sua constituição entre os membros da CSA.

Nesse sentido, um importante elemento para constituir uma comunidade refere-se ao senso de comunidade constituído pelo grupo. Conforme afirmam McMillan e Chavis (1986), o sentimento de pertencimento e de importância para com os membros do grupo é o que define o senso de comunidade, que pode ser identificado através da participação nas atividades da CSA, da influência exercida no grupo e da integração e na conexão emocional compartilhada entre os membros.

Dessa maneira, na reunião realizada no dia 24 de setembro de 2019 os membros do núcleo gestor retomam a discussão sobre como constituir uma comunidade. Para tanto, questionam-se sobre quais ações poderiam ser desenvolvidas pelo grupo, conforme a fala da coprodutora D: “Qual a forma de atingir os coprodutores? fazer com que eles participem das reuniões, assembleias, gestão e ações da CSA?”. A alternativa pensada durante a reunião foi de desenvolver algo que possa informar os membros periodicamente sobre o que é a CSA e quais são os seus pressupostos.

O grupo optou por implementar um folheto informativo da CSA que será divulgado nos canais virtuais (e-mail e WhatsApp) e presenciais (entregue junto a

cesta). O núcleo gestor espera que essa ferramenta possa ser uma ponte que leve informação sobre o que é a CSA e o que se passa nesse sistema até os coprodutores, mesmo aqueles que estão mais distantes.

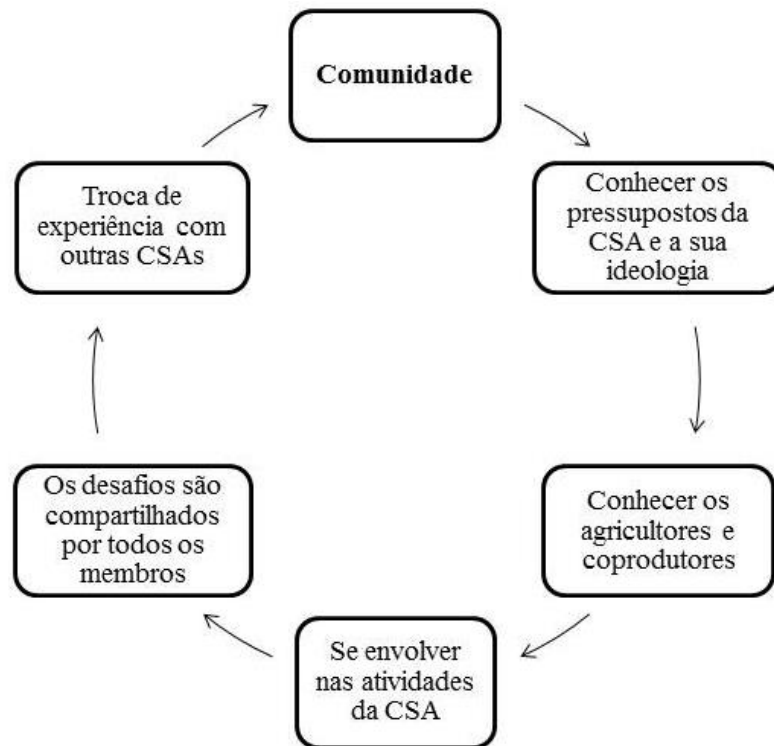
Nesse contexto, é possível inferir que a integração dos membros na CSA é o elemento chave para que haja o envolvimento e comprometimento em prol do grupo, o que pode contribuir para solucionar um problema integrador da CSA – a rotatividade dos coprodutores, conforme a seguinte fala:

O que eu estava falando é justamente sobre a importância das pessoas que estão na CSA compreenderem o que é o grupo, porque tem muitas pessoas saindo. No ano passado cada agricultor chegou a entregar 44 cestas por semana e hoje estamos entregando 27 e 28. Ai caiu bastante e agora que estamos voltando a aumentar (AGRICULTOR A, 2019).

O fato evidenciado pelo agricultor A, exemplifica que a falta de coesão no grupo pode contribuir para que os seus membros não se sintam pertencentes e responsáveis pelos demais participantes (agricultores e coprodutores), o que resulta na quebra do “contrato” simbólico firmado com a CSA. Portanto, conforme aponta Lamb (1994), a constituição da comunidade é o fator chave para garantir que a CSA se sobressaia frente aos seus desafios, pois ao sentir-se pertencente ao grupo os seus membros tendem a se envolver nos assuntos da CSA.

Durante as entrevistas presenciais os agricultores e coprodutores foram questionados se sentem o vínculo comunitário na CSA Nossa Horta. A partir das respostas obtidas propõe-se um percurso, conforme a figura 21, que indica os caminhos que os membros podem percorrer dentro da CSA para que consigam se integrar ao grupo, sintirem-se pertencentes e promover alternativas de melhorias em seu funcionamento.

Figura 21: caminhos para a integração dos membros e melhorias no funcionamento da CSA



Fonte: Elaboração Própria, 2020

Conforme aponta as respostas obtidas, o primeiro passo refere-se ao acesso a informações sobre o que de fato significa a CSA e quais são os seus pressupostos, a partir da seguinte fala:

Eu acho que a questão da conscientização das pessoas sobre a CSA que falamos também na assembleia, ela está ligada com a questão da comunidade, mas acho que também está ligado com a importância das pessoas entenderem o que é a CSA, acho que isso é um desafio – gerar a conscientização da importância da CSA e o que ela significa (COPRODUTORA D, 2019).

A partir da fala da coprodutora, acredita-se que o acesso a esse conhecimento poderá contribuir para que os membros se identifiquem com o sistema e criem laços com a sua ideologia, pois compreender o significado da CSA em suas vidas contribuirá para a constituição do sentimento de pertencimento (KOURY, 2010). Dessa maneira, além do conhecimento sobre a CSA é necessário conhecer quem são os seus membros, pois outro aspecto que contribui para a conexão com o sistema se dá a partir do fortalecimento das relações sociais entre os seus membros, conforme as seguintes falas:

Eu não sinto que faço parte de uma comunidade. O que sinto aqui no grupo é uma relação de vir buscar o alimento no sábado, consumir e no próximo sábado vem buscar de novo. É uma relação de vem buscar, consome e vem buscar. Mas, eu acho que quem faz parte de um grupo como esse quer mais.

Quer saber quem está produzindo, como é a produção, se tem cuidado com a natureza (COPRODUTORA H, 2019).

Eu me sinto em uma comunidade apenas com o pessoal com quem eu tenho mais interação que são as pessoas da gestão. Eu acho que o sentimento de comunidade possa existir por parte de alguns coprodutores, mas não é a maioria não. Até pelas pessoas da CSA não se conhecerem muito, eu acho que falta um pouco essa interação. Eu tenho para mim que nem todos têm essa concepção da CSA ser uma comunidade, e o que eu acho são achismos, mas eu acho que tem muita gente que estabelece uma relação apenas comercial, uma forma de obter o alimento orgânico (COPRODUTORA C, 2019).

Conforme as coprodutoras apontam, ao fazer parte da CSA os membros precisam ir além do consumo de alimentos – é preciso conhecer quem são os agricultores, como eles produzem, em quais condições de trabalho estão submetidos, conhecer a fazenda de produção e quem são os demais coprodutores. Isso promove o capital social do grupo e conforme afirma Putnam (1996), esse é um elemento essencial para a construção da ação coletiva.

É preciso haver o envolvimento e integração com o grupo e com os seus membros, pois é essa interação que fortalece as relações sociais e desenvolve as “obrigações” simbólicas (confiança, fraternidade, reciprocidade, pertencimento). Neste sentido, outro aspecto que contribui nesse fato é o envolvimento nas atividades da CSA, conforme a seguinte fala:

Eu acho que em partes as pessoas percebem que fazem parte de um grupo, mas talvez nem todo mundo perceba o objetivo desse grupo que é o principal. A gente fala que a maioria das pessoas entram para o grupo com o objetivo único em consumir produtos orgânicos e a medida em que ela vai participando elas vão percebendo outros objetivos que estão por trás de fazer parte da CSA e consumir o orgânico que é a questão ambiental e a questão social. Eu acho que o auge da consciência do coprodutor é quando ele faz parte realmente de uma comunidade e quando ele entende a questão social de fazer parte de uma comunidade que ele tá apoiando um grupo de famílias rurais em que ele está promovendo a geração de renda, a sustentabilidade no meio rural e toda essa questão social. Tudo isso vai além do consumir orgânico pensando na própria saúde é pensar no todo – na comunidade (AGRICULTOR A, 2019).

Um aspecto importante para integração dos membros refere-se à participação nas atividades da CSA, pois desenvolver um aprofundamento prático com o sistema contribui para que os membros enxerguem a CSA por diversas perspectivas. Conforme visto no capítulo das representações sociais na CSA Nossa Horta, os membros que representam o sistema como “um grupo de comercialização e consumo diferenciados” são aqueles que se envolvem apenas de forma instrumental com a CSA, ao passo que os

membros que a representam como uma “Comunidade” são aqueles que participam da gestão e/ou das atividades do grupo. Portanto, o exemplo empírico da CSA Nossa Horta evidencia a importância do envolvimento nas atividades do grupo.

Por conseguinte, o compartilhamento dos limites e desafios enfrentados pelo grupo é um aspecto importante para que os membros se sintam pertencentes a CSA. Dessa maneira, o fato evidenciado pela coprodutora mostra que o apoio na CSA Nossa Horta não é apenas na direção coprodutor-agricultor, mas ele ocorre também entre os agricultores. A partir do seguinte relato:

É importante a gente vê a questão da comunidade, porque a gente vê que entre os produtores também existe essa relação de comunidade e preocupação com o outro e esse apoio tem garantido que o agricultor B continue entregando os produtos. Essa comunidade não é apenas entre os coprodutores, mas é também com os agricultores e isso é uma coisa muito boa, a união e apoio de todo o grupo (COPRODUTORA C, 2019).

Conforme relatado pela coprodutora, o agricultor B enfrentou um problema de uma praga que se desenvolveu na sua produção e resultou em perda total. Para não deixar de entregar as cestas, os demais agricultores da CSA passaram a fornecer os produtos para o agricultor B a baixos preços, conforme a fala do agricultor:

Nessa questão a CSA está me ajudando até hoje. O outro agricultor da CSA me passa os produtos mais baratos para eu entregar e receber também. Se ele não tivesse fazendo isso eu teria saído, foi uma solução muito boa pra eu conseguir continuar (AGRICULTOR B, 2019).

Ressalta-se que o agricultor B também recebeu apoio da CSA através do auxílio técnico do agrônomo do grupo, além disso, nos primeiros meses do ataque da praga os coprodutores receberam as cestas faltando alguns produtos. Porém, esse problema foi enfrentado por todos os membros da CSA Nossa Horta de forma coletiva. Quanto ao último aspecto identificado nas entrevistas, refere-se à troca de experiências com outras CSAs, pois isso pode contribuir para agregar novas estratégias frente aos desafios, conforme a seguinte fala:

[...] também seria bom ter o contato com outras CSAs para fazer uma troca de ideia e saber como funciona. Então é uma coisa que estamos fazendo e vendo no que vai dá porque não tem outras CSAs pra gente conversar e trocar ideia do que tá funcionando com eles (COPRODUTORA D, 2019).

O contato com outras CSAs possibilitaria saber de antemão quais ações estão sendo implementadas para promover a interação entre os membros e a eficácia de seus resultados. Por fim, ao findar o percurso apresentado pela figura 21 pode-se inferir que as suas etapas são interdependentes e formam um ciclo que pode resultar na constituição de uma comunidade que possua a integração de todos os membros da CSA. Além disso, apesar do caminho proposto fazer parte do processo de vivência da CSA Nossa Horta, é possível aplicá-lo a outras CSAs.

Nesse contexto, as entrevistas elucidaram que os membros da CSA Nossa Horta conhecem o caminho rumo à integração do grupo, contudo acredita-se que devido à falta de convívio entre o grupo essas informações não circulam e suas etapas não ocorrem de forma homogênea, pois há membros que se enxergam parte da CSA, ao passo que outros não se veem nessa posição. Compreender as interações que permeiam as relações sociais é um percurso em direção à compreensão da comunidade.

Nesse sentido, o conceito de sociação de Simmel (2006) ganha forma, visto que ele é utilizado para apontar as maneiras pelas quais os sujeitos se relacionam. O autor evidencia em seus estudos que as interações sociais podem designar tipos diferentes de sociação, como: relações conflitivas, relação de interesse mútuo, relação de subordinação, relação de segredo, círculos sociais, individualidade, entre outros. Os tipos de sociação identificados por Simmel são um exemplo da diversidade de interações na qual os sujeitos podem se relacionar, contudo há outros tipos de sociação que ainda podem ser identificados.

Dessa maneira, tem-se como exemplo o antropólogo John Comerford que parte de uma perspectiva Simmeliana e cria o conceito de sociabilidade agonística para descrever as famílias dos sindicatos rurais da Zona da Mata Mineira, sendo que a sociabilidade pode ser compreendida como a maneira em que os tipos de sociação ocorrem, atentando para os seus detalhes e suas nuances. Diante disso, John Comerford acompanhou os sujeitos de sua pesquisa nas suas relações cotidianas e obteve como descoberta uma sociabilidade e um controle da mobilidade, a partir da estrutura parental (COMERFORD, 2003).

No que concerne a CSA Nossa Horta foi possível identificar três tipos de sociação, sendo elas:

- i) Relação de reciprocidade
- ii) Relação instrumental
- iii) Relação de Individualidade

Os três tipos de sociação foram identificados a partir de elementos presentes nas entrevistas e nas observações realizadas nos espaços de entrega das cestas e no evento Mãos à Horta. Para melhor organização desses resultados, os tópicos seguintes foram segregados conforme cada sociação. Ressalta-se que não houve o esgotamento de todos os tipos de sociação presentes junto ao objeto de estudo, já que o foco esteve nas sociações que estão em consonância com os objetivos desta pesquisa.

### **8.1.1 Relação de Reciprocidade**

A relação de reciprocidade é identificada a partir de elementos que convergem para a constituição de ações sociais, que contradizem a troca mercantil e se aproximam da concepção de dádiva cunhada na antropologia econômica de Mauss. Portanto, o início dos ciclos da dádiva é constituído pela reciprocidade na tríplice obrigação – dar, receber e retribuir (SABOURIN, 2011).

A norma da reciprocidade parte de uma preocupação com o outro, o que corrobora para constituir valores afetivos e éticos como a confiança, a amizade, a solidariedade, a compreensão mútua, entre outros. Assim, nas ações de reciprocidade ou dádiva não há o anseio imediato pelo retorno, mas sim em manter a sociabilidade – o foco está nas relações que são constituídas (SABOURIN, 2008).

A partir dessa concepção, foram identificados elementos nas relações entre os membros da CSA Nossa Horta que convergem para a reciprocidade. O primeiro elemento observado refere-se à participação dos coprodutores no núcleo gestor e como colaboradores. A cada ano um processo voluntário capta membros da CSA para comporem o grupo do núcleo gestor que fica a cargo da administração e execução dos procedimentos financeiros, operacionais e sociais da CSA.

Com a troca anual dos componentes do núcleo gestor, torna-se possível que todos os participantes da CSA tenham acesso, de forma voluntária, a um cargo que gera responsabilidades para com o sistema, aprofundamentos quanto aos seus princípios e pressupostos que converge para uma maior coesão com o grupo. Em conformidade, foi identificado nessa pesquisa que os atuais membros da gestão representam a CSA como uma “comunidade”, constituem uma rede social com influências sobre o grupo e se relacionam com base na confiança, na amizade, na solidariedade e na cooperação.

Dessa maneira, Sabourin (2011) afirma que a gestão dos recursos comuns se ampara em uma estrutura de reciprocidade específica, o compartilhamento, no qual (re) produz um sentimento de pertencimento, de comunidade e de confiança. Portanto, outro elemento de reciprocidade foi identificado na CSA Nossa Horta – o compartilhamento das tarefas operacionais e das tomadas de decisões.

As atividades do núcleo gestor são divididas entre os seus 05 componentes que compartilham entre si os processos administrativos. As reuniões e assembleias são realizadas regularmente e todas as demandas são discutidas e decididas de forma coletiva, prezando pelo bem comum do grupo. Mas, se o membro não participar de nenhum desses espaços, ainda assim há a oportunidade de compartilhar as tarefas do grupo, pois conforme a seguinte fala, todos colaboram de alguma forma:

Aqui todo mundo tem no mínimo uma tarefinha. Eu venho buscar o meu produto e depois de colocar na minha sacola eu tenho que levar o caixote para a outra sala, todo mundo faz alguma coisa, nem que seja pequena. Todos participam de alguma forma, todos fazem alguma coisa pelo grupo além de pagar a cesta – não é um comércio comum (COPRODUTORA F, 2019).

Conforme afirma a coprodutora, a CSA não é um comércio comum, pois esse sistema busca se contrapor a lógica mercantilista. Ao invés de instrumentalizar as relações, a CSA busca promover através de sua estrutura de funcionamento as relações de reciprocidade entre todos os membros do grupo. Dessa forma, há um evento na CSA denominado de Mãos à Horta, no qual as atividades promovidas nesse espaço se alocam como mais um elemento do trabalho voluntário.

O evento Mãos à Horta é realizado mensalmente na fazenda do agricultor, no turno da manhã. O objetivo é apresentar a realidade de trabalho do agricultor e promover a interação entre os membros. O evento inicia com um café da manhã, no qual todos os participantes contribuem em uma mesa de partilha. Após esse momento é realizada uma roda de conversa, em que o agricultor fala sobre o seu trabalho e sua família, sendo que os demais presentes possuem total liberdade para fazer perguntas e expor opiniões.

Ao fim da conversa os membros seguem para a área de produção, com o objetivo de conhecer e contribuir através de um trabalho voluntário, em que geralmente são realizadas atividades de plantio, limpeza da área e retirada de plantas invasoras. Neste espaço, os participantes do evento têm a oportunidade de vivenciar, em partes, a

rotina de trabalho do agricultor e ter o contato com a terra, sendo que essa interação promove a constituição de valores afetivos como a amizade, a solidariedade e o sentimento de pertencimento.

Neste sentido, foi possível evidenciar a relação de reciprocidade através da estrutura de funcionamento da CSA que possibilitou as interações entre os membros. Contudo, ressalta-se que ela não permeia todas as relações, conforme será evidenciado nos próximos tópicos.

### **8.1.2 Relação instrumental**

A relação instrumental foi identificada na CSA Nossa Horta como uma das formas de socição entre alguns de seus membros. Apesar do formato de funcionamento da CSA buscar promover a integração dos consumidores como coprodutores que não só financiam a produção, mas constroem um relacionamento de amizade, reciprocidade, confiança e conscientização ambiental, a realidade da CSA Nossa Horta evidencia que outros formatos de socialização podem vir a existir, relativizando a proposta de comunidade que a CSA objetiva constituir.

Conforme apresentado em capítulos anteriores, há coprodutores que representam a CSA Nossa Horta como um “grupo de comercialização e consumo diferenciados” e se relacionam de forma superficial com o sistema, pois não participam das reuniões, das assembleias e nem do evento Mãos à Horta. Em falas já apresentadas, os coprodutores evidenciam uma relação apenas no âmbito da compra de produtos orgânicos, por meio de um formato de mercado que consideram ser distinto do convencional.

Quanto às relações sociais com os demais membros da CSA, elas são conectadas por uma linha tênue – a participação com o restrito objetivo de consumir um produto diferenciado. Neste sentido, a relação instrumental refere-se a essa maneira superficial que o membro assume dentro da CSA, como se pode verificar na seguinte fala:

Não conheço muitas pessoas, tem algumas que eu vou descobrindo que fazem parte quando a gente se encontra causalmente aqui no recebimento da cesta. Então eu já descobri umas 3 pessoas que são conhecidas de outros locais que eu encontro aqui. Mas eu não tenho uma relação direta com ninguém aqui da CSA e nunca participei de assembleia, meu engajamento é através do consumo mesmo (COPRODUTORA H, 2019).

A coprodutora identifica a sua participação através da busca semanal das cestas e o seu pagamento mensal. Essa forma de se relacionar é uma opção que não pode ser considerada como errada, pois é apenas a maneira como o consumidor optou por se associar com o sistema. Contudo, essa realidade pode vir a ser transformada com a integração desse consumidor como um coprodutor, mas caso isso não ocorra a sua participação permanecerá instrumental.

É relevante considerar que a CSA não é um sistema de conversão de princípios e valores de como se relacionar com os agricultores e coprodutores. Na realidade, o seu formato de funcionamento oferece a opção de novas relações, mas isso pode não ser aderido por todos os membros, pois o que a CSA Nossa Horta evidencia é que os seus membros podem assumir formas distintas de se relacionar e que elas podem coexistir dentro do sistema.

A exemplo, a rotatividade dos consumidores é considerada pela literatura como um desafio integrador das CSAs, que ocorre na maioria dos casos, devido a não integração dos membros ao grupo. Porém, foi possível identificar na CSA Nossa Horta que a rotatividade dos consumidores não ocorre apenas pelo fato dos membros não se integrarem ao sistema, pois a CSA Nossa Horta possui membros que fazem parte do grupo há mais de 02 anos, sem de fato terem se integrado como coprodutores de forma ativa nas atividades. Portanto, a relação instrumental assumida por alguns coprodutores é uma forma de sociação que estes encontraram para participar da CSA e se integrarem ao sistema.

### **8.1.3 Relação de individualização**

Ao realizar um estudo sobre a vida na metrópole, Simmel (1987) propõe investigar o significado da vida moderna, as suas especificidades e implicações para os sujeitos expostos a essa realidade. A metrópole é caracterizada pelo autor como um ambiente regido por uma intensidade de acontecimentos que não propiciam tempo para que haja um aprofundamento das relações, dos sentimentos e dos pensamentos (SIMMEL, 1987).

Simmel (1987) identifica que nas grandes cidades ocorre uma intensificação da vida nervosa, isso porque com a modernidade e a hegemonia da economia do dinheiro, o sujeito é impulsionado a uma vida urbana que propicia uma infinidade de estímulos e

acontecimentos. Além disso, as trocas passam a ser realizadas à base de dinheiro e as relações tornaram-se impessoais e calculistas.

Nesse contexto, com a vida sempre em movimento na grande metrópole, o sujeito pode assumir uma relação de individualização, no qual opta por se resguardar das interações em sociedade e se apropria de uma relação individualizada. Porém, Simmel (1964) identifica que mesmo nessa circunstância há um traço de sociedade, pois o isolamento pode ser considerado como uma forma de relação social.

No que concerne a experiência da CSA Nossa Horta foi possível identificar junto aos membros do núcleo gestor, que existe um grupo de coprodutores que fazem parte da CSA, mas que assumiram uma relação de distanciamento com o sistema. Isso se deve ao fato desses coprodutores não participarem das reuniões, das assembleias e nem do evento Mãos à Horta. A única oportunidade que teriam para o contato e a interação com os demais membros da CSA seria através da busca semanal das cestas, porém isso não ocorre porque esse grupo optou por recebê-la em domicílio.

Acredita-se que esses coprodutores assumiram uma relação de individualização, conforme a perspectiva Simmeliana. Não se pode dizer que esses membros não possuem uma relação social dentro da CSA, mas a individualização seria exatamente o tipo de relação que optaram por constituir, tendo em vista que não participam de nenhuma atividade da CSA e recebem a cesta a domicílio.

Portanto, a relação de individualização assumida por esse grupo de coprodutores, não os descaracteriza como membros da CSA que não se relacionam no sistema. Pelo contrário, a relação de individualização é parte das interações sociais que ocorrem no sistema, é apenas a maneira como alguns coprodutores decidiram se relacionar na CSA Nossa Horta.

## **8.2 A comunidade no contexto da CSA Cesta em Domicílio**

Para analisar a comunidade no contexto da CSA Cesta em Domicílio, os agricultores fizeram um exercício de relembrar o período em que vivenciaram essa experiência. O objetivo era que eles buscassem identificar se durante o tempo participaram da CSA sentiram-se pertencentes a uma comunidade. Dentre as respostas obtidas é possível identificar que os agricultores passaram por dois momentos distintos.

O primeiro deles ocorreu a partir da constituição da CSA, pois durante um período<sup>26</sup> os agricultores puderam experimentar o ápice da união, da reciprocidade e da cooperação entre eles, conforme as seguintes falas: “Eu sentia que fazia parte de uma comunidade, que a gente se envolvia um com o outro e isso principalmente nas trocas dos produtos” (AGRICULTOR J, 2019).

No começo todo os agricultores iam nas reuniões. Tem o exemplo da agricultora L, ela fica ali na quadra dela quietinha, não conversa com ninguém. Mas na reunião ela ia, conversava, se abria, conversava com todo mundo. Teve uma união muito bonita entre os mais velhos da horta com os mais novos, mesmo que por pouco tempo, mas teve isso e foi muito bom (AGRICULTOR B, 2019).

Conforme relatado pelos agricultores, o senso de comunidade se constituía e se fortalecia à medida que os agricultores participavam das reuniões, pois como esse espaço se caracterizava como um momento de interação e convívio, os agricultores compartilhavam experiências e fortaleciam os laços sociais. Contudo, esse sentimento não era comum a todos, segundo a afirmação do agricultor H: “Eu sentia que as pessoas eram muito individuais, eu tive o abraço de alguns, mas também senti o chute de outros. Então esse sentimento de comunidade eu não via em todo mundo” (AGRICULTOR H, 2019).

As entrevistas evidenciaram que os agricultores estavam imersos em distintas maneiras de se relacionar. Assim, com o passar do tempo tem-se o segundo momento vivido pelos agricultores e que se refere às mudanças sofridas na CSA, como a diminuição das reuniões e a intensificação das trocas de produtos para compor as cestas, sendo que esses elementos vieram acompanhados de novas maneiras de se relacionar.

Nesse sentido, partindo da perspectiva Simmeliana, o conceito de sociação será utilizado para compreender os tipos de interações vivenciadas pelos agricultores, sendo que na CSA Cesta em Domicílio foi possível identificar os seguintes tipos de sociação:

- i) Relação de reciprocidade
- ii) Relação instrumental

---

<sup>26</sup> Os agricultores não souberam apontar uma data específica sobre quando ocorreram as mudanças na forma de se relacionarem. O que se sabe é que o primeiro momento se inicia com a implementação da CSA e permanece por um período de tempo, até que se inicie o segundo momento e que vai até o fim da CSA.

Ressalta-se que os tipos de sociação apresentados foram identificados a partir de elementos presentes nas entrevistas. Para melhor organização desses resultados, os tópicos seguintes foram segregados conforme cada sociação. Porém, não houve o esgotamento de todos os tipos de sociação da CSA Cesta em Domicílio, manteve-se o foco nas que estão em consonância com os objetivos dessa pesquisa.

### **8.2.1 Relação de reciprocidade**

A reciprocidade é um elemento central para a construção e manutenção de uma organização coletiva e no manejo dos recursos comuns. Ambientes que apresentam estruturas de reciprocidade geram valores afetivos materiais e imateriais, como conhecimentos e acesso a informações (SABOURIN, 2011). Em ambientes coletivos e compartilhados a ajuda mútua, o diálogo e a dedicação junto às atividades de gestão são essenciais para a sobrevivência da organização.

Segundo Mauss (2001), a reciprocidade é um elemento central no circuito da dádiva, pois bens doados possuem uma importância simbólica e representam muito mais do que seu valor econômico. É a aceitação e retribuição (contradávica) que garante o fortalecimento dos vínculos entre os indivíduos. Dessa maneira, Sabourin (2010) afirma que a reciprocidade tem como principais valores éticos a confiança e a reputação, e esses elementos são responsáveis pelo reconhecimento público dos valores e da identificação com o outro.

Portanto, no que compete à experiência da CSA Cesta em Domicílio foi possível identificar durante as entrevistas alguns elementos que convergem para uma interação baseada em uma relação de reciprocidade. Durante o período de implementação da CSA e nos meses iniciais das entregas das cestas, os agricultores descreveram um comportamento exercido pelo grupo que para eles, naquele momento, era uma novidade, pois nunca haviam vivenciado tamanha coesão como na implementação da CSA.

Os agricultores passaram a participar semanalmente das reuniões que duravam em torno de 02 horas. Todos os agricultores expressavam ideias e opiniões para o formato da CSA, além disso, concordaram em eleger um grupo gestor para administrar o sistema, porém com o apoio de todos, pois foi acordado que o grupo iria fazer uma escala semanal para que todos colaborassem no preparo e organização das cestas e no acompanhamento das entregas.

Segundo os agricultores, por um determinado período eles puderam vivenciar a união, a ajuda mútua, a confiança e o respeito, pois o envolvimento e colaboração de todos na implementação e consolidação da CSA contribuiu para isso, conforme a seguinte fala: “No início eu achava que o grupo era mais unido, todos ajudavam e tinha o apoio de todo mundo, acho também que por causa da organização que tinha e isso era uma coisa boa” (AGRICULTOR A).

Nesse sentido, a implementação da CSA e os processos realizados para tal levaram os agricultores a uma interação de reciprocidade. Conforme afirma Mauss (2001), a ajuda mútua praticada em organizações coletivas se aproxima muito da dádiva, pois se busca a aliança, o fortalecimento do grupo, a manutenção do vínculo social e não apenas o retorno financeiro.

Outro elemento identificado na CSA refere-se às trocas de produtos que os agricultores realizavam para compor as cestas, pois conforme as normas do grupo os coprodutores podiam escolher os produtos das cestas. Assim, os agricultores realizaram um mapeamento da horta e construíram uma lista com uma série de produtos, entre eles: frutas, folhas, raízes tuberosas, tubérculos, bulbos e Pancs.

Para atender aos pedidos semanais dos coprodutores os agricultores realizavam as trocas de produtos, sendo que essas trocas foram identificadas como um traço da reciprocidade, principalmente porque os agricultores desconsideravam o preço dos produtos e consideravam apenas a correspondência mútua. De acordo com Sabourin (2017, p. 06), a ajuda mútua “coloca em jogo laços sociais, sentimentais e simbólicos” e se diferencia da troca ou do comércio por não necessitar de retribuição equivalente.

A ação de troca que os agricultores assumiram pode ser considerada como uma forma de manutenção dos laços de reciprocidade, de amizade, de ajuda mútua e de solidariedade. A troca possibilitava que os agricultores atendessem os seus coprodutores e conseguissem cumprir o compromisso das entregas semanais. Portanto, essa relação de reciprocidade configurou-se como um elemento chave para que outros elementos fossem desencadeados, como a confiança e a amizade.

Contudo, apesar dos avanços no fortalecimento das relações de reciprocidade, foi identificado nas entrevistas que alguns agricultores passaram a se aproveitar das trocas para realizar “ganhos individuais”, pois constituíram uma relação baseada apenas no interesse próprio, o que configura outros tipos de relações existentes entre os agricultores da CSA Cesta em Domicílio.

## 8.2.2 Relação instrumental

A CSA é um sistema que visa muito além da comercialização de produtos agroecológicos, em seus pressupostos está explícito o seu caráter social, ambiental, político e filosófico (URGENCI, 2018). A conexão que a CSA proporciona entre agricultores e coprodutores é o passo inicial para a constituição de uma comunidade que enxergue mais do que uma oportunidade de compra e venda. Em diversos contextos várias CSAs têm sido implementadas com esse objetivo, porém o que se identifica na prática são distintas maneiras de interação com o sistema.

A exemplo tem-se a CSA Cesta em Domicílio, na qual as entrevistas com os agricultores elucidaram que alguns deles enxergam a CSA apenas pelo viés instrumental. Isso ocorre porque alguns agricultores representam essa experiência como um “grupo de comercialização”, pois para eles fazer parte da CSA significa conseguir escoar a produção, sendo que essa relação é condizente com a instrumentalidade, onde não há um envolvimento profundo, sentimental e emocional e as relações permanecem na superficialidade.

Como demonstração da relação instrumental foi possível identificar que alguns entrevistados disseram que havia agricultores da CSA que compravam produtos no ceasa de Belo Horizonte ou em hortifrúteis de Sete Lagoas, com o objetivo de complementar as cestas, conforme a seguinte fala:

Ainda tem gente aqui que buscava produtos no ceasa para colocar na cesta, como a gente confia em pessoas assim? De pegar produtos de outros agricultores aqui, que a gente sabe de onde vem, não. Tem gente que vai lá no ceasa buscar produtos (AGRICULTOR J, 2019).

A ação dos agricultores de realizar a compra de produtos em outros estabelecimentos, no qual não sabem a sua procedência e vendê-los como produção própria e agroecológica, evidencia o seu principal anseio – a comercialização de produtos. Neste sentido, a relação instrumental assumida por alguns agricultores, refere-se a uma interação com o objetivo de escoar a produção e sem uma participação ativa nas atividades da CSA.

Apesar da relação instrumental não ir de encontro com os pressupostos da CSA, essa é uma maneira de interação exercida pelos agricultores que também pode ocorrer

em outras experiências, inclusive pelos coprodutores. Dessa maneira, há que se questionar quais os impactos os diferentes tipos de sociação podem trazer para as CSAs.

A experiência em análise não existe mais como uma CSA e os resultados da pesquisa evidenciam que as relações sociais entre os agricultores foi um aspecto que contribuiu para isso. Portanto, a maneira como os membros interagem e relacionam entre si é um aspecto que merece evidência em um sistema como a CSA, pois isso pode contribuir para o crescimento do grupo ou para o seu fim – a depender da forma como os sujeitos irão se relacionar.

## **9. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente pesquisa teve como objetivo geral analisar o processo organizativo que sustenta as CSAs de Belo Horizonte e Sete Lagoas e verificar se ele resulta na constituição de uma comunidade para as pessoas que integram essas experiências. A CSA Nossa Horta está localizada na cidade de Belo Horizonte e foi implementada a partir da iniciativa da sociedade civil que está inserida em um grande centro urbano, capital do estado de MG, e abarca um público de coprodutores diversificado e os agricultores estão localizados em diferentes cidades da região metropolitana.

A CSA Nossa Horta em seu processo de organização e funcionamento possui como principal característica um núcleo gestor composto por coprodutores que administram o sistema, ao passo que os agricultores administram os processos de organização da produção para a entrega semanal das cestas. As tomadas de decisões sobre o sistema ocorrem de forma colaborativa entre todos os membros nos espaços de assembleias e reuniões.

Outra especificidade dessa CSA refere-se ao evento Mãos à Horta que se caracteriza por ser uma experiência de trabalho voluntário na propriedade dos agricultores, e que possibilita aos coprodutores conhecer as famílias que produzem os alimentos, a área de produção e vivenciar de forma prática o dia a dia de trabalho dos agricultores.

A pesquisa evidenciou que os membros que representam a CSA como um “grupo de comercialização e consumo diferenciados” se caracterizam por não participarem de forma ativa das atividades da CSA e enxergam o sistema por um viés instrumental. Esses membros também constituem relações sociais superficiais, pois a interação que possuem com os demais participantes da CSA ocorre apenas no espaço de

retirada das cestas, não contribuindo para fortalecer os laços de confiança, amizade, reciprocidade e de pertencimento.

Os membros que representam a CSA Nossa Horta como “uma comunidade” são aqueles que estão integrados ao grupo como gestores, colaboradores e/ou participam de seus espaços coletivos – como as assembleias, reuniões e o evento Mãos à Horta. Esses membros atribuem um significado a essa experiência que vai de encontro com os seus propósitos de vida, além disso, com a participação e envolvimento nas atividades da CSA constituíram relações de reciprocidade e pertencimento ao grupo.

Quanto à CSA Cesta em Domicílio de Sete Lagoas, essa experiência foi implementada a partir da iniciativa de um grupo de 20 agricultores que produzem em uma horta comunitária urbana inserida em um bairro da cidade, e durante seu período de funcionamento abarcou um público diversificado de coprodutores residentes da cidade de Sete Lagoas. Durante o seu processo de funcionamento a CSA foi gerida pelos agricultores a partir de um grupo gestor que realizava as atividades administrativas e organizava escalas mensais de colaboração para os demais agricultores.

A principal característica dessa CSA está no fato de ter sido implementada e administrada por um grupo de agricultores, sendo que tal aspecto não é comumente identificado na literatura sobre a CSA, o que remete para uma experiência singular. O principal espaço de interação ocorria nas reuniões, nas quais os agricultores além de discutirem os assuntos concernentes à CSA construíram um espaço de troca de experiências e de fortalecimento dos laços sociais. Porém, esse espaço não foi aderido pelos coprodutores que se relacionavam diretamente com o agricultor que fornecia a sua cesta.

O único espaço coletivo para os agricultores e os coprodutores na CSA Cesta em Domicílio ocorria anualmente nas confraternizações, em que os membros expressavam o significado da CSA em suas vidas, trocavam experiências e se confraternizavam coletivamente. Portanto, a pesquisa nessa CSA ocorreu junto aos agricultores e evidenciou que parte deles representava a experiência como um “grupo de comercialização”, pois o sentido atribuído a CSA estava atrelado ao histórico vivenciado na horta de buscas para o escoamento da produção e diminuição das perdas.

Para esses agricultores a CSA era o canal de comercialização que buscavam e com isso não enxergaram outras possibilidades que o sistema poderia proporcionar. Assim, a maioria dos agricultores assumiram uma participação na CSA através da presença nas reuniões, mas não colaboravam nas atividades semanais do grupo e

constituíram uma relação instrumental, pois o maior objetivo era o escoamento da produção.

Porém, a pesquisa identificou que outro grupo de agricultores representava a CSA Cesta em Domicílio, denominada nesta pesquisa como “grupo com comercialização diferenciada”, pois mesmo identificando a experiência como um canal de comercialização, esses agricultores conseguiram identificar outros significados e sentidos na CSA, de forma que puderam enxergar no sistema aspectos diferenciados do que comumente estavam acostumados nas vendas para os atravessadores e/ou nas feiras.

Esses agricultores visualizaram na CSA a oportunidade de proximidade junto aos coprodutores, a seguridade do escoamento da produção, a possibilidade do trabalho coletivo, a possibilidade de autonomia na horta comunitária e a constituição de espaços para o fortalecimento das relações sociais de reciprocidade, confiança e de amizade, sendo que foi dessa maneira que esses agricultores buscaram se relacionar na CSA.

Ao analisar as duas experiências de CSA foi possível identificar que agricultores e coprodutores relacionam-se de maneira distinta no sistema e assumem posicionamentos diferentes para a organização e funcionamento das CSAs. Há membros mais engajados e participativos que interagem ativamente no sistema, ao passo que outros membros optam por manterem-se distantes dos processos organizativos e dos espaços de interação social.

Os diferentes tipos de relações sociais assumidas nas CSAs é o que constitui a comunidade. Contudo, dentro da ideia do que a CSA compreende como comunidade, tem-se os seguintes elementos: i) A comunicação entre os membros como a base para que seja desenvolvida a confiança e a parceria, pois ao se comunicar o grupo cria laços e mantém uma interação de forma a tornar evidente tudo o que se passa na CSA; ii) As reuniões para que o planejamento da CSA seja comum a todos e não haja concentração de decisões e nem tarefas, assim é desenvolvido a cooperação e a participação de todos; iii) O trabalho voluntário nas fazendas de produção para construir um elo mais forte entre o consumidor, a terra, e o agricultor; iv) A organização de eventos para a confraternização da CSA e a troca de experiências (PERÉNYI et al, 2016).

Esses elementos transmitem a ideia de que a comunidade é constituída a partir do envolvimento e integração dos membros nas atividades da CSA. Em conformidade, Pole e Gray (2013) ao analisarem a comunidade no contexto das CSAs do estado de Nova York, os autores identificaram que o sistema constitui uma comunidade rasa, devido ao fato dos membros não se envolverem nas atividades da CSA. No entanto, a

presente pesquisa evidencia que nas CSAs analisadas há membros que se envolvem nas atividades do sistema, ao passo que outros desenvolveram uma relação instrumental, sendo que essas distintas formas de relações é que constituem a comunidade.

Mesmo não havendo a integração de todos os membros nas atividades da CSA, a comunidade não pode ser taxada como frágil ou rasa. O objetivo da comunidade para sustentar a agricultura não se refere apenas ao trabalho voluntário para o funcionamento da CSA e o fortalecimento das relações sociais, pois a relação econômica através do pagamento mensal também é parte importante dessa comunidade. Portanto, o processo de organização e funcionamento da CSA prove subsídios para que os membros constituam a comunidade que sustenta a agricultura, sendo que isso pode ocorrer através do trabalho voluntário em prol do sistema e/ou por meio do pagamento mensal.

Nesse sentido, é preciso relativizar a ideia de comunidade que a CSA propõe, pois há distintas maneiras que os membros das CSAs podem se relacionar e são essas relações, em seus diferentes tipos, que constituem a comunidade. A importância das relações sociais de confiança, reciprocidade, pertencimento, amizade e de cooperação em um sistema CSA estão conjuntamente ligadas à importância das relações econômicas que proveem os recursos financeiros, que são necessários para que os agricultores possam produzir e sustentar materialmente suas famílias.

Dessa maneira, há que se questionar se a ideia de comunidade como a CSA propõe não seria apenas um agregador de valor para o sistema, que tenta trazer a idealização de uma comunidade na qual todos os seus membros colaboram e participam de forma igualitária – o que atenua um diferencial do sistema frente ao mercado convencional. Contudo, ressalta-se que a presente pesquisa possui limitações, tendo em vista que os fenômenos investigados referem-se a duas experiências de CSA do estado de MG, o que não serve como parâmetro nacional, mas sim como um aspecto de reflexão sobre a comunidade que é constituída pela CSA e que carece de novas pesquisas com esse enfoque.

É necessário explorar em novas pesquisas os tipos de relações sociais que os membros de outras experiências constituem para que se possa investigar os limites e possibilidades de tais aspectos no que compete a organização, funcionamento e integração dos membros na CSA. Identificar estratégias utilizadas pelas CSAs para envolver os membros em torno das atividades do grupo é um elemento importante e que poderá contribuir para a área ao trazer à tona possibilidades de coesão do grupo para que não ocorra sobrecarga de trabalho nos membros mais engajados. Sendo que esses

aspectos poderão contribuir para identificar como a comunidade é constituída em outras CSAs e se possuem fatores semelhantes com os identificados nessa pesquisa.

Por fim, conclui-se a presente pesquisa retomando a pergunta que intitula esse trabalho. O que sustenta a comunidade? Através das experiências analisadas é possível inferir que a comunidade é sustentada pelas diferentes relações que os membros das CSAs constituem entre si. Sejam elas relações mais próximas, que convergem para um trabalho ativo e voluntário junto a CSA ou uma relação instrumental e de distanciamento, no qual a principal forma de participação é através do pagamento mensal. A pesquisa possibilitou identificar que essas distintas formas de relações em uma CSA são importantes elementos para sustentar a comunidade que irá sustentar a agricultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vander Luiz. **Empresas Sociais de Agricultura Urbana: um estudo nas Comunidades que Sustentam a Agricultura em Belo Horizonte e Londres** Tese de Doutorado. Universidade Católica de Minas Gerais, 2018.

AMORIM, Joana Ortega de Lima. **Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) em São Paulo e agricultura solidária (solawi) na Alemanha: construindo indicadores sociais, econômicos e ambientais.** Dissertação (Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural). Universidade Federal de São Carlos. Araras, 2018.

ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de pesquisa**, n. 117, p. 127-147, 2002.

ATANASOAI, G. **Distribution channels on the organic foods market.** JOURNAL of Horticulture, Forestry and Biotechnology. 2011.v.15(3), p. 19-25.

ATTRA: **National Sustainable Agriculture Information Service.** 2006. Disponível em: <<https://attra.ncat.org>>. Acesso em: 3 fev. 2019

AUBRY, Christine; CHIFFOLEAU, Yuna. Le développement des circuits courts et l'agriculture péri-urbaine: histoire, évolution en cours et questions actuelles. In: **Colloque Agriculture péri-urbaine. 2009-05-05, Versailles, FRA.** 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BENINI, Maria Luiza de Andrade. Entre lugares e espaços: uma caminhada no grupo de CSA (Community Supported Agriculture) de Barão Geraldo. **Cadernos de Agroecologia**, v. 11, n. 2, 2017.

BOUGHERARA, Douadia; GROLLEAU, Gilles; MZOUGH, Naoufel. Buy local, pollute less: What drives households to join a community supported farm? **Ecological Economics**, New York, v. 68, n. 5, p. 1488-95, 2009.

BOURDIEU, Pierre, "Le capital social- notes provisoires", publicado originalmente in **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, n. 31, janeiro de 1980, p. 2-3.

CALBINO, Daniel; BORGES, Iran; ANDRADE, Luis; ABREU, Caroline; Gonçalves, Fernanda. Avanços e desafios das hortas comunitárias urbanas de base agroecológica: uma análise do município de Sete Lagoas. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 14, n. 2, p. 59-80, 2017.

CASTELO BRANCO M; LIZ RS; ALCÂNTARA FA; MARTINS HAG; HANSON JC. Agricultura apoiada pela comunidade: poderia a experiência dos agricultores americanos ser útil para os agricultores urbanos brasileiros? **Horticultura Brasileira** 29: 43-49. 2011.

CASTILHOS, Dino Sandro Borges de. **Capital social e políticas públicas: um estudo da linha infra-estrutura e serviços aos municípios do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar.** 2002. 172 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Ciências Econômicas, Porto Alegre. 2002.

CARVALHO, E; TEIXEIRA, A; FRANÇA E. As hortas comunitárias urbanas de Sete LagoasMG. Congresso Pan-Americano de incentivo ao consumo de frutas e hortaliças para a promoção da saúde, 5., 2009, Brasília (DF). **Anais [...]**. Brasília, 2009.

CHARTIER, R. A. **História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo (pp.245). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHIFFOLLEAU, F. escircuits courts de commercialisation des produits alimentaires biologiques: RMT Dév AB - AXE 1 - partenariats - fiche n° 2: **les circuits courts de commercialisation** em AB, 2009.

COMERFORD, John Cunha. **Como uma Família: sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/Núcleo de Antropologia da Política, 2003.

COOLEY JP; LASS DA, F. Consumer benefits from Community Supported Agriculture Membership. A comparison of CSA share versus retail produce value. **Review of Agricultural Economics** 20: 227-237. 1998.

COLEMAN, James S. **Foundations of social theory**. Cambridge, Harvard University Press, 1990.

CRAVIOTTI, Clara; PALACIOS, Paula. La diversificación de los mercados como estrategia de la agricultura familiar. **Rev. Econ. Sociol. Rural**, Brasília , v. 51, supl. 1, p. s063-s078, 2013 .

CSA BRASIL. **Comunidade que Sustenta a Agricultura – BRASIL**. 2017. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/category/publicacoes>. Acesso em: 05 set. 2018.

\_\_\_\_\_. **Comunidade que Sustenta a Agricultura – BRASIL**. 2018. Disponível em: <http://www.csabrasil.org/csa/>. Acesso em: 16 fev. 2019.

DELÉAGE, Estelle. Les mouvements agricoles alternatifs. **Informations sociales**, n. 2, p. 44-50, 2011.

DELIND, L; FERGUSON, A. Is This a Women's Movement? The Relationship of Gender to Community-Supported Agriculture in Michigan. **Human Organization: Summer**, Vol. 58, No. 2, pp. 190-200, 1999.

DURSTON, John. **¿Qué és el capital social comunitario?** División de Desarrollo Social. Serie Políticas Sociales. Santiago do Chile, jul. 2000.

DURKHEIM, E. Introdução e conclusão. In: \_\_\_\_\_. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 203-245. (Coleção Os pensadores).

ECKERT, D., & Meira, F. B. **A mercantilização em contramovimento: Relações de reciprocidade e coesão social na agricultura sustentada pela comunidade em Minas Gerais**. 2016. 235 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2016.

FEAGAN, Robert; HENDERSON, Amanda. Devon Acres CSA: Local struggles in a global food system. **Agriculture and human values**, v. 26, n. 3, p. 203-217, 2009.

FONTES, Breno Augusto. Capital social e terceiro setor: sobre a estruturação das redes sociais e associações voluntárias. **Caderno CRH**, v. 12, n. 30, 2006.

FONSECA, Alexandre Brasil et al. Modernidade alimentar e consumo de alimentos: contribuições sócio-antropológicas para a pesquisa em nutrição. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, p. 3853-3862, 2011.

FRIEDMANN, H. The Political Economy of Food: a global crises. **New Left Review**, London, n. 197, 1993.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUZZATTI et al. Novas relações entre agricultores familiares e consumidores: Perspectivas recentes no Brasil e na França. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, Lavras, v. 16, n. 3, p. 363-375, 2014.

GROH, Trauger; MCFADDEN, Steve. Farms of tomorrow revisited: community supported farms – farm supported communities. Kimberton, PA: **Biodynamic Farming and Gardening Association**, 1997.

HARDIN, R. (2001). Conceptions and explanations of trust. In K. S. Cook (Ed.), Russell Sage foundation series on trust, Vol. 2. **Trust in society** (pp. 3-39). New York, NY, US: Russell Sage Foundation.

HARTLEY, Jean F. Case studies in organizational research. **Qualitative methods in organizational research: A practical guide**, p. 208-229, 1994.

HENDERSON, Elisabeth; VAN EN, Robyn. Sharing the harvest: a citizen's guide to community supported agriculture. 2. ed. **Vermont: Chelsea Green Publishing Co.**, 2007.

HIGGINS, S. S. **Fundamentos teóricos do capital social**. Chapecó: Argos, 2005.

HOROCHOVSKI, M. T. H. **Representações sociais: delineamentos de uma categoria analítica**. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 92-106, jan./jun., 2004.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. **As representações sociais**, p. 17-44, 2001.

\_\_\_\_\_. Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. **Revista Etnográfica**. 14 (1): 27-58, fevereiro de 2010.

LAMB, G. Community Supported Agriculture Can it Become the Basis for a New Associative Economy? **The Threefold Review**, 1994.

LAMINE, Claire. Settling shared uncertainties: local partnerships between producers and consumers. **Sociologia ruralis**, v. 45, n. 4, p. 324-345, 2005.

LANG, K. Brandon. The Changing Face of Community-Supported Agriculture. **Culture & Agriculture**, v. 32, n. 1, p. 17-26, 2010.

- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- LOCKE, R. M. Construindo confiança. **Econômica**. V. 3, n. 2, 2001.
- MARTELETO, Regina Maria et al. Redes e capital social: o enfoque da informação para o desenvolvimento local. **Ciência da informação**, v. 33, n. 3, 2004.
- MARTINS, Alanda Lopes Baptista. **Agricultura Apoiada pela Comunidade ou comunidade apoiada pela agricultura? A relação campo-cidade pela ética da solidariedade**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, 2017.
- MARSDEN, Terry; BANKS, Jo; BRISTOW, Gillian. Food supply chain approaches: exploring their role in rural development. **Sociologia ruralis**, v. 40, n. 4, p. 424-438, 2000.
- MCMILLAN, David W. CHAVIS, David M. Sentido de comunidade: Uma definição e teoria. **Jornal de psicologia comunitária**, v. 14, n. 1, p. 6-23, 1986, p.8.
- MCFADDEN, Steven. **Community farms in the 21st century: poised for another wave of growth? Kutztown, PA: Rodale Institute**, 2004. Disponível em: <<http://newfarm.rodaleinstitute.org/features/0104/csa-history/part1.shtml>>. Acesso em 07 set. 2018.
- MELO, Angelina Moreira; CALBINO, Daniel; DE FREITAS, Alair Ferreira. Contribuições metodológicas para a extensão a partir da implementação do modelo Community-Supported Agriculture no município de Sete Lagoas-MG. **Revista Ciência em Extensão**, v. 14, n. 4, p. 165-176, 2018.
- \_\_\_\_\_, Angelina Moreira; CALBINO, Daniel; FIGUEIREDO, Yuri Gomes; SILVA, Fabiola Paulino da; CARVALHO, Erika Regina de Oliveira. Desafios das práticas agroecológicas no contexto do associativismo em hortas comunitárias no município de Sete Lagoas–MG. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.
- MILANI, Carlos. Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). **Organizações & Sociedade**, v. 11, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011, p. 14.
- \_\_\_\_\_. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: **Hucitec**, 2007.
- MIZRUCHI, M. S. Análise de redes sociais: avanços recentes e controvérsias atuais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.46, n.3, p.72-86, 2006.
- MOISÉS, José Álvaro. Cidadania, confiança e instituições democráticas. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, vol. 65, p. 71-94, 2005.

MOLLERING, G. (2001). The Nature of Trust: From Georg Simmel to a Theory of Expectation, Interpretation and Suspension. **Sociology**, 35(2), 403-420.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Trad. de Álvaro Cabral. Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_, Serge et al. **Psicología social, Influencia e cambios de actitudes: individuos y grupos**. 1985.

\_\_\_\_\_, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thompson, 2002.

MURDOCH, J. Networks: a new paradigm of rural development? **Journal of Rural Studies**, Amsterdã, v.16, n.1, p.407-419, 2000.

NETO, Djalma Nery Ferreira; TORUNSKY, Flavia. Agricultura apoiada pela comunidade e a “economia viva” de Rudolf Steiner. **REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, v. 8, n. 2, 2014.

\_\_\_\_\_, Djalma Nery Ferreira et al. Financiamento da produção agroecológica a partir do modelo de CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura): um panorama no estado de São Paulo. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2016.

NEVES, Thomaz Lana. **Design para o sistema alimentar: um estudo comparativo de sistemas produto-serviço para produção, distribuição e comercialização de alimentos**. Dissertação (mestrado)- Universidade do Estado de Minas Gerais, Escola de Design. 2017

NIEDERLE, Paulo André. Mercados como arenas de luta por reconhecimento: disputas morais na construção dos dispositivos de qualificação dos alimentos. **Política & Sociedade**, v. 15, n. 33, p. 97-130, 2016.

O’HARA, Sabine U; STAGL, Sigrid. Endogenous preferences and sustainable development. **The Journal of Socio-Economics**, v. 31, n. 5, p. 511-527, 2002.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO**, 2011.

OLIVEIRA, Fernanda Antunes de. **Comunidade que sustenta a agricultura: entendendo as CSAS de Belo Horizonte e analisando suas possibilidades e desafios**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

ORTEGA, Joana et al. Panorama das comunidades que sustentam a agricultura (CSA): os movimentos no Brasil e Europa. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

PERÉNYI, Zsófia; ISERTE, Morgane; PÂUN, Georgiana; VETAN, Mihaela; JAN, Valeška. **Be part of CSA! Supporting Booklet for Training on Community Supported Agriculture**. Published in 2016 as part of the Be part of CSA! international project that was funded by the European Union under the Erasmus. 2016. Disponível

em: [http://urgenci.net/wpcontent/uploads/2016/11/BPCSABooklet\\_2016\\_eng.pdf](http://urgenci.net/wpcontent/uploads/2016/11/BPCSABooklet_2016_eng.pdf)  
Acessado em 01/08/2019

PEREZ, J. **Community Supported Agriculture on the Central Coast: The CSA Member Experience**. Center for Agroecology and Sustainable Food Systems, UC Santa Cruz Publication, 2003.

PEREZ-CASSARINO, Julian. **A Construção social de mecanismos alternativos de mercados no âmbito da rede Ecológica de agroecologia**. Tese não publicada (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2012.

PINHEIRO, Daniel Calbino et al. Capital social e desenvolvimento organizacional cooperativo: reflexões a partir de um caso empírico. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Taubaté, SP, v. 12, n. 2, p. 91-115, mai-ago/2016.

POHLMANN, Hermann. Homem ocidental-homem oriental: community supported agriculture como escultura social. **Palíndromo**, v. 4, n. 8, 2013.

POLANYI, K. **A Grande Transformação**. RJ: Campus, 1980.

POLE, A., GRAY, M. Farming alone? What's up with the "C" in community supported agriculture. **Agriculture and Human Values**, 2013, 30 (1): 85-100.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 33, p. 133-158, 2000.

PORTUGAL, Silvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, n.271, 2007.

POWELL, W. W; Colyvas, J. Microfoundations of Institutional Theory. In R. Greenwood, C. Oliver, R. Suddaby e K. Sahlin-Andersson (Eds.), **Handbook of Organizational Institutionalism** (p. 276-298). Thousand Oaks, CA: Sage Publishers. 2008.

PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

RAUD-MATTEDI, Cécile. A construção social do mercado em Durkheim e Weber: análise do papel das instituições na sociologia econômica clássica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 20, n. 57, p. 127-142, 2005.

RETIÈRE, Morgane Isabelle Hélène. **Agricultores inseridos em circuitos curtos de comercialização: modalidades de venda e adaptações dos sistemas agrícolas**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2014.

RENTING, Henk; MARSDEN, Terry K.; BANKS, Jo. Understanding alternative food networks: exploring the role of short food supply chains in rural development. **Environment and planning A**, v. 35, n. 3, p. 393-411, 2003.

ROMAN, Christine; CHAMARD, Camille; HOCHEUX, Aurélie. **Agriculture de proximité, circuits courts: les territoires Aquitains s'impliquent: guide pour l' action 2011**. Bordeaux: Réseau Rural em Aquitaine, 2011.

ROTOLI, Liliane. Ubeda. Morandi. **Análise da relação entre produtor e consumidor vinculados a CSA (Community Supported Agriculture) do Estado de São Paulo sob a ótica da economia dos custos de transação.** 2016. Dissertação (Mestrado em Agronegócio e Desenvolvimento) – Universidade Estadual Paulista, Campus de Tupã, 2016.

SABOURIN, Eric. Teoria da reciprocidade e sócio-anthropológico desenvolvimento. **Sociologias**, v. 13, n. 27, p. 24-51, 2011.

\_\_\_\_\_, Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 23, n. 66, p. 131-138, 2008.

SANTANA, G. S. **Impactos ambientais e socioeconômicos do uso da água nas CSAs do DF.** 2018, 163 f. Dissertação. (Mestrado em Agronegócio) – Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília, Brasília, 2018

\_\_\_\_\_, Liliane Ubeda Morandi; SCALCO, Andrea Rossi. Evolução da agricultura suportada pela comunidade como um mecanismo de comercialização no Brasil. **Revista ESPACIOS| Vol. 37 (Nº 19)** 2016.

SCARABELOT, Maristela; SCHNEIDER, Sérgio. As cadeias agroalimentares curtas e desenvolvimento local—um estudo de caso no município de Nova Veneza/SC. **Revista Faz Ciência**, v. 14, n. 19, p. 101, 2012.

SCHMITT, Claudia Job. Encurtando o caminho entre a produção e o consumo de alimentos. **Agriculturas, Rio de Janeiro**, v. 8, n. 3, p. 4-8, 2011.

SCHNEIDER, Sérgio; FERRARI, Dilvan Luiz. Cadeias Curtas, Cooperação e Produtos de Qualidade na Agricultura Familiar o Processo de Relocalização da Produção Agroalimentar em Santa Catarina. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, v. 17, n. 1, 2015.

\_\_\_\_\_. Mercados e Agricultura Familiar. MARQUES, Flávia Charão; CONTERATO, Marcelo Antonio; SCHNEIDER, Sergio **Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o Desenvolvimento Rural.** UFRGS Editora, 2016, P. 96 – 97.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, v. 8, n. 13, 2000.

SINGER, Paul. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego.** São Paulo: Contexto, p. 11-28, 2000.

SILVA, Lorene Almeida Tiburtino et al. A Experiência da CSA-Comunidade que Sustenta a Agricultura como Fator Promotor de Desenvolvimento Local-Revisão. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 2, p. 9-9, 2018.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal). In: **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade.** Tradução de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. A metrópole e a vida mental. In:VELHO, G. (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SWISHER, M, E., et al. ¿Qué Es una Granja Apoyada por una Alianza de Consumidores? Family Youth and Community Sciences, Servicio de Extensión Cooperativa de la Florida, **Instituto de Alimentos y Ciencias Agrícolas**, Universidad de la Florida, 2012.

TRICHES, Rozane Marcia; SCHNEIDER, Sergio. Alimentação, sistema agroalimentar e os consumidores: novas conexões para o desenvolvimento rural. **Cuadernos de desarrollo rural. Bogotá, Colombia. Vol. 12, n. 75 (enero/jun. 2015), p. 55-75**, 2015.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Pesquisa qualitativa. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, p. 116-173, 1987.

TORRES, Camila Lombardi. **Comunidade que sustenta a agricultura: a reaplicação da tecnologia social a partir dos casos pioneiros em Brasília**. 2017. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília

TORUNSKY, Flavia; NETO, Djalma Nery Ferreira; DE LIMA AMORIM, Joana Ortega. CSA: Comunidade que Sustenta Agricultura, uma experiência em São Carlos. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2016.

URGENCI. The **International Network for Community Supported Agriculture**. Aubagne, FR: **Urgenci**, 2010. Disponível em: <https://urgenci.net/csa-history/>. Acesso em 20 de março de 2019.

\_\_\_\_\_. The International Network for Community Supported Agriculture. Aubagne, FR: **Urgenci**, 2017. Disponível em: <https://urgenci.net/vision-and-mission/>. Acesso em: 28 maio 2018.

\_\_\_\_\_. The **International Network for Community Supported Agriculture**. Aubagne, FR: **Urgenci**, 2018. Disponível em: <http://urgenci.net>. Acesso em: 05 set 2018.

\_\_\_\_\_. The **International Network for Community Supported Agriculture**. Aubagne, FR: **Urgenci**, 2019. Disponível em: <http://urgenci.net>. Acesso em: 19 fev 2019.

\_\_\_\_\_. The **International Network for Community Supported Agriculture**. Aubagne, FR: **Urgenci**, 2019. Disponível em: <https://urgenci.net/vision-and-mission/>

WELLS, B; GRADWELL, S. Gender and resource management: Community supported agricultura as caring-practice. **Agriculture and Human Values**, 18, 107-119, 2001.

WILKINSON, John. Os gigantes da indústria alimentar entre a grande distribuição e os novos clusters a montante. **Estudos Sociedade e Agricultura**, 2002.

\_\_\_\_\_. A agricultura familiar ante o novo padrão de competitividade do sistema agroalimentar na América Latina. **Estudos sociedade e agricultura**, 2003.

\_\_\_\_\_. Mercados e Agricultura Familiar. MARQUES, Flávia Charão; CONTERATO, Marcelo Antonio; SCHNEIDER, Sergio **Construção de Mercados e Agricultura Familiar: Desafios para o Desenvolvimento Rural**. UFRGS Editora, 2016, P.53.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZIKMUND, W. G. **Business research methods**. 5.ed. Fort Worth, TX: Dryden, 2000.

## APÊNDICE

### Roteiro de entrevista para a CSA Nossa Horta

Identificação do entrevistado (a):

Nome:

Qual a função na CSA:

Participa há quanto tempo

#### Acesso a CSA

- 1) Como você teve conhecimento/acesso ao grupo?
- 2) O que te levou a participar da CSA?

#### O processo de gestão

- 3) Como funciona a CSA?
- 4) Quem assume a gestão e por quê?
- 5) O que você acha desse processo de gestão e por quê?
- 6) O que tem institucionalizado/formalizado?
- 7) Como as pessoas que fazem a gestão se relacionam com as pessoas da CSA e por quê?

#### A natureza das relações

- 8) Quais são as principais pessoas que você se relaciona no grupo e por quê?
- 9) Quem são as pessoas mais influentes e por quê?
- 10) Como você percebe a interação entre as pessoas?
- 11) Quais os motivos da interação?
- 12) O grupo tem o hábito de se reunir para eventos festivos da CSA?
- 13) Os coprodutores conhecem pessoalmente os agricultores? Já visitaram as áreas de produção agrícola?

#### Como é a representação da experiência

- 14) O que é a CSA para você?
- 15) O que você acha das pessoas que participam da CSA?
- 16) O que significa participar da CSA como coprodutor ou agricultor?

- 17) Por quais motivos você permanece na CSA?
- 18) O que significa para você receber a cesta de produtos agroecológicos ou produzir?

#### Identificação da comunidade

- 19) Você sente que as outras pessoas se sentem parte de um grupo e por quê?
- 20) Levando em consideração que os processos da CSA são realizados na base da confiança, você confia nesse grupo ou em parte dele? Por quê?
- 21) Você acha que o grupo confia em você? Por quê?
- 22) Já houve e há conflitos? Por quê? Como eles foram resolvidos?
- 23) Quais são as principais dificuldades do grupo e potencialidades?

#### **Roteiro do questionário online para a CSA Nossa Horta**

1) Qual a sua função/participação na CSA? \*Pode marcar mais de uma opção.

- coprodutor  colaborador
- agricultor  Outros \_\_\_\_\_

Faço parte da CSA

2) Como você tem acesso a sua cesta?

- A cesta é entregue
- Eu vou buscar a cesta

3) Como você teve conhecimento/acesso ao grupo de CSA

- Amigos
- Familiares
- divulgação na internet
- Divulgação impressa (folhetos, jornais, revistas)
- colegas de trabalho
- Outros \_\_\_\_\_

4) O que te levou a participar da CSA?

5) Porque você permanece na CSA Nossa Horta?

6) Como você participa da CSA Nossa Horta? \*pode marcar mais de uma opção

- Recebo/busco as cestas semanalmente
- Colabora na gestão
- Participo das reuniões e assembleias
- Participo dos eventos promovidos pela CSA Nossa Horta
- Mantenho contato com os integrantes (coprodutores)
- Mantenho contato com os integrantes (agricultores)
- Outros...

7) Com que frequência você se comunica com os integrantes da CSA?

- uma vez por semana
- mais de uma vez por semana
- a cada quinze dias
- uma vez por mês
- não há comunicação
- Outros \_\_\_\_\_

8) Que tipo de interação você estabelece com os membros da CSA Nossa Horta? \*pode marcar mais de uma opção.

- Relação de amizade
- Relação estritamente profissional (busco/recebo a cesta e realizo pagamento)
- Relação de confiança
- Relação de desconfiança
- Nenhuma interação
- Outros \_\_\_\_\_

9) Por quais meios você interage? \*pode marcar mais de uma opção.

- Presencial
- Facebook
- Instagram

- WhatsApp
- Ligação telefônica
- Não tem interação
- Outros\_\_\_\_\_

10) Com base na sua participação na CSA Nossa Horta, o que você entende por Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)?

11) Você sente que faz parte de uma comunidade ao participar da CSA Nossa Horta? Por quê?

12) Você conhece os agricultores da CSA Nossa Horta? se sim, cite os nomes daqueles que você conhece.

13) Você já participou de alguma visita na fazenda dos agricultores? Se sim, em qual?

14) Você se sente motivado a convidar outras pessoas do seu convívio para participarem da CSA Nossa Horta?

- Sim
- Não
- Outros\_\_\_\_\_

15) Você já indicou/convidou amigos para o CSA Nossa Horta e hoje eles fazem parte do grupo?

- Sim
- Não
- Outros\_\_\_\_\_

### **Roteiro de entrevista para a CSA Cesta em Domicílio**

Identificação: Nome: Idade: Participa há quanto tempo:
---

### **Acesso a CSA**

- 1) Como você teve conhecimento/acesso ao grupo?
- 2) O que te levou a participar da CSA?

### **O processo de gestão**

- 3) Como funcionava a CSA?
- 4) Quem assumia a gestão e por quê?
- 5) O que você achava do processo de gestão e por quê?
- 6) O que a CSA tinha institucionalizado/formalizado?
- 7) Como as pessoas que faziam a gestão se relacionavam com as pessoas da CSA e por quê?

### **A natureza das relações**

- 8) Quais eram as principais pessoas que você se relacionava no grupo e por quê?
- 9) Quem eram as pessoas mais influentes e por quê?
- 10) Como você percebia a interação entre as pessoas?
- 11) Quais eram os motivos da interação?
- 12) O grupo tinha o hábito de se reunir para eventos festivos da CSA?
- 13) Os coprodutores conheciam pessoalmente os agricultores? Já visitaram as áreas de produção agrícola?

### **Como é a representação da experiência**

- 14) O que é a CSA para você?
- 15) O que você acha das pessoas que participam da CSA?
- 16) O que significa participar da CSA como coprodutor ou agricultor?
- 17) Por quais motivos você permanece na CSA?
- 18) O que significa para você receber a cesta de produtos agroecológicos ou produzir?

### **Identificação da comunidade**

- 19) Você percebia que as pessoas se sentiam parte de um grupo e por quê?
- 20) Levando em consideração que os processos da CSA eram realizados na base da confiança, você confia nesse grupo ou em parte dele? Por quê?
- 21) Você acha que o grupo confiava em você? Por quê?
- 22) Já houve conflitos? Por quê? Como eles foram resolvidos?
- 23) Quais eram as principais dificuldades do grupo e potencialidades?

## Registros da participação da pesquisadora no evento Mãos à Horta

Figura 22: Mesa de café da manhã compartilhada entre os participantes do evento



Figura 23: roda de conversa



Figura 24: caminhada na propriedade do agricultor



Figura 24: atividades na área de produção

